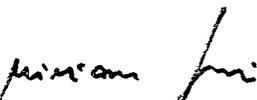


Burocráticos e Românticos

Pontos para uma etnografia do campo
jornalístico paulistano

Cláudia Lago

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Aprovado pelo Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:



Dra. Miriam Pillar Grossi



Dra. Paula Monteiro



Dr. Hélio R. S. Silva

Agradecimentos

Tentar agradecer a todos com quem me encontrei nesse longo trajeto é certamente difícil e com certeza cometerei injustiças ao não destacar o nome de alguns. Portanto, de antemão peço desculpas pelos esquecimentos.

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à minha família, principalmente a Mara e Paulo, que sempre deram apoio (afetivo e material) aos meus devaneios acadêmicos; aos colegas de curso (Marcinha, Dione, Elsje, Rose, Márcio, Rita...) e aos professores, com quem tive a sorte de ouvir os anthropological blues, especialmente Míriam (orientadora paciente) e Dennis (um antropólogo de uma autenticidade interessante); aos amigos que ouviram, agüentaram as crises e palpitararam, como Renata, Alessandro, Andrea, Grace, Vanessa, Daniel, Marise, Regina, Katita; aos manos Nanda e João; aos colegas jornalistas, meus queridos "objetos"; a Paulo, pelas conversas informais sobre a profissão e pelo empréstimo do computador; ao CNPq, pela bolsa que me permitiu realizar a pesquisa; ao pessoal da FGV, pela oportunidade de centrar o foco num momento importante; a todos no PPGAS, que estiveram a postos nos principais momentos; a Marcelo, pelo computador, o teto, o trabalho, o afeto e o colo, fundamentais nesse final.

Resumo

O presente trabalho procura oferecer um caminho para a análise de aspectos do jornalismo paulistano. Parte do pressuposto de que este pode ser investigado a partir da noção de campo social de Pierre Bourdieu e enfoca a relação que alguns agentes que transitam dentro desse campo estabelecem com o jornalismo. A partir disso, identifica duas lógicas próprias de legitimação, dois modos de fazer e encarar a profissão, o jornalismo burocrático e o jornalismo romântico. Duas lógicas que são complementares e que no cotidiano das redações se misturam, constituindo o campo jornalístico enquanto tal.

Abstract

This work proposes to analyze aspects of the journalistic activity in the city of São Paulo. Based on the premise that it can be investigated under the light of the social field concept of Pierre Bourdieu, focuses on the relationship that some agents have established with the journalistic activity. From this point, the work identifies two manners of carrying out and facing the profession: a bureaucratic journalism and a romantic journalism. Two logics which complement each other and which coexist in the workplace, forming the journalistic field as such.

De que trata esse trabalho

Minha pesquisa e sua existência real, a dissertação, falam do jornalismo. Não apenas dos jornalistas que entrevistei e dividiram comigo suas experiências. Procura falar do jornalismo enquanto espaço de lutas e disputas pelo reconhecimento "*uma dimensão fundamental da vida social*", como já mencionou Bourdieu, onde existem lógicas e legitimidades diversas.

A primeira parte do trabalho, *Questões Metodológicas: Reflexões e Catarse*, narra o processo através do qual uma jornalista-antropóloga se tornou uma antropóloga-jornalista, quais os caminhos que percorreu e as escolhas que fez frente a seu 'objeto' de estudo. Bastante pessoal, discorre sobre a relação com os informantes, as questões colocadas no início e as surpresas no decorrer da pesquisa.

O segundo capítulo, *Questões Teóricas: Algumas Reflexões*, aponta quais as matrizes utilizadas para construir o objeto de estudo, detalhando principalmente a noção de *campo social* de Pierre Bourdieu e de *burocracia* de Max Weber, para depois propor como caminho de investigação interpretar o jornalismo através das categorias Romântico e Burocrático, que são duas lógicas de legitimação, dois modos de fazer o jornalismo coexistentes e complementares.

O capítulo seguinte, dedicado ao trabalho de campo propriamente dito, *Alguns Agentes e o Campo Jornalístico*, fala um pouco do espaço onde se articulam as lógicas e dos agentes: os jovens promissores, que serviram de "gancho" para investigar o campo jornalístico e os jornalistas que chamei de românticos, apesar de ter consciência das dificuldades de aplicar esses rótulos. Fala sobre suas formas de se relacionar com a profissão, suas motivações e interpretações acerca do campo.

O último capítulo, *Conclusões, Reflexões, Indagações e Explicações*, retoma as propostas de análises do capítulo II, confrontando-as com outros dados e discorre sobre novos aspectos que poderiam ser investigados tomando-se como ponto de partida a dualidade romântico/burocrático, bem como a propriedade da utilização dessa dualidade.

Essa dissertação, por fim, marca o trajeto percorrido desde quando iniciei a pesquisa até seu término, pontilhado por inúmeras idas e vindas. E seu resultado, mais levantou questões do que respondeu s inúmeras perguntas que tinha ao iniciá-lo. No entanto, penso que oferece um caminho possível para investigar aspectos de um campo intimamente conectado ao emaranhado social formado pelos campos de produção de bens simbólicos. Se tal é correto, já me dou por satisfeita.

Para LÍgia e Iago, meus dois extremos.
E para Lourdes, quem primeiro me fez jornalista.

Índice

Questões Metodológicas: Reflexões e Catarse	1
O início.....	2
Falando especificamente do objeto	3
Porque reconstruir o trajeto	6
Antropólogos nas cidades	7
Dilemas singulares (ou, As surpresas antropológicas).....	11
O fieldwork inicial.....	13
Os contatos informais	15
Retomando as entrevistas.....	17
Na prática jornalística	19
Retomando a pesquisa	20
Construindo o campo.....	21
Novamente na prática	24
Algumas reflexões.....	25
Questões Teóricas: Algumas Reflexões	29
Indicando algumas preocupações	30
Alguns dilemas antropológicos.....	32
Antropologia e auto-reflexividade	34
Um pé no céu e outro na terra.....	36
Campo social.....	39
Mercado e campos culturais.....	41
Indústria cultural e campo jornalístico.....	46
Características própria do campo jornalístico.....	48
Autonomia dos jornais e autonomia dos jornalistas.....	50
Campos culturais no Brasil.....	51
O campo jornalístico paulistano.....	53
Românticos.....	55
...E burocráticos	58
Alguns agentes do campo jornalístico.....	60
Alguns Agentes e o Campo Jornalístico	65
1. O Espaço (redação x rua).....	66
O Trabalho: acerca da edição e outras responsabilidades	69
La vitesse.....	72

2. Os jovens promissores (burocráticos).....	74
Famílias	76
Encontro com a profissão	78
A Faculdade.....	79
Desencantamento.....	81
Refazendo o plano ideal.....	84
Nós e os outros.....	85
3. Românticos	87
Famílias	88
Encontro com a profissão	88
Ética, jornalismo e função social	90
Nós e os mais novos	92
Os outsiders.....	93
O romântico e o burocrático: a constituição de identidades	93
De românticos e burocráticos: uma difícil diferenciação.....	97
Conclusões, Reflexões, Indagações e Explicações	102
Conclusões	103
Reflexões: acerca dos estereótipos	105
E acerca das dualidades.....	109
Outras indagações.....	111
Uma explicação necessária	117
Anexo	119
Bibliografia.....	146

Questões Metodológicas

Reflexões e Catarse

“Mas o fato de saber disso, de saber que invisto na minha pesquisa pulsões pessoais, ligadas a toda a minha história, me dá uma pequena chance de conhecer os limites de minha visão”
(Pierre Bourdieu, 1990:47)

O início

Em 1989, formei-me jornalista em uma das tradicionais faculdades de comunicação de São Paulo, a Cásper Líbero. No mesmo ano, prestei exame de seleção para o mestrado em Antropologia Social na UFSC. O mestrado era a esperança de matar dois coelhos com uma cajadada só: representava a possibilidade de voltar a residir em Florianópolis, minha terra natal, e a possibilidade de me reconciliar com meu *habitus* familiar¹.

Apesar de ter apresentado uma monografia sobre um terreiro de umbanda, minha intenção sempre foi a de pesquisar algo dentro do jornalismo. Mas, como me sentia um profissional do ecletismo² optei primeiramente por me tingir das cores antropológicas: fiz as mais variadas disciplinas, englobando o maior número possível de tópicos.

Meu estranhamento com o jornalismo, e a conseqüente vontade fervorosa de estudá-lo, remonta ao período da faculdade. A convivência com meus colegas estudantes, suas indagações acerca da profissão, as discussões sobre ética profissional, a rápida preocupação em entrar no mercado de trabalho, a forma como isso acontecia, a expectativa de se tornar um grande jornalista, as inúmeras versões do que era ser um grande jornalista, a paixão iniciante pela profissão, as disputas pelo melhor texto, eram questões com as quais eu me defrontava no cotidiano.

Por outro lado, vivenciava de forma indireta outro tipo de realidade, a da já inserção no mercado de trabalho. Trabalhando em uma pequena empresa, voltada para a confecção de *house organs*, boletins de empresas, folhetos, *folders* e cartazes, vivenciava o lado menos nobre, do jornalista que atendia a um

¹ O *habitus* foi definido por Pierre Bourdieu enquanto “*sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas, predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto de obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente*” (Ortiz, 1983:61). No caso, um *habitus* gerado em uma família nuclear de pais acadêmicos.

² É muito comum nos meios jornalísticos os profissionais se definirem como ecléticos, com uma conotação de caráter dúbio: é-se eclético porque entra-se em contato com uma infinidade de assuntos, sem se deter o suficiente para alcançar a profundidade. Isso pode ser utilizado de forma pejorativa ou não. E, não são poucos os jornalistas que buscam se aprofundar (ou se especializar) fazendo outras faculdades. Em minha turma da faculdade, que tinha cerca de 30 alunos fixos, tenho notícia de pelo menos cinco que procuraram ampliar sua formação, a maioria (três), junto às ciências humanas.

cliente e não ao público leitor³. E, casada com um jornalista que trabalhava em uma grande empresa jornalística, acompanhava de perto outras facetas da profissão: a competitividade interna, os horários extensos, o centramento na profissão.

Minha própria dificuldade em pertencer ao jornalismo, em aderir, comprometer-me⁴ com ele, levaram-me a procurar outros instrumentais teóricos para decifrar o universo jornalístico. Meu estranhamento, portanto, nasceu de meu contato inicial com o jornalismo. E essa relação tortuosa que mantinha com o universo jornalístico, persistiu durante todo o meu trabalho de campo, que iniciou em fins de 1991 e terminou parcialmente agora, quando, espremida pelos prazos, sou obrigada a sentar e dar forma a essa história de encontro/desencontro que mantenho com meu objeto de estudo.

Falando especificamente do 'objeto'

Ao iniciar a elaboração do projeto de dissertação, minhas preocupações se voltavam em direção à ética profissional, mais especificamente, como a ética era apreendida diversamente pelos jornalistas. Também me chamava a atenção a forma natural como aparentemente os jornalistas lidavam com o fato, a notícia. Essa, deslocada de qualquer contextualização em sua produção, era legitimada enquanto notícia, portanto verdade, por ter sido produzida dentro de uma redação. Enquanto na antropologia eu me debatia com a legitimidade da produção antropológica, com os mecanismos que transformam o resultado do olhar específico de um pesquisador em uma verdade etnográfica⁵, na minha profissão, que de uma forma ou de outra também lidava com a produção de verdades, eu não encontrava eco para essas preocupações.

³ Um dos fatores legitimadores dentro do jornalismo é a quem se fala, ou para quem o jornalista realiza seu trabalho. A relação ideal é a estabelecida com o público leitor. Jornalistas que trabalham em assessorias de imprensa, por exemplo, que não estão vinculados a este ou àquele veículo, são menos jornalistas que outros. Essa é uma relação bastante complexa e pretendo retomá-la posteriormente. Se está inserida neste momento inicial é para mostrar que, talvez por não compartilhar de uma posição privilegiada dentro do jornalismo, colocava-o sob suspeita.

⁴ Isabel Siqueira Travancas, em seu livro *O Mundo dos Jornalistas*, afirma: "Ficou claro também (em sua pesquisa) o quanto a profissão é um elemento importante em suas vidas, definindo suas trajetórias e delineando uma identidade particular para esses indivíduos... o jornalismo como profissão exige de seus "eleitos" uma adesão (commitment) - termo utilizado pelo sociólogo norte-americano Howard Becker - de tal ordem que impede muitas vezes que outras atividades ou setores de suas vidas tenham maiores dimensões" (1992: 13).

⁵ Minha monografia sobre o terreiro de umbanda, um dos passos do ritual de admissão na antropologia, usou como fonte inspiradora *A Interpretação das Culturas*, de Clifford Geertz (1978). Lembro que cada página lida era o esboço de dúvidas que tinha acerca não da produção etnográfica, mas da produção jornalística. As similaridades entre esses dois universos culturais que, a seu modo, tratam de verdades, é um tema bastante interessante, que pretendo desenvolver posteriormente.

Por outro lado, percebia que, para muitos jornalistas, a questão da verdade de seus textos era resolvida através da chamada objetividade jornalística. É claro que não esperava na época, como não tenho a pretensão de esperar agora, que o jornalismo se pensasse da mesma forma que a antropologia. Não sou ingênua o suficiente para comparar assim, de forma tão linear, alhos e bugalhos. No entanto, estranhava que um *locus* onde se produziam legitimidades, aparentemente não produzisse profundos questionamentos acerca dessa possibilidade.

Na época, isso era vivenciado com verdadeira 'paixão', por assim dizer. Do alto de minha capacidade de 'relativizar', não conseguia conceber "como" eles "não pensavam" acerca do que eu achava fundamental refletir.

Acho que minha posição era bem mais preconceituosa do que a postura de muitos antropólogos do início do século que encaram pela primeira vez seus 'nativos'. Faltava neste momento o choque necessário, produzido pelo *fieldwork*⁶. Ou seja, faltava 'testar' as inúmeras suposições que alimentava, através do descobrimento propiciado pelo contato.

Além das preocupações mais genéricas que tratavam dos ingredientes envolvidos na produção jornalística, estranhava a forma como os jornalistas se posicionavam frente a essas questões, como encaravam de maneira tão diferenciada o fazer jornalístico. Essa percepção só era possível em virtude de minha familiaridade com o universo jornalístico, que me permitia observar, dentro de um grupo aparentemente homogêneo -os jornalistas-, diferenças significativas: havia jornalistas que acreditavam estar fazendo um bem à humanidade ao propiciar a circulação de idéias, jornalistas que acreditavam estar fazendo um bem a si mesmos ao poder escrever, jornalistas que desejavam mudar o mundo através do seu trabalho diário, jornalistas que desejavam prestígio, jornalistas que encaravam a profissão como outra qualquer, jornalistas que a encaravam como uma missão, outros como um desafio, um karma ou um fardo. A essa profusão de jornalistas, coincidia uma profusão de discursos e de formas de fazer e perceber o jornalismo.

O que mais me chamava a atenção era um aparente exotismo, que eu tinha dificuldades em enquadrar: jornalistas jovens, com menos de trinta anos, que ocupavam postos de prestígio. Seus nomes eram visíveis no universo jornalístico, por suas funções de chefia. Em suma, eram jornalistas jovens

⁶ Utilizo aqui, ao invés de trabalho de campo o similar *fieldwork*, não por esnobismo, mas porque campo designa um conceito bem mais complexo que usarei em demasia posteriormente. Além disso, a palavra inglesa, bastante precisa, evoca algo que reputo fundamental ao trabalho de campo. Ela carrega toda uma tradição.

mas já eram, de uma maneira ou de outra, reconhecidos dentro do universo jornalístico. Chamei-os jovens promissores e passei a elaborar um projeto a partir do estudo desse grupo.

Essa escolha é a primeira 'pista' das motivações e questionamentos que eu fazia acerca do jornalismo. À preocupação com essa aparente discrepância em termos de idade/hierarquia profissional (o cargo de editor até há bem pouco tempo era ocupado por jornalistas com maior experiência de vida na área, quase que como um ápice de carreira), somavam-se indagações maculadas pela teoria relacional de Pierre Bourdieu.

Eu percebia o jornalismo enquanto um campo social, definido este como um espaço de características próprias onde se estabelecem relações de poder, onde se travam lutas concorrenciais em torno de objetivos comuns a todos os que se movimentam dentro desse campo. Os jornalistas, relacionando-se com esse *locus*, eram agentes com espaços definidos e estratégias próprias.

Queria saber mais sobre esses 'novos jornalistas' que, tão jovens, ocupavam espaços de prestígio. Ao assumir que os espaços que eles ocupavam eram 'de prestígio', estava lançando mão, novamente, de minha estreita relação com o campo. Eram espaços que eu, enquanto jornalista, considerava 'de prestígio'.

Hoje, após uma longa viagem de ida e volta, de estranhamento/conhecimento junto ao jornalismo (que espero consiga narrar com todas as cores, sabores e odores) arrisco-me a dizer que, pelo menos em relação a isso, tinha razões. Os 'jovens promissores' ocupavam realmente espaços 'de prestígio' dentro do campo. Mas, não são os únicos *loci* aos quais os agentes aspiram.

O objetivo inicial da pesquisa, já expressava a importância do pertencimento do pesquisador ao campo:

"É esta experiência (a profissional) que me permitiu chegar ao recorte do jovem promissor, que entendo enquanto um "tipo ideal". Adotando o jovem promissor enquanto "tipo ideal" para o campo jornalístico, estarei investigando como se dá a estruturação destas categorias dentro do mesmo. Meu objetivo então é, através do estudo do grupo que considero represente um ideal de jornalista nos dias de hoje, chegar a entender como se dão as articulações dentro do campo jornalístico". (Lago, 1991).

Adotava, na época, a noção de tipo ideal oriunda de Weber como um "recorte arbitrário (que) representa, no caso, um grupo capaz de assimilar e reproduzir destacadamente as características do campo jornalístico" (idem).

O que desejo ressaltar é a forma como minha familiaridade com o universo onde desenvolveria a pesquisa norteou todo o recorte antropológico e também, o tipo de relacionamento que eu passaria a estabelecer com os primeiros informantes, jornalistas que eu, enquanto pertencente ao campo jornalístico, considerava ocupando posições ‘de prestígio’.

Mas o conhecimento ‘de dentro’ não criou apenas circunstâncias que, confrontadas com os dados empíricos foram desmanteladas. Ao contrário. O escopo de minhas preocupações, manifesto no projeto de pesquisa, permaneceu. Já na época o que me mobilizava ao buscar estudar o jornalismo eram questões mais gerais. Não queria apenas caracterizar e descrever os jovens promissores. Minha principal preocupação, meu horizonte, por assim dizer, era a necessidade de entender o que é o jornalismo hoje, que percebia em mutação. Desejava saber como profissionais que trabalham com a transformação de acontecimentos em fatos lidam com isso; quais os lucros simbólicos dessa profissão; quais as regras dentro do campo. Os jovens promissores foram a porta de entrada para pesquisar essas ‘questões mais gerais’.

Porque reconstruir o trajeto

Antes de prosseguir narrando as motivações que me fizeram assumir posturas teórico/metodológicas, acho importante situar o porquê dessa necessidade. Não é o caso, como bem exemplifica Grossi de “... transformar a Antropologia em psicanálise e passar a investigar as neuroses individuais que nos levaram a pesquisar assuntos como *Violência ou Xamanismo, Classes Médias ou Classes Populares, Freiras ou Bruxas*” trata-se de “*ir além da reflexão que vê a Antropologia como construída a partir da especificidade da relação entre o pesquisador que investiga um objeto similar a ele mesmo, já que ambos são da mesma “natureza”, e pensar também nesta relação pesquisador/pesquisado como marcada pelas diferenças entre elas a de gênero.*” (Grossi, 1992).

Trata-se, em verdade, de todo um esforço em decifrar a forma com se deu o *fieldwork*, de fornecer o maior número possível de informações que possibilitem a desconstrução de um modo de fazer antropologia, que permitam a avaliação das posições ocupadas tanto pelos informantes quanto pelo pesquisador.

O objetivo é não só possibilitar desvendar a subjetividade do pesquisador (ou suas motivações) e a intersubjetividade produzida no trabalho de campo, mas analisá-las enquanto componentes do trabalho. Principalmente, porque o estudo de grupos na nossa própria sociedade traz questões para a

antropologia que não estão resolvidas. E, o estudo de grupos com os quais temos imensa familiaridade, como é o caso deste trabalho, suscita questões específicas, que acho importante tentarmos avaliar.

Mas, essa necessidade dá-se em função de inúmeros fatores concretos, a começar pelo fato de estar operando com conceitos e métodos de uma ciência em franco estado de questionamento.

Antropólogos nas cidades

Os dilemas colocados para quem se propõe a pesquisar antropologicamente populações urbanas, desde que essa área passa a ocupar um lugar de crescente interesse, têm sido amplamente debatidos entre nós.

Como estranhar o que nos é familiar, como não assumir as representações dos grupos estudados enquanto explicativas, qual o tipo de distanciamento que devemos forjar, de que forma observar grupos que nem sempre estão geograficamente circunscritos, como a relação produzida no confronto de diferenças é matizada pela intersubjetividade, como fazer a ponte entre nossas questões minúsculas, restritas e específicas e os contextos sociais, por exemplo, são temas recorrentes em artigos, ensaios, *papers* e introduções de teses de cunho antropológico.

Creio que, dependendo do 'tipo' de 'objeto' com o qual lidamos⁷, desenvolvemos e nos preocupamos mais ou menos com questões teórico-metodológicas específicas. Assim, a pesquisa antropológica junto às camadas populares coloca na ordem do dia as relações 'de poder' que perpassam o encontro com o 'outro', sejam as relações com o pesquisador ou com a sociedade nas quais se inserem os grupos envolvidos. O texto de Alba Zaluar, *Teoria e pratica do Trabalho de Campo: alguns problemas* (1986) reflete essa preocupação.

Por outro lado, pesquisadores que elegem seus 'objetos' dentro de camadas com maior poder aquisitivo, tendem a se colocar principalmente questões de outra natureza, como a forma pela qual podemos apreender, antropologicamente, o estudo de um outro que não está tão claramente constituído enquanto tal. O ensaio *"Observando o Familiar"* (1987), de Gilberto Velho, é paradigmático nesse sentido.

⁷ Dessa forma, estamos seguindo uma das tradições da nossa disciplina, apontada por Roberto Cardoso de Oliveira: Em "O que é isso que chamamos de Antropologia Brasileira", o autor argumenta que a disciplina, no Brasil, "sempre primou por definir-se em função de seu objeto, concretamente definido como índios, negros ou brancos .." (1988:111). Com isso, deu-se uma "preponderância do objeto real sobre objetos teoricamente construídos", que engendraram "duas tradições", a Etnologia Indígena e a Antropologia da Sociedade Nacional (idem).

Essa é uma ‘regra’ repleta de exceções, como todas as que buscam sintetizar e agrupar coisas tão intrinsecamente díspares. Talvez o correto seja dividir essas tendências conforme o tipo de abordagem, como fez Celso Romanelli (1986).

Mapeando os estudos recentes sobre família no Brasil, o autor os dividiu conforme o tipo de abordagem em dois grupos: os estudos sobre famílias de trabalhadores rurais que vão formar núcleos domésticos das classes populares urbanas e os estudos sobre famílias de camadas médias.

O primeiro grupo toma a família como uma unidade de cooperação e consumo, privilegiando uma análise da inserção social dos agentes. São os estudos de Durham, Bilac, Macedo, Caldeira, Zaluar. Já o segundo grupo, onde despontam os estudos de Velho, Dauster, Heilborn, Salem, tomam famílias de camadas médias e buscam explicar a heterogeneidade através da utilização de critérios simbólicos, secundarizando as diferenças de cunho social.

Um tipo de separação semelhante é adotada por Eunice Durham (1986). Analisando estudos antropológicos recentes com populações urbanas, a autora aponta para duas tendências: pesquisas cujos ‘objetos’ são geralmente populações carentes, marginalizadas, que valorizam os *“métodos tradicionais de investigação empírica”*, e pesquisas que valorizam a dimensão simbólica, cujos ‘objetos’ *“geralmente são retirados de populações com maior poder aquisitivo”*. Neste caso, segundo Durham, a abordagem é *“basicamente culturalista”*, e os temas privilegiados de análise são famílias de camadas médias.

Em ambos se processa o que Durham denomina *“desvios semânticos”*, provocados pela tentativa de se aliar uma metodologia que nasceu funcionalista a arcabouços teóricos que negam essa prática. Entre os “desvios semânticos”, a autora analisa a utilização de conceitos como classe, ideologia, pessoa, individualismo e identidade para concluir que, na antropologia brasileira atual, *“ao mesmo tempo em que os antropólogos se politizam na prática de campo, através de seu engajamento crescente na lutas travadas pelas populações que estudam, despolitizam os conceitos com os quais operam, retirando-os da matriz histórica na qual foram gerados e projetando-os no campo a-histórico da cultura.”* (1986 :32)

Para a autora, parte destes desvios semânticos advêm da *“armadilha positivista”* inserida dentro do método de trabalho de campo, que prega uma identificação subjetiva do pesquisador com os grupos que estuda.

Fazendo um paralelo entre a observação participante realizada na ‘situação de campo tradicional’ (ou ideal), com a observação participante realizada junto a grupos nas cidades, Durham

afirma: “a participação (no primeiro caso) é antes objetiva do que subjetiva - o pesquisador convive constantemente com a população estudada, permanecendo, entretanto, um estrangeiro (mesmo que bem aceito)... a comunicação verbal fica freqüentemente subordinada à observação do comportamento manifesto. Na pesquisa que se faz nas cidades, dentro de um universo cultural comum ao investigador e ao objeto da pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva. ... Mas busca (o pesquisador), na interação simbólica, a identificação com os valores e aspirações da população que estuda. ... a comunicação puramente verbal predomina, ofuscando a observação do comportamento...” (idem:26).

Esta identificação subjetiva, segundo Durham, pode levar o pesquisador a ver o universo pesquisado a partir das “categorias nativas”, um problema agravado em se tratando de sociedades nitidamente fragmentadas, onde a vivência dos grupos não consegue recuperar a totalidade da vida social⁸.

Penso que o texto de Durham é bastante correto ao identificar a “participação observante”, realizada em pesquisas junto a grupos de menor poder aquisitivo, ou minorias com as quais o pesquisador se identifica.

No entanto, para o tipo de pesquisa operada nesse trabalho, a análise deixa algumas lacunas. Se é verdade que existe uma identificação do pesquisador com seu ‘objeto’, ela não é do mesmo teor, a começar pelo fato de que o ‘objeto’ de estudo não se identifica enquanto um ‘grupo’ com representações específicas. Além disso, questões concretas que engendram a “participação observante”, como a politização dos grupos estudados e a exigência de ‘comprometimento’ político do pesquisador, não estão colocadas.

Creio que o assumir as categorias nativas, no caso dessa pesquisa (e de outras similares), prende-se a um rumo diferente. Roseli Buffon (1992) em sua dissertação de mestrado, especifica alguns dos riscos.

Pesquisando o “homem sensível” em camadas médias intelectualizadas, Buffon identifica como principal fator a interferir e determinar seus encontros com os informantes, “o fato de ser uma mulher pesquisando homens”(1992:36).

⁸ Particularmente, imponho ressalvas à utilização de categorias como totalidade da vida social. Penso que não é apenas em sociedades fragmentadas que esta totalidade escapa ao olhar do pesquisador. Acredito que a possibilidade de estudar totalidades, seja do ponto de vista da sociedade, seja da cultura, deve ser devidamente especificada, enquanto um procedimento perseguido quando ainda pensávamos que elas existiam.

Essa particularidade da pesquisa, vai nortear todo o seu trabalho. Ao mesmo tempo em que o distanciamento é colocado através de questões relativas aos gêneros de pesquisadora/pesquisados, essas diferenças que propiciam a distância, moldam contornos e direcionamentos, trazendo limites ao estranhamento. Para Buffon, "... talvez seja justamente na minha dupla condição de "nativa" e pesquisadora - em ambos os casos: mulher - que reside uma das fragilidades da minha pesquisa, ao ter colocado limites à desetnificação necessária" (1992:44). Por desetnificação Buffon entende a necessidade de que "o antropólogo dispa-se, na medida do possível, de seus pressupostos cognitivos e de seus ranços valorativos cristalizados ao longo de seu processo de socialização e mergulhe de corpo e alma na lógica dos nativos"(idem).

Penso que as ponderações de Buffon sobre a relação pesquisador/pesquisado são interessantes principalmente porque identificam o nó teórico-metodológico colocado para pesquisadores que insistem em pesquisar grupos com os quais têm intrínseca familiaridade, com os quais compartilham *ethos* e vivências⁹: a dupla condição de nativo e pesquisador. Um nó que será tanto ou mais fechado, conforme a identificação do pesquisador com seus pesquisados.

Em minha pesquisa o nó, a dupla condição, se dava em relação à profissão. Uma jornalista (apesar de pesquisadora), com intrínseca identificação com seu objeto de estudo. No meu caso, creio que a identificação aconteceu em dois níveis: com os jornalistas que entrevistei e com o campo social, horizonte sempre presente em minha pesquisa.

Esses dois níveis incorrem em dois riscos distintos: o de não conseguir estranhar meu outro e o de assumir como problemas teóricos as questões colocadas pelo e dentro do campo jornalístico. Ou, em outras palavras, além de não conseguir relativizar o discurso dos jornalistas, corro o risco de tomar como problemas a serem analisados as questões próprias do campo. Atualmente, acho que o risco mais pernicioso - e o mais presente - reside justamente nesse segundo nível.

⁹ Aqui, mais uma vez, necessito precisar algumas afirmações. Como Buffon também identificou em seu trabalho, não é que os limites ao estranhamento sejam prerrogativas de pesquisas similares. Ele está colocado à medida em que a antropologia se auto-reflete, para todos os tipos de pesquisa de cunho antropológico. Mas, como nossa produção está intimamente relacionada com o "tipo" de nosso objeto, os nós - aqueles pontos de difícil desenlace que percorrem todo o trabalho -, são singulares. Cada pesquisador elege seus próprios nós, dados antes do confronto de diferenças - ou confronto de semelhanças, em nosso caso? - e reordenados por ele. Quanto à "desetnificação", gostaria de ponderar que ela me parece uma exigência ainda relacionada a um ideal de fazer antropológico que supõe dois extremos: pesquisador-nativo. Talvez devêssemos substituir essa exigência, que acredito bastante inviável, por um exercício prático e recorrente: a suspeita acerca de tudo que envolve a produção de nosso discurso enquanto pesquisadores.

Estas considerações, no entanto, são feitas agora, terminado o *fieldwork*. resolvidos os problemas que surgiram do confronto de diferenças. Talvez seja o caso de narrar alguns desses embates, na tentativa de reconstruir meu caminho teórico-metodológico.

Dilemas singulares (ou, As surpresas antropológicas)

Quando iniciei minha pesquisa, em dezembro de 1991, minhas preocupações básicas eram de duas ordens: a primeira, como conseguir o ‘estranhamento’ com um grupo absolutamente familiar. Alguns trechos do que escrevia na época, dão a dimensão dessa problemática: “*Meu trabalho vem revestido de um componente extra, que norteia toda a pesquisa: não vou pesquisar um grupo exótico, ou, pior ainda, um grupo apenas “familiar”. Não poderei transformar facilmente o familiar em exótico. Decididamente, não vou estudar um ‘outro’. Jornalista que sou, vou estudar um ‘igual’. Não possuo apenas um “mapa” que me familiariza com os cenários e situações sociais dos sujeitos pesquisados, como identifica Gilberto Velho (1978). Meu nome está inscrito nesse mapa*” (Lago, Diário de Campo, 1991).

Essa compreensão era, de certa forma, compartilhada por meus pares acadêmicos. É dessa época a alcunha “*etnografia do umbigo*”, conferida pelo professor Dennis Werner, minha pesquisa. O que estava colocado era a (im)possibilidade de, sendo jornalista, estudar jornalistas¹⁰.

A segunda preocupação era reunir o maior número possível de informações que me permitissem trabalhar o jornalismo enquanto campo social. As necessidades de recortar o universo, e delimitar o objeto me levaram a escolher, entre todas as abordagens possíveis, o grupos dos jovens promissores.

A delimitação do grupo atendia a alguns pré-requisitos. Ao mesmo tempo em que gestava a construção do campo jornalístico, estava preocupada em definir minha posição em confronto com os informantes. Ainda trabalhava com a noção de que meu outro era um igual. Tentava construir meu distanciamento deixando de ser jornalista.

Entre os vários tipos de jornalistas¹¹ que eu poderia identificar¹¹, escolhi aqueles com os quais eu supunha ter maiores diferenças (garantindo assim o estranhamento...). Além disso, eu supunha que os

¹⁰ Até hoje me pergunto, por que no meu caso essa era um discussão tão diversas vezes colocada. Talvez porque eu, de antemão, assumisse inúmeras ‘verdades’ do jornalismo para tentar explicá-lo. Ou, talvez, porque eu fosse sensível a esse tipo de comentário. De qualquer forma, a questão metodológica para mim colocada era a mesma para qualquer colega: mulheres estudando questões de gênero, astrólogos estudando astrólogos. Ao fim e ao cabo, estamos todos tentando fazer a etnografia do umbigo.

¹¹ Outros recortes possíveis: jornalistas homens e jornalistas mulheres; jornalistas de economia; jornalistas de assessorias de imprensa; jornalistas militantes sindicais; jornalistas donos de jornal etc...

jovens promissores ocupavam um lugar específico e singular dentro do jornalismo. Essa característica, imaginava, me permitiria fazer as inferências sobre o campo.

Os jovens promissores eram jornalistas que tinham entre 23 e 30 anos, ocupavam cargos de chefia dentro da grande imprensa¹² paulistana, compartilhavam de uma situação/posição aparentemente privilegiada dentro do campo -- tanto pela remuneração do trabalho, maior do que a média, quanto pelo prestígio por ocuparem cargos de chefia. Em suma, eram jovens editores¹³.

Após ter ficado um ano em Florianópolis, retornei a São Paulo em março de 1991, onde terminei os créditos e elaborei o projeto de dissertação. Iniciei as entrevistas com os jovens promissores em dezembro daquele ano, espremida por duas experiências limitantes: era mãe de primeira viagem de um bebê de cinco meses e enfermeira de um marido acidentado.

Entre fraldas e esparadrapos, saí cata dos meus 'informantes', com muito medo do encontro com esse 'outro' que eu tinha dúvidas se poderia enxergar enquanto tal. Um medo que era a expressão de meus conflitos com o jornalismo.

Eu tinha uma idéia bem precisa do que procurava encontrar nesses informantes. Apesar da pouca idade, (a minha idade...) ocupavam postos de prestígio dentro do jornalismo. Ao mesmo tempo em que isso me fascinava e me seduzia, a aparente ausência de uma postura 'crítica' em relação ao jornalismo era por mim interpretada como necessária para aderir profissão.

Faltava começar a tratar com sujeitos de carne e osso e não abstratos. Mas era uma passagem dolorosa. Os sujeitos abstratos eram controláveis, eu podia traçar linhas sobre suas condutas e explicá-los por suposições. A imagem que eu tinha do jornalismo, que justificava minhas próprias dificuldades em assumi-lo enquanto profissão, não seriam abaladas.

¹² o conceito de grande imprensa não é consensual no campo jornalístico. Para efeitos dessa pesquisa, entrevistei jovens promissores que trabalhavam na Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, revistas Veja e Exame. Ainda falei com jornalistas da revista Capricho e do jornal Notícias Populares. Deixei de lado jornalistas que trabalhavam em rádio e televisão por dois motivos: 1) Para delimitar um pouco meu universo; 2) Adotei como paradigma do jornalismo o realizado junto imprensa escrita. Conhecia pouco rádio e TV, mas me pareciam um mundo parte, com características próprias que demandariam outro tipo de esforço para serem apreendidas.

¹³ Os cargos de chefia a que me refiro, nem sempre correspondem noção de chefia que geralmente adotamos. Entre os entrevistados, muitos eram chefes na acepção da palavra, ou seja, tinham subordinados e exerciam funções de coordenação. Dois, no entanto, não tinham essa distinção hierárquica, mas eram responsáveis pela edição de suas matérias. As implicações do trabalho de edição, que acredito seja uma peça chave na configuração atual do campo jornalístico, serão discutidas posteriormente.

Sujeitos de carne e osso, se temos sensibilidade para percebê-los como tal, dificultam essas abstrações. Criamos empatia, esse sentimento absolutamente primordial no estudo antropológico, que tem a qualidade de nos colocar sob suspeita e em xeque.

Assim, o jovem promissor típico, que eu tinha em mente antes de ir campo, pouco tem de semelhante ao que eu descobri após o *fieldwork*, posto que minhas impressões sobre ele eram matizadas por minha vivência enquanto jornalista. Na época, assumia um discurso comum dentro do campo jornalístico, que elege um determinado modelo de jornalista como balizador para os vários agentes.¹⁴

Essas racionalizações posteriores, eram apenas medos e anseios, que me deixaram bastante tempo paralisada. Mas, um dia não tive mais desculpas e comecei a enfrentar meu *fieldwork*.

O fieldwork inicial

“Ninguém sabe ao certo como fez seu trabalho de campo”. Essa afirmativa, atribuída a Radin, resgatada por Evans-Pritchard e depois por Viveiros de Castro (1990:12) me parece bastante verdadeira. O máximo que podemos escrever a respeito, são versões matizadas por considerações feitas posteriormente. Da mesma forma que a fala de nossos informantes sobre seu passado não pode dar conta desse passado, nossa fala sobre nós mesmos também não tem esse alcance.

Não obstante, pode fornecer pistas sobre os processos envolvidos no trabalho de campo. De qualquer forma é elucidativa do pensamento do autor, das preocupações que ele elege como centrais.

Em São Paulo transitava livremente entre os jornalistas e essa foi uma condição determinante para ambientar meu projeto de dissertação naquela cidade. Além dos colegas de faculdade, que agora já estavam empregados em diversos veículos, conheci inúmeros jornalistas através de meu marido, que sempre trabalhou em grandes redações.

Não era difícil detectar meus jovens promissores nesse universo, nem contatá-los, diretamente ou através de amigos. Ao todo, entrevistei oito jornalistas, quatro mulheres e quatro homens: Margarida, Fernanda, Márcia, Cláudia e Batti, Carlos Eduardo, Diego e Raul. Márcia era uma antiga conhecida.

¹⁴ Conversando, certa vez, com uma amiga filósofa, ouvi a seguinte frase: “a antropologia não surpreende, quem tem essa possibilidade é a filosofia” Bairrisimos parte. (não sou filósofa, não sei das surpresas desse ramo), após meu *fieldwork*, confesso com alegria que fui bastante surpreendida antropológicamente.

Fernanda fora indicada por um colega. Ela, por sua vez, indicou Margarida e Raul. Carlos Eduardo havia sido meu vizinho e Diego e Cláudia foram indicados por colegas.

Nas entrevistas eu me colocava para os que não me conheciam melhor, caso de Margarida, Fernanda, Cláudia, Batti, Diego e Raul, enquanto uma antropóloga 'que por um acaso' também era jornalista. Estava pesquisando os jornalistas dos anos 90 e os tomava como exemplo dessa categoria.

Como eu tinha dificuldades de me identificar (era uma antropóloga-jornalista ou uma jornalista-antropóloga?), essa identificação era colocada de forma ambígua junto aos informantes. Ao mesmo tempo, tinha dificuldades em explicar para eles o que seriam os jovens promissores.

Eu só conseguia entender os jovens promissores dentro do conceito de campo social de Bourdieu, e não conseguia explicar isso sucintamente para meus informantes. Tinha medo de me demorar em explicações e deixar transparecer a relação ambígua com aqueles jovens promissores abstratos que eu havia imaginado. Assim, encontrei um meio-termo que foi facilmente compreendido e era uma medida equilibrada para ambas as partes.

Quando conhecia melhor os informantes (a ponto de achar estranho chamá-los assim), como era o caso de Márcia e Carlos Eduardo, discorria um pouco mais sobre o trabalho. Acho que eu 'me soltava'.

As entrevistas, muito em função de minha necessidade de manter um distanciamento a todo pano, foram bastante desiguais. Algumas longas, com mais de duas horas, outras com quarenta e cinco minutos. A média girou em torno de uma hora, onde falávamos principalmente da profissão.

A preocupação em não intervir demais, começava na escolha do local de nossos encontros, que eu deixava a critério dos jornalistas, e permanecia durante a entrevista, onde tentava não dirigir a conversa. Explicava que minha pesquisa referia-se ao universo profissional e pedia que eles introduzissem o tema. Quando sentiam dificuldade para iniciar a conversação, colocava alguma questão genérica, geralmente como tinham chegado ao jornalismo.

Uma exceção a essa regra contudo, dava-se em relação a uma questão específica, que eu sempre procurava confrontar: invariavelmente, se não surgisse na conversa, perguntava aos jornalistas o que entendiam por objetividade jornalística e tentava analisar como eles lidavam com essa questão.

É que para mim nesse início, a objetividade jornalística era interpretada enquanto um ponto de partida fundamental para descobrir os meandros das relações dentro do campo jornalístico. Era quase que um fato social total (para ver como nossa tradição está arraigada...), cujo desvendar me permitiria o

acesso a vários níveis de análise¹⁵. Também fazia perguntas sobre a vida, a trajetória familiar dos entrevistados, quando conseguia esse espaço, o que nem sempre se deu.

Esse tipo de encontro produziu, além de inúmeros dados, inúmeras lacunas, algumas preenchidas posteriormente através de minha contínua vivência no campo.

Os contatos “informais”

Além dos encontros formais, aqueles que eram marcados, exigiam a presença do gravador, e onde eu me colocava na posição de pesquisadora (ou quase, porque sempre fazia alusões à minha identidade jornalística), mantive encontros informais com vários outros jornalistas, que não se enquadravam na categoria jovens promissores. Ou porque não eram tão jovens (esse conceito relativo...) ou porque não se colocavam no campo jornalístico como eu imaginava que se colocavam os jovens promissores.

Foram encontros dos mais diversos tipos: conversas em bares, festas em casas de amigos, conversas nas redações que eu visitei, encontros com colegas jornalistas na USP, quando fazia uma disciplina como ouvinte. Contato em função dos frilas que fiz durante todo o período em que estive pesquisando. Também mantive contatos com pessoas que, apesar de não serem jornalistas, de certa forma vivenciavam o campo e me ajudaram com informações e considerações. É o caso, por exemplo, de Daniel, amigo da época da Faculdade, que é dono da banca de livros especializada da ECA.

Esses encontros são mais difíceis de serem sistematizados, mas me forneceram algumas informações valiosas, que me ajudaram a entender inúmeros pontos, seja acerca dos sujeitos, seja acerca do campo jornalístico.

São informações as mais variadas, colhidas durante quase três anos, anotadas em guardanapos, agendas, ou simplesmente na memória. Ao me deparar com elas, fico sempre na dúvida da forma pela qual posso utilizá-las, ou, como disse Marisa Correa, a propósito de suas pesquisas que tratam da história da antropologia, mas são feitas com antropólogos ainda vivos: *“como separar o que é conhecimento sociologicamente relevante do que é apenas fofoca?”*¹⁶.

¹⁵ Obviamente que essa impressão se colocava em cima de inferências concretas. No entanto, gostaria de deixar para depois a discussão desse ponto, o papel da objetividade, já que, após minha pesquisa, interpreto-o de forma um tanto diferente.

¹⁶ Essa frase, foi proferida por Marisa Correa em um seminário promovido pelo Pós-Graduação em Antropologia da USP, em 1993.

Creio até que essa noção de fofoca, precisa ser melhor trabalhada. Durante esses três anos colhi inúmeras fofocas, depoimentos que me foram bastante úteis e reveladores.

Cláudia Fonseca, analisando os “discursos menos normatizados (piadas, fofocas, acusações)”, de uma vila popular em Porto Alegre, pode enveredar por um novo caminho para interpretar a dicotomia honra masculina x pudor feminino. Percebendo o quanto se falava dos homens guampudos (cornudos) nesse tipo de discurso, observa: “Não pretendo deduzir dessas fofocas que o adultério seja, de fato, comum -- eu teria que possuir outro tipo de dado para chegar a essa conclusão. Mas parto da premissa que a freqüente menção da idéia é indicativa de algo na relação homem-mulher, de uma dimensão que é quase impossível captar pelas técnicas de entrevista direta”(1990:2).

Da mesma forma, não assumi as fofocas e comentários que tive oportunidade de presenciar por seu conteúdo em si, mas sim como indicativos, algo como o dito onde há fumaça há fogo, independente de que tipo de fogo seja. Esses dados, ao não representarem um esforço de sistematização dos sujeitos acerca de sua prática, são as vezes bons indícios de como se desenvolve essa prática.

“Um ‘nativo’ também dialoga com outro ‘nativo’ e é na interação entre eles que o antropólogo pode observar a eficácia de certas idéias, a recorrência de padrões ou mapas para a ação, bem como o processo mesmo de contínua transformação da cultura. É esta fala na ação que lhe permite captar o rotineiro, o decisivo e o conflitivo, o que tem forma e o que não tem, o oficial e o espontâneo, o público e o privado” (Zaluar, 1986:122). É claro que essa “fala na ação” se dava com um pesquisador. Mas, nesses encontros informais, mesmo que eu mencionasse o mestrado -- o que dificilmente acontecia --, ele passava despercebido. Foi como uma jornalista, conversando com colegas, que tive acesso s melhores fofocas. Ou s mais “sociologicamente relevantes”¹⁷.

As informações obtidas por esse processo não foram incorporadas de forma sistemática. Da mesma forma que informações similares retratadas por Hélio Silva (1993: 144), elas aparecem “aqui e ali, mais como balizas...”. Em alguns momentos, foram pontos de partida para novas indagações. Em outros, explicaram ou fecharam lacunas deixadas pelos encontros formais. Muitas vezes, só foram interpretadas passados vários meses. Algumas que eram significativas na época, deixaram de ser hoje. E vice-versa.

¹⁷ Um estudo muito interessante de ser pensado é o do papel da fofoca, do boato, dentro do campo jornalístico, onde a moeda corrente relaciona-se com a informação. Correndo o risco de fazer uma generalização incorreta, penso se o “ser fofoqueiro” (traduzido por gostar de mexer com informações) não faz parte de uma idealização jornalística. Nunca conheci um jornalista que não fosse curioso e ‘xereta’. Mas já conheci vários que paravam e prestavam atenção em conversas de desconhecidos.

Da mesma forma que os discursos falados - através de encontros formais, informais ou fofocas - foram incorporados como dados de pesquisa, também incluí discursos impressos produzidos dentro do campo jornalístico. Essas falas foram interpretadas como um meta-discurso do campo e, juntamente com os outros dados, me ajudaram a montar representações¹⁸ dos jornalistas sobre sua profissão.

Além desses contatos diretos com pessoas que de uma forma ou de outra se relacionavam com o campo jornalístico, utilizei-me do recurso salutar da observação: em visitas às redações, em espaços de convívio. Não era, muitas vezes, uma observação planejada. Eu vivia a situação limite de ser pesquisadora o tempo todo, já que dificilmente conseguia me livrar de meu 'objeto'.

No último semestre de 1993 e no primeiro de 1994, quando tranquei o curso, ao invés de conseguir me distanciar das preocupações acadêmicas, me aproximei ainda mais pois, ao assumir a profissão com todas as suas variantes, também reassumi meu projeto de decifrá-la. Posteriormente tocarei mais detidamente nesse ponto, porque acho que os processos de reencontro com a profissão, que vivi durante esse período, foram muito significativos para a produção desse trabalho.

Retomando as entrevistas

Como já mencionei, as entrevistas junto aos 'jovens promissores' foram marcadas por eles, que escolheram local e horário. O que transparecia de início, eram as dificuldades com a profissão, suas visões sobre o ser jornalista. Em pauta estavam o dia a dia que eles consideravam estressante, a competitividade, enfim, o que consideravam ser o jornalismo. Falavam muito de suas rotinas, a maneira como entraram na profissão, os primeiros contatos. No decorrer da pesquisa acabei por fazer um tipo de recorte interno, dividindo os entrevistados em jornalistas homens e jornalistas mulheres. O que estava em jogo nesse novo recorte, não era apenas a diferença de procedimentos e discursos, mas, principalmente, a maneira como eu me colocava frente aos jornalistas.

Com as mulheres, eu criei uma empatia calcada principalmente no gênero. Com elas, as entrevistas eram fáceis, tratavam de praticamente todos os assuntos ligados à profissão e geralmente incluíam longas questões sobre a vida afetiva. Com os homens as entrevistas aconteciam em outra instância.

¹⁸ José Guilherme C. Magnani (1986) adverte para o uso indiscriminado desse conceito, ponderando que as representações do grupo devem ser habilmente reconstruídas pelo pesquisador, no entrecruzar de vários tipos de dados e na observação das práticas. Elas não estão dadas "naturalmente" nos discursos dos informantes.

Não consegui estabelecer com eles uma cumplicidade, mesmo com Carlos Eduardo, que já conhecia há algum tempo. Aliás, sua entrevista foi das mais rápidas, pois chegou atrasado na redação (local que escolheu para nosso encontro) e tinha uma reunião em seguida. Antes de iniciarmos, fez questão de entender “qual a premissa”, “quais as hipóteses” do meu trabalho, questionamentos que atribuo em parte ao fato de ele mesmo ter feito mestrado, na área de comunicação, em Londres.

Até os locais dos encontros são interessantes para mostrar essa divisão. Com exceção de Batti, todos os homens marcaram as entrevistas para seus locais de trabalho. E, de todos, Batti foi o que mais se deixou mostrar. Com exceção de Margarida, as mulheres marcaram nossos encontros em suas casas. Mas, na entrevista com ela, uma das mais produtivas, essa posição geográfica não interferiu.

Ainda em relação a essa diferença, percebo que os homens necessitaram enquadrar melhor a pesquisa. Um dos jornalistas, por exemplo, que por uma série de circunstâncias estava acostumado a ser entrevistado para trabalhos acadêmicos, só que dentro da área de comunicação, me questionou: “eu não sei onde vais chegar com tudo isso...”.

Sem que tivesse planejado assim, acabei por entrevistar as mulheres primeiro. Quando comecei a entrevistar os homens e não consegui estabelecer com eles uma cumplicidade, uma empatia, trunqueei a pesquisa. Os dados tão ricos conseguidos junto s mulheres, eram agora substituídos por dados áridos, que muito falavam da profissão, mas pouco diziam das relações estabelecidas dentro dela.

Ao contrário das entrevistas com as jornalistas, onde as dificuldades eram explicitadas com maior clareza, as entrevistas com os homens mostravam um quadro mais ‘asséptico’ por assim dizer. Algo como o que enuncia Hélio Silva, quando faz um balanço do que conseguia ao se apresentar enquanto um pesquisador: *“Reavia, em contrapartida, formalismo e retração. Colhia histórias de vida destituídas de humor, “produzidas” para “consumo da ciência”*(1993:150).

Hoje percebo que minha apreensão sistematizada, ou seja, minha pesquisa sobre o campo jornalístico, só se desenvolvia matizada por relações de pertencimento, de empatia. Quando me preocupava em produzir o distanciamento, perdia o controle sobre esse processo e acabava por ir ao outro extremo.

Colocava-me em uma situação limiar: não era jornalista, não entendia nada sobre o campo e também deixava de ser pesquisadora. Operava uma *esquizofrenia metodológica*, não no sentido que lhe deu Aspásia Camargo (uma dissociação entre a praxis e a identidade científica) (1984:7), mas sim como

uma perda dos parâmetros, do “*princípio dialético necessário para estabelecer tanto a cumplicidade quanto a distância entre o analista e o seu informante*”(idem: 10).

Tentar negar uma identificação com jornalistas com os quais eu tinha uma série de afinidades (afinal, éramos todos ... jornalistas!), colocando-me preponderantemente enquanto pesquisadora, criando um distanciamento que não passava pela cumplicidade e pela empatia, levou-me a dificuldades em ter acesso s informações.

Enquanto jornalista era fácil descobrir junto a meus colegas como vivenciavam questões cruciais, como por exemplo, a competitividade, os horários diferentes do tradicional horário comercial etc. Como pesquisadora, os jornalistas me contavam histórias sobre essas questões, ou não faziam referências a elas. Como jornalista, eu sempre pude ‘observar’. Como pesquisadora, essa prerrogativa era dificultada.

Volto a frisar: se tive livre acesso a esse tipo de informação junto s mulheres é porque a cumplicidade se deu em outro plano, não através da identidade enquanto jornalista, que eu tentava escamotear, mas na cumplicidade de gênero, que, por assim dizer, me tomou de assalto.

Na prática jornalística

Esse processo acabou por virar uma crise de identidade: afinal, o que eu era? Uma antropóloga que não conseguia trabalhar sua pesquisa, uma jornalista que não escrevia? Nesse momento, em meados de 1992, fiz meu primeiro ‘retorno’ ao jornalismo que, posteriormente, realimentou a pesquisa.

Naquela época resolvi retomar gradualmente a profissão e passei a escrever matérias em regime *free lancer* para um jornal semanal de São Paulo. Propus uma série de pautas para o editor-chefe e comecei a fazê-las.

Nessa atividade, voltei a entrar em contato com aspectos sedutores da profissão e com a possibilidade de fazer reportagens, que sempre me fascinou. Penso na análise que Everardo Guimarães Rocha faz do trabalho publicitário, assumindo que “*o resultado final de uma produção publicitária se constitui na concretização de uma grande bricolagem*” (1984:58), entendida essa enquanto a ordenação de uma série de saberes fragmentados. Pois bem, a composição de uma reportagem, para mim, antes de mais nada é também uma ordenação de saberes e idéias, semelhante montagem de um quebra-cabeças feito de palavras e significados¹⁹.

¹⁹ Quase a mesma coisa que escrever dissertações, só que bem mais simples. Talvez um quebra-cabeças com poucas peças...

É uma atividade deveras estimulante, principalmente quando existe a possibilidade de escrever sobre o que se quer. Isso acontecia em meu caso, já que eu propus pautas que versavam sobre assuntos que me mobilizavam bastante na época: todas sobre problemas enfrentados por mulheres, como a discriminação ao volante e as dificuldades para se achar uma creche adequada.

Além dessa redescoberta de alguns dos prazeres da profissão, voltei a conviver com jornalistas, sem o estigma da pesquisa. Continuava a pesquisar, principalmente observando as práticas de jornalistas no cotidiano e ‘xeretando’, através de encontros informais. Mas era uma pesquisa *light*, onde não me colocava a obrigação de marcar e fazer entrevistas formais, esse ritual que até hoje me coloca numa sensação de *esquizofrenia metodológica*.

Retomando a pesquisa

Ninguém pode saber, realmente, como desenvolveu seu *fieldwork*. Principalmente, em que momento as inferências teóricas se cruzaram com os dados empíricos e foram por esses alimentados e vice-versa. Ou de que forma essa associação engendrou a produção de um determinado tipo de conhecimento.

De qualquer forma, no final do primeiro semestre de 1992, releituras de Bourdieu somaram-se constatação de que minhas oito entrevistas iniciais deixavam algumas lacunas: eu possuía uma série de representações de jornalistas com trajetórias similares, mas que eram bastante específicas (no universo jornalístico, poucos são ‘jovens promissores’). Resolvi ampliar o universo dos informantes formais, incluindo jornalistas de outra faixa etária (mais velhos), que me dessem alguma dimensão temporal pesquisa. Acreditava que esses outros informantes me permitiriam apreender as mudanças²⁰ que ocorriam já há algum tempo. Procurei jornalistas que também ocupavam postos ‘de prestígio’, (o futuro de meus jovens promissores?) tentando manter a proporção homem/mulher. Ao fim, consegui duas entrevistas, com Inocêncio e Cardoso, ambos diretores de veículos. Sônia, que eu tentei contatar insistentemente, não tinha disponibilidade.

²⁰ O termo mudanças, aqui empregado, é muito vago. Deixa inúmeras dúvidas: que tipo de mudanças? Referentes a quê? Na verdade eu tinha essa ‘sensação’ de mudanças, dada por minha própria trajetória no campo. Se, por um lado, o referencial para os jornalistas com os quais eu convivía parecia ser o do ‘repórter’, o jornalista que ‘vai a luta’ para ‘descobrir’ informações preciosas e produzir uma reportagem maravilhosa, a inserção no mercado de trabalho era outra, deixando pouco espaço para esse ideal. E convivía com um enxugamento das redações que, só nos primeiros meses do ano de 1992 fez com que muitas empresas perdessem um terço de suas redações, ou simplesmente fechassem alguns veículos. O que parecia ser um momento de um período recessivo, na verdade se traduziu em um reordenamento amplo que alterava desde as funções até as relações dentro dos veículos.

O encontro com esses dois outros jornalistas foi diferente dos encontros com os jovens promissores, porque eu já me sentia menos limiar. Tendo descoberto que podia ser jornalista, sem grandes problemas, investi-me da identidade de pesquisadora.

É bem verdade que com Inocêncio me senti intimidada, talvez por ele ter me recebido em meio a seu trabalho e ter me dito dispor de pouco tempo. Mas, com Cardoso a conversa transcorreu tranqüilamente. Recebeu-me em sua casa, onde conversamos longamente. Seu depoimento foi bastante importante para me ajudar a reordenar algumas idéias.

Após as entrevistas com Inocêncio e Cardoso, resolvi incluir como informantes dois amigos com os quais discuti a profissão. A conversa com eles aconteceu meio que por acaso, não pretendia formalizar esses encontros. Mas seus posicionamentos em face a profissão, bastante diferente dos depoimentos colhidos até então, eram por demais sugestivos.

Lane, com 29 anos na época, da mesma faixa etária dos jovens promissores, recusava-se sistematicamente a assumir postos de chefia, tomando como profissão de fé o ser repórter. Nice, com 39 na época, achava-se inadequada para exercer o que entendia ser o jornalismo hoje e me falava de um jornalismo remoto, dentro do qual ela iniciou sua profissão, descrevendo-o como romântico. Meus encontros com Nice e Lane, não produziram entrevistas formais, foram antes conversas dirigidas.

Construindo o Campo

No segundo semestre de 1992, dei por encerradas (temporariamente, como veria mais tarde), as entrevistas e passei a tentar sistematizar o jornalismo enquanto campo social. Essa necessidade deu-se muito em função do convite para uma palestra dentro do Núcleo de Cultura e Consumo da Fundação Getúlio Vargas, proferida em outubro daquele ano. Em síntese, me interessava mostrar a forma como tentava entender o jornalismo, através da noção de campo social.

Menciono esse momento porque ele me fez repensar alguns temas e me ajudou a mapear as obviedades. Ao apresentar o trabalho para um grupo de pessoas não familiarizadas com o universo jornalístico, percebi (ou fui alertada) que uma série de questões que para mim eram óbvias, como por exemplo os processos que envolvem a edição do texto dentro de um jornal, não eram assim tão claros. Portanto, precisavam ser pensadas e elaboradas na dissertação. Por outro lado, sentiram falta da comparação com estudos sobre jovens em outras profissões liberais, que eu talvez devesse contemplar.

A partir dessas novas demandas, fiz outra pesquisa junto bibliografia e comecei a elaborar a dissertação. Nesse momento as questões por assim dizer metodológicas, ainda estavam muito em aberto e me mobilizavam demais.

Sem ter tido um certo distanciamento temporal, que nos permite entrever como nos colocamos em face ao trabalho, ainda não conseguia elaborar minha posição pesquisando um 'objeto' tão familiar.

No primeiro semestre de 1993, assisti como ouvinte a disciplina Teorias Modernas em Antropologia, ministrada pela professora Paula Montero, na USP, interessada principalmente na parte do programa que se detinha na análise da obra de Bourdieu. Desse período resgato principalmente os textos referentes maneira como esse pesquisador propõe a construção dos objetos científicos, e que se refletiu em muitas de minhas considerações²¹.

Em síntese, Bourdieu advoga como fundamental o trabalho de construção do objeto, que considera relegado a segundo plano na maioria das pesquisas: *"O que conta, na realidade, é a construção do objecto, e a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objectos socialmente insignificantes em objectos científicos ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto..."* (Bourdieu, 1989:20).

O campo social relaciona-se essa preocupação: *"A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objecto que vai comandar - ou orientar - todas as opções práticas da pesquisa"* (idem: 27).

Esses princípios básicos, por assim dizer, de certa forma já estavam incorporados minha pesquisa. Preocupada com o campo jornalístico, optei em diversas ocasiões por abordagens que me permitissem verificar as relações dos jornalistas com esse campo.

Por isso as entrevistas curtas, voltadas para temas específicos, não dirigidas, mais semelhantes a depoimentos que a histórias de vida, onde se pressupõe um contato amplo, longo (Queiroz, 1988).

Também por isso privilegiei nos encontros formais a discussão da profissão, um assunto da esfera do público, e não aspectos íntimos, relativos esfera do privado, apesar desse último componente ter estado presente (ou significativamente ausente) em boa parte das entrevistas, principalmente com as jornalistas.

²¹ Com ponto de partida, usávamos o *Reponses*. Mas boa parte das leituras desse livro encontram-se em "O Poder Simbólico" (citado na bibliografia), que utilizei largamente.

No entanto, a preocupação em abordar um campo onde os espaços ocupados pelos agentes se constróem em relação a outros agentes, me obrigava a enxergar muitas lacunas. Se é verdade que já tinha alcançado o ponto de saturação junto aos jovens promissores, não estava saciada em relação ao campo.

Minha vivência na área me alertava para o fato de que, apesar da reportagem, do trabalhar em jornal, aparentemente serem paradigmas dentro do campo, existiam inúmeras outras opções, espaços, visões de mundo, que mereciam ser confrontadas, fornecendo subsídios para a construção do campo jornalístico. Obviamente não poderia fazer isso no espaço destinado a esse trabalho, mas deveria ir um pouco mais além.

Arelada a essa preocupação, marquei outro encontro informal, com Tom, jornalista americano que residia em Florianópolis. Tom apareceu num desses acasos tão bem discutidos por Mariza Peirano (1990), com uma história singular para contar acerca de sua experiência com o jornalismo no Brasil.

Um jornalista americano (portanto ‘diferente’), com uma história sobre como teve dificuldades em emplacar uma reportagem investigativa (sobre o Caso PC) era uma oferta tentadora e meu encontro com ele somou-se aos meus encontros com os outros jornalistas. Nossa conversa ocorreu em julho de 1993, quando estive em Florianópolis para um outro encontro, dessa feita com minha orientadora.

Ao retornar a São Paulo, no início de agosto, uma dessas reviravoltas que a vida nos dá (infelizmente sempre no meio das dissertações...), fez-me trancar o curso²². E a procurar um emprego decente, quer dizer, com um salário que permitisse a sobrevivência, o que implicava em horários mais ou menos rígidos. Após equacionar algumas questões, como colocar meu filho, então com dois anos, em uma escolinha, conseguir uma boa secretária do lar etc., pude sair cata de um emprego conveniente.

No final do ano, fui contratada por uma assessoria de imprensa e parei de me preocupar com a dissertação.

Mas, como já havia acontecido antes, esse reencontro com o jornalismo me fez mergulhar novamente na pesquisa. Estava novamente *in fieldwork*, tempo integral, dedicação exclusiva, convivendo com outros jornalistas, que faziam da parte menos nobre (a assessoria de imprensa), seu ofício.

²² Não quero entrar aqui em detalhes sobre essa reviravolta, bastante pessoal e complicada. Cabe apenas ressaltar que ela me obrigou, sim, a enfrentar o mercado de trabalho “para valer”, ou seja, me sustentar realmente a partir de meu trabalho enquanto jornalista.

Novamente na Prática

Em maio de 1994, um dos meus chefes na assessoria foi convidado a montar e dirigir a assessoria de imprensa de um dos candidatos ao governo do Estado. Aceitou e me convidou para ir junto, a princípio para organizar a parte de documentação. Acabei ficando na redação propriamente dita, em contato com diversos jornalistas, com trajetórias bastante diferentes.

Foi uma convivência fecunda, até feroz. Compartilhávamos a maior parte do nosso tempo, inclusive feriados e fins de semana, pois apesar da campanha ter sido tranqüila em comparação a outras, não era exatamente pródiga em folgas. Como identificou Mary, uma de minhas companheiras de imprensa: “*Vamos sentir falta, depois desse curso intensivo de amizade...*”.

Na assessoria desenvolvi mais acuradamente uma forma de abordagem para a dissertação, que já se delineava há algum tempo. Ao invés de me despir e desconstruir, optei por assumir a jornalista que há em mim. Nem poderia deixar de ser diferente.

Em contato com outras trajetórias tão interessantes e tão distintas, fiz minhas últimas entrevistas formais, com Dione, 41 anos, Alencar, 47 e Monte Alegre, 60, todas em novembro, quando terminou a campanha. Alencar, meu antigo chefe, já havia sido sondado para esse encontro quando começamos a trabalhar juntos, em fins de 1993. Mas só concretizamos a entrevista formal, gravada, em novembro.

Alencar e Dione foram entrevistados na própria assessoria e Monte Alegre em uma casa de chá, lugar que nos pareceu mais apropriado e de fácil acesso, em função de nossos horários diferentes.

Apesar das entrevistas gravadas terem resultado em ótimos depoimentos, a essência desses encontros não pode ser medida por elas. Foram jornalistas com os quais convivi durante sete meses, quase que doze horas por dia. Além dos discursos produzidos para um gravador, obtive do contato com eles histórias únicas, impressões detalhadas e, principalmente, pude observar os famosos “*imponderáveis*” aos quais se referia Malinowski (1976:35).

Um contato marcado pela empatia, pelo gostar do outro. Escolhi, deliberadamente, jornalistas com os quais tive relações de amizade. Não precisamos falar, na entrevista formal, de suas vidas privadas. Essas já tinham sido amplamente conversadas, seja no cotidiano, seja nas vezes em que pude compartilhar de suas companhias em almoços ou *happy hours*, com uns mais, outros menos.

Esse período também me permitiu conviver mais assiduamente com jornalistas de uma geração anterior dos jovens promissores. Observá-los em conversas constantes sobre o fazer jornalístico de ontem e de hoje, foi um acaso absolutamente fundamental.

Algumas Reflexões

Sempre que penso em racionalizar sobre as motivações e os caminhos que adotei durante minha pesquisa, volto à velha questão: “*Ninguém sabe ao certo como fez seu trabalho de campo*”. Tudo o que podemos oferecer é um quadro parcial e seletivo.

No entanto, acredito que esse esforço reflexivo é profícuo, na medida em que desvenda, seja contando, seja tentando ocultar, “quem” fala. É uma tentativa de “*na representação do outro, quando contamos nossas histórias, ... nos perguntar que história contamos, como a contamos e para quem a contamos*” (Salazar, 1991:9).

Um objetivo limitado pelo alcance e proposta dessa dissertação, mas uma intenção inegável, frente a uma antropologia que empreende um grande esforço reflexivo.

Em relação a essa pesquisa, creio que o nó maior se deu em função de minha identidade, ou melhor, de minha identificação em relação não só aos informantes, mas também ao jornalismo. Essa identificação truncada, permeada por dúvidas próprias relativas ao assumir ou não a profissão, engendrou situações e impasses.

Num primeiro momento, o impasse era a dificuldade de conseguir estranhar o grupo estudado. Se essa preocupação foi vivenciada enquanto real por muito tempo, hoje percebo que ela se transformou durante a pesquisa, através dos encontros com os jornalistas. O estranhamento, ou o terreno fértil onde ele poderia se desenvolver já estava colocado desde o início -- foi ele que motivou a pesquisa.

Ao mesmo tempo, minhas indagações acerca da construção do “outro” foram amortizadas pela constatação de que, principalmente quando era jornalista eu era pesquisadora. Ou seja, o distanciamento não se produzia negando a identificação com os jornalistas. Ele estava colocado, de antemão, pela construção do objeto de estudo, uma construção que é constantemente refeita e aprimorada a partir da pesquisa.

Foi apenas quando me descobri jornalista, que pude continuar a ser pesquisadora. E os encontros mais produtivos do ponto de vista da observação e da percepção do que pode mover os jornalistas, se deram quando assumi inteiramente a profissão, porque me permitiram um *locus* privilegiado de observação.

Em relação a essa questão cabe ainda mencionar que o fato de ter mantido encontros com jornalistas amigos, não afetou significativamente a pesquisa. Ou melhor, talvez tenha afetado, mas num sentido diverso: hoje, superdimensiono a empatia necessária aos encontros etnográficos.

Nesse sentido, concordo com Sidney Mintz (1984) quando adverte que não podemos tomar como pressuposto do estranhamento que “*relações sem afeto*” produzam maior honestidade do que relações com afeto. Não podemos mensurar a veracidade do que é dito pelo afeto desenvolvido na relação estabelecida. Mesmo porque nem sempre estamos interessados em saber até que ponto o dito corresponde ao real.

Mas também não podemos deixar de observar que o tipo de envolvimento que temos com os informantes, suscita diferenças. Em meu caso específico, as entrevistas com amigos foram mais fáceis, mais tranquilas.

Penso que a análise que faz Vicent Crapanzano (1991), acerca das possibilidades de diálogo, talvez explique essa diferença. Analisando os pressupostos de Gadamer, Crapanzano identifica três tipos de diálogo, “*três modos de se entender o outro*”. O primeiro busca entender o típico, o previsível no outro; o segundo entende o outro “*enquanto pessoa*”, mas referenciado em si mesmo; o terceiro modo “*imediate, autêntico*”, difere do segundo porque não possui a pretensão de entender o outro. “*Os falantes, no entanto, têm consciência de suas situações históricas - suas idéias e pré-compreensões - e, assim, estão abertos s questões e intenções de seus interlocutores*” (1991:62).

A diferença crucial entre os dois últimos modos é a mesma diferença entre “*ter*” uma conversa e “*engajar-se*” numa conversa e, para Crapanzano, “*a livre associação e as entrevistas abertas são, geralmente, um meio termo entre as duas*”(idem:63)²³.

Pensando em minhas conversas e entrevistas com os jornalistas percebo que, quanto maior a empatia, mais fácil era engajar-se na conversa.

Esse engajamento, no entanto, era matizado pelo tipo de conversa que iríamos estabelecer: com os jornalistas mais próximos os encontros informais, independente do conteúdo de nossas falas, era rico, produzia o que Crapanzano chama de “*fato criativo, fato fértil*”.

²³ Sua análise dos “*diálogos ocultos*” que mantemos com “*para quem escrevemos*” também é bastante interessante.

Se, ao contrário, era formal, com um gravador, operava uma retração. Mudávamos eu, que sempre sofria do mal da *esquizofrenia metodológica*, e os jornalistas, que se investiam da postura de entrevistados.

Em relação essa questão, cabe ainda mencionar que não me preocupei muito com questões éticas²⁴ sobre o que utilizar ou não das falas que colhi durante o *fieldwork*. Talvez porque tenhamos nos restringido principalmente aos assuntos ligados diretamente ao exercício da profissão, ficando outros, fundamentais para compormos um quadro, como pano de fundo. Talvez porque, sendo todos jornalistas, saibam o risco que correm ao se revelar²⁵ numa entrevista, seja para uma reportagem, seja para uma dissertação²⁶.

De tudo o que foi posto, creio que o risco maior, que sempre esteve presente em meu trabalho, é o mesmo que se coloca para outros pesquisadores: assumir o senso comum daquele universo para explicá-lo. Em outras palavras, revestir de verdade científica as explicações do próprio campo acerca de seus mecanismos.

Esse senso comum, expresso nos discursos que transitam no campo, sejam eles falados ou escritos, revelados ou não, permeiam toda a pesquisa. No caso do campo jornalístico, formado por agentes caracteristicamente discursivos, existe uma grande profusão de meta-discursos.

Como uma pesquisadora, ainda mais sendo jornalista, pode encontrar outras explicações (que não as já correntes), para problemas colocados dentro daquele universo, ou, melhor ainda, encontrar outros problemas para aquele universo?

Confesso que não sei se conseguirei este intento. É um movimento aparentemente óbvio e simples, mas que requer uma imensa dose de suspeição, de reflexividade, no dizer de Giddens (1991). Exige um suspeitar corriqueiro do que é dito e mostrado e, principalmente, do que passamos a dizer.

Talvez devêssemos trocar o distanciamento por *suspeição*. Acerca do que ouvimos, vemos e, principalmente, acerca das questões que *nos colocamos* enquanto pesquisadores que se propõem a dizer algo, sobre alguma coisa.

²⁴ Sobre as dificuldades éticas em se usar depoimentos de “amigos”, indico a leitura de Roseli Buffon (citada)

²⁵ Janet Malcom, em seu interessante “*O jornalista e o assassino*”, no entanto, faz algumas ponderações: “*Alguma coisa parece acontecer com as pessoas quando elas conhecem um jornalista e o que acontece é exatamente o oposto do que seria de se esperar. O mais lógico seria que uma extrema cautela e prudência estivessem na ordem do dia, mas a confiança infantil e a impetuosidade são de fato muito comuns*” (1990:38)

²⁶ Talvez, também, porque eu tenha um viés jornalístico romântico tão arraigado, que meu compromisso com as fontes esteja de antemão colocado.

Enquanto pesquisadores que desejam elaborar um discurso científico, mesmo que nossa noção de ciência também esteja em suspeição.

Questões Teóricas

Algumas Reflexões

“De minha parte, mantenho com os autores uma relação muito pragmática: recorro a eles como companheiros... como alguém a quem se pode pedir uma mão nas situações difíceis.”
(Pierre Bourdieu, 1990:41)

Indicando algumas preocupações

Não é novidade afirmar que a antropologia está em crise porque perdeu seu objeto tradicional, as sociedades simples, que a passos largos são envolvidas pela globalização das culturas. Já na década de 60, Lévi-Strauss chamava a atenção para isso e preconizava:

“A antropologia deverá transformar-se na sua natureza mesma, e confessar que há, de fato, uma certa impossibilidade, de ordem tanto lógica quanto moral, de manter como objetos científicos (cuja identidade o cientista poderia mesmo desejar que fosse resguardada) as sociedades que se afirmam como sujeitos coletivos e que, como tais, reivindicam o direito de se transformar” (Lévi-Strauss, 1962:25).

Essa assertiva exemplifica, em parte, o tipo de indagações que a antropologia foi obrigada a se fazer. Passadas algumas décadas, acho importante situar essa crise, motivada a princípio pela perda do objeto, dentro de um contexto mais amplo, de crise das ciências humanas como um todo, onde “... o que está em jogo é a perda da capacidade explicativa das ciências humanas pelo colapso da distinção entre a teoria e seu objeto” (Montero, 1992:29).

Num primeiro momento, gostaria de tentar situar esta crise de nossa disciplina em um contexto mais geral, a de crise da *razão* dentro da Modernidade²⁷. Pois o constante

²⁷ Não há um consenso sobre o que é a ‘Modernidade’, nem quando iniciou. Para não ficar sem um referencial mínimo, no entanto, trabalho com Modernidade como um fenômeno de amplas extensões, envolvendo estilos de vida, costumes, organizações econômico-político-sociais, que se originou na Europa a partir do século XVII e que resultou em conseqüências de abrangências mundiais. Esse conceito foi adaptado de Giddens (1991), mas sugiro também a leitura de “*Modernidade e Cultura -Para uma Antropologia das Sociedades Complexas*”, onde Paula Montero faz um balanço sobre os dilemas da modernidade.

estado de alerta em que vive a antropologia, apesar de ter contornos definidos por sua história se enquadra também dentro do estado de alerta próprio da Modernidade.

Segundo Giddens, ao substituir as *“reivindicações da tradição pelas da razão”*, ao invés de garantir ao homem mais certezas, a Modernidade subverteu a equação entre razão e conhecimento certo. Ou seja, a reflexividade, que para o autor é *constitutiva da Modernidade*, voltou-se contra a própria razão. De tal forma que hoje *“nenhum conhecimento sob as condições da modernidade é conhecimento no sentido ‘antigo’ em que ‘conhecer’ é estar certo”* (Giddens, 1991:46).

Para Giddens, isso se aplica principalmente ao conhecimento científico, que vive um paradoxo. A implantação do primado da razão constituiu a ciência enquanto voz legítima, que suplantou as fronteiras inicialmente colocadas - o discurso científico passou a invadir a vida social, reconstituindo-a e a si mesmo -, mas engendrou também a *“reflexividade indiscriminada... que inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão”*. Com isso: *“Em ciência, nada é certo e nada pode ser provado, ainda que o empenho científico nos forneça a maior parte da informação digna de confiança sobre o mundo a que podemos aspirar”*(idem).

Essa característica se acentuaria nas ciências sociais onde *“... temos que acrescentar ao caráter inconstante de todo conhecimento baseado empiricamente a “subversão” que vem da reentrada do discurso científico social nos contextos que ele analisa”* (1991:47). Assim, o discurso das ciências sociais circula dentro e fora dos espaços em que se produz, reestruturando *“reflexivamente seu objeto, ele próprio tendo aprendido a pensar sociologicamente. A modernidade é ela mesma profunda e intrinsecamente sociológica”*(1991:49).

As análises de Giddens e seus desdobramentos - de que não estamos vivendo uma pós-modernidade, mas sim uma modernidade radicalizada, são bastante sugestivas.

Quero me ater, no entanto, à sua exposição da *reflexividade como constitutiva* de nossa era, seja ela moderna-radical ou pós-moderna.

Em outras palavras, as questões que levantamos acerca do fazer antropológico se dão em um contexto de suspeita acerca de todo modo de conhecimento²⁸. Não somos os únicos a enunciar essas questões. Mas trabalhamos com elas e somos por elas atingidos de formas específicas, dadas pela história de nossa disciplina.

Alguns dilemas antropológicos

A antropologia, penso, nasceu de uma equação química que buscava encontrar, através da diversidade, a generalidade de uma Humanidade criada pelo Iluminismo. Ou, como enunciou Lévi-Strauss: *“um empreendimento (a antropologia) que renova e expia a Renascença, com o fim de levar o humanismo a alcançar a medida da humanidade.”* (Lévi-Strauss, 1975:222)

Em um encontro singular entre o antropólogo e o ‘nativo’, um *“confronto de diferenças”* (Peirano, 1992), opera-se a química através da qual se produz o conhecimento antropológico. Essa equação elaborada em torno das vivências de pesquisador e pesquisado concede à antropologia *“seu caráter distinto entre os outros ramos do conhecimento: de todas as ciências, ela é, sem dúvida, a única a fazer da subjetividade mais íntima um meio de demonstração objetiva”* (idem: 216).

Neste encontro singular desde cedo procurou-se *“apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo”* (Malinowski, 1976:38).

Esta situação ideal, ou seja, a do encontro com um ‘outro’ cultural (e geograficamente) distante, feita por intermédio de um trabalho de campo onde o

²⁸ Sobre a crise na sociologia, por exemplo, é interessante o mapeamento que faz Otávio Ianni (1990) acerca dos paradigmas dessa disciplina.

observador deveria tentar apreender o ponto de vista do observado, juntamente com a internalização do conceito de 'cultura' - e também de 'homem'²⁹ - estiveram na base da organização da antropologia enquanto disciplina autônoma.

Uma outra característica, forjada nesse embate travado entre um observador e sociedades 'simples', foi a busca de atingir uma totalidade. As sociedades nativas eram totalidades que poderiam ser alcançadas por intermédio de fatos sociais totais, como o Kula de Malinowski.³⁰

É óbvio que os pontos norteadores do que é antropologia não podem ser assim tão sinteticamente resumidos. Seleciono aqui algumas características que são recorrentes em discursos produzidos por sujeitos que se identificam enquanto antropólogos. De uma forma ou de outra estamos, ao identificar o fazer antropológico, usando noções que tratam ou se referenciam em um "trabalho de campo" (Peirano, 1992), que é "altamente descritivo" (Durham, 1986), que remonta à uma tradição que buscava as "sociedades enquanto totalidades" (Evans-Pritchard, 1975), que pressupõe a aquisição de conhecimento através de uma singular experiência com a 'alteridade', com o 'outro'. Como bem exemplificou DaMatta: "Afiml, tudo é fundado em alteridade na Antropologia: pois só existe antropólogo quando há um nativo transformado em informante. E só há dados quando há um processo de empatia correndo de lado a lado" (1978:34).

²⁹ O resgate epistemológico dos nossos conceitos chave é complexo e foge aos objetivos desse trabalho. Referencio-me, ao aludi-lo, principalmente a dois textos: "Reflexões sobre uma Antropologia das Sociedades Complexas", de Paula Montero, e "O Conceito de Cultura e o Estudo de Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica", de Gilberto Velho e E.B. Viveiros de Castro, citados na bibliografia. Também são de grande valia os textos de Mariza Peirano citados.

³⁰ Mariza Peirano, em "A favor da Etnografia", narra uma conversa entre orientador e orientanda, onde o primeiro alerta para a necessidade do segundo conseguir um fato empírico, a exemplo do Kula de Malinowski, da briga de galos de Geertz ou do naven de Bateson, que permita "amarrar os dados e as descobertas... É só estar atenta, à espreita deste evento revelador que condense vários aspectos -- sociais, culturais etc." Uma demonstração de como continuamos a nos referir a esse procedimento e, melhor ainda, como ele pode ser legítimo ainda hoje. Detalhe: para sociedades complexas, quando não podemos circunscrever os grupos, e quando a observação também é fragmentada, como descobrir um evento típico?

Todo esse processo redundará numa ‘etnografia’, um registro descritivo da vida e das organizações sociais de nossos ‘nativos’. E, apesar da perda de nosso ‘objeto tradicional’, da sensação de que não existem totalidades, de que não basta ir a campo para pensar a alteridade, de que a relação pesquisador/pesquisado nunca mais será a mesma, de nossa crescente e insistente preocupação com ‘objetos’ dentro de nossas próprias sociedades, “... o trabalho de campo junto a sociedades numericamente pequenas (ou a setores espacialmente circunscritos de sociedades maiores), de tradição cultural não-ocidental, e seu resultado típico, a monografia etnográfica, continuam a ser a referência clássica da antropologia e, ousar dizer, a raiz de sua autonomia como disciplina” (Viveiros de Castro, 1990:2)³¹.

Mas, como conciliar nossas referências clássicas com um mundo que já não as concebe da mesma forma? Ou, em outras palavras, como a antropologia, face às suas particularidades históricas, realiza sua auto-reflexividade?

Antropologia e auto-reflexividade

Na década de 60, segundo Mariza Peirano (1982), em resposta a uma nova configuração do tradicional binômio antropólogo/nativo, sujeito/objeto, ao mesmo tempo em que se discutiu a necessidade de repensar a disciplina (Leach, 1974) ou de se incorporar dentro dos domínios lícitos da antropologia o estudo de sociedades complexas, desenvolveram-se novas concepções, mais ligadas ao *método* antropológico do que ao seu *objeto*.

³¹ Esse tipo de trabalho de campo, possui uma mágica singular: “Suas (do antropólogo) condições de vida e de trabalho o separam fisicamente do seu grupo durante longos períodos; pela brutalidade das mudanças a que se expõe, ele adquire uma espécie de desenraizamento crônico; nunca mais se sentirá ‘em casa’ em nenhum lugar e ficará psicologicamente mutilado”. (Lévi-Strauss, 1993).

Já nas décadas de 70-80, o que pareceu traduzir as preocupações antropológicas foi a definição dos *objetivos* da antropologia surgindo, então, definições do tipo da antropologia interpretativa (Geertz, 1978). Atualmente, nos debatemos com vertentes desse processo, chegadas até nós principalmente pelos chamados pós-modernos.

Dentro desse grupo (que não se representa enquanto tal), situam-se principalmente vários antropólogos norte-americanos, que têm em comum tomarem como ponto forte de sua crítica o papel do autor no texto etnográfico (Caldeira, 1988). Crítica que se refere principalmente ao que consideram etnografia clássica, ou seja, aquela realizada por antropólogos ocidentais em contato com nativos de terras geográficas e culturalmente distantes.

Outra característica dessa produção absolutamente desigual, é que a subversão das 'relações de poder'³² produzidas durante o *fieldwork*, que são exaustivamente identificadas, são pensadas e reelaboradas por intermédio do texto etnográfico.

Não pretendo aqui, ser mais um a discutir os prós e contras pós-modernos, suas implicações em uma nova forma de fazer antropologia. Acho que esse tipo de crítica surge em um momento determinado - de 'suspeição' acerca do conhecimento - e está marcado principalmente pelo questionamento em relação a situações de 'poder' estabelecidas no contato de antropólogos da metrópole com 'nativos' que, como já havia observado Lévi-Strauss em 1962, reivindicam-se enquanto sujeitos.

³² Cláudia Salazar faz uma interessante crítica ao que considera "*textualização do mundo*", ao afirmar que: "... novas formas de escrever e representar não garantem a transformação das relações de poder no campo" (Salazar, 1991:5) Da mesma forma, sobre a proposta de desconstruir nossos próprios discursos: "Será que uma desconstrução da autoridade do autor subverte realmente a nossa posição de poder?"

(idem). Muito perspicaz me parecem também, as alusões de Eduardo Viveiros de Castro em relação posição de "poder absoluto do autor": "Pode ser que, esnobismo à parte, a crítica tenha algum fundamento, mas psicologicamente a coisa é outra: nunca me senti exercendo qualquer poder que fosse sobre os Araweté. Ao contrário, eles eram os senhores do meu estar lá: e lá estava inteiramente à sua mercê, ignorante, desajeitado e ridículo. sujeito a meus "objetos":..."(Viveiros de Castro, 1990: 16).

De qualquer forma, a crítica pós-moderna é um bom termômetro do tipo e da amplitude de questionamentos que estão colocados para a antropologia hoje. E ajuda a delimitar as preocupações eleitas nesse dado momento enquanto centrais para o campo antropológico.

Em síntese penso que, seja como *diálogo* (Peirano, 1982), seja como *ciência da cultura* (Montero, 1991), a antropologia hoje busca desenvolver um “*difícil esforço de reflexão, ao mesmo tempo etnográfico e teórico, que ponha em relação o simbólico com as transformações econômicas e políticas mais amplas*” para superar “*o abismo que separa as etnografias do cotidiano das sociologias do poder*”(idem: 123).

Esses são referenciais bastante elevados (em nobreza e em dificuldade). Mas estão presentes em minhas considerações, assim como outras discussões que fazemos hoje, no âmbito das ciências humanas e, especificamente, dentro da antropologia.

Um pé no céu e outro na terra

Para tentar construir uma ponte que, se não supere pelo menos indique caminhos entre um trabalho antropológico particular, específico, e a necessidade de enxergar o horizonte social mais amplo no qual se inserem os agentes pesquisados, recorro principalmente noção de *campo social* de Pierre Bourdieu³³.

³³ Bourdieu tem sido questionado enquanto um pensador da reprodução social. Estas críticas centram-se em uma de suas principais obras, “*La reproduction, éléments pour une théorie du système d’enseignement*”, onde analisa elementos do sistema de ensino na França, realmente centrando suas conclusões em torno da reprodução de estruturas sociais operadas por e dentro do sistema de ensino. Para Bourdieu, a mudança social se dá através de um complexo que necessariamente deve levar em conta as relações entre os diversos campos sociais. Mas, dada a complexidade de sua análise, é extremamente difícil apreender o conjunto destas relações e identificar e apreender a mudança social. Na verdade, a transformação social é uma pergunta pouco formulada para este autor e realmente pouco respondida. Talvez sua análise não tenha fôlego suficiente para explicar a transformação, que só pode ser pensada em termos de uma História relacional. No entanto, estes dados não descartam, a meu ver, a profunda propriedade de seus conceitos para entender as relações dentro dos espaços sociais delimitados enquanto campos, e até para fazer inferências sobre as relações extra-campo. Sobre esta questão, Roberto Cardoso de Oliveira, em “*Sobre o Pensamento Antropológico*”, (1988:169-172) tece considerações importantes e elucidativas. Particularmente, atendo-me noção de campo social pelas possibilidades que ela oferece no estudo das dinâmicas micro-políticas no espaço onde e com o qual transitam os jornalistas.

Ao mesmo tempo em que a noção de campo social é profundamente instigante do ponto de vista da análise micro-política, ou seja, das relações *dentro* dos campos sociais, também fornece subsídios para as análises *macro-políticas*, as relações externas aos campos sociais, que os afetam.

O conceito de Campo Social de Bourdieu é relativamente recente em sua produção. Nas palavras do próprio autor, "*a primeira elaboração rigorosa da noção saiu de uma leitura do capítulo de *Wirtschaft und Gesellschaft* (de Max Weber), consagrado à sociologia religiosa*" (1989:66), feita no início da década de 70³⁴.

O nascimento da noção de campo social, no entanto, insere-se dentro de uma linha constante nos escritos de Bourdieu, qual seja, a tentativa de recusar a interpretação interna dos fenômenos e também a explicação externa. A preocupação deste autor, muito pelo contrário, é resgatar estas duas formas de se apreender os fenômenos sociais, superando-as, criando a "*teoria da prática*".

Para Bourdieu, a apreensão do mundo social é feita através de dois modos de conhecimento: o *subjetivista*, onde inclui tanto a fenomenologia quanto o interacionalismo simbólico, caracterizado por centrar sua ação sobre o sujeito social, e o *objetivista* onde inclui, por exemplo, as análises marxistas e os pressupostos de Durkheim, que centra suas baterias no poder explicativo da sociedade.

O autor propõe resgatar estes dois modos de conhecimento, questionando suas limitações e superando-as, para daí chegar ao conhecimento *praxiológico*, ou *teoria da prática*. Assim, questiona a fenomenologia subjetivista, enquanto incapaz de pensar sua própria episteme, e o objetivismo, enquanto transcendentalizador da sociedade. Ao mesmo tempo, resgata o objetivismo, em especial o estruturalismo,

³⁴ Creio que a influência de Weber pode ser sentida no decorrer de toda a obra de Bourdieu, inclusive em termos metodológicos. O campo social enquanto uma "construção" se assemelha muito aos conceitos tipológicos de Weber, também "construções" do pesquisador.

como capaz de construir estruturas objetivas enquanto espaços de posições onde têm lugar as relações de poder. E resgata o subjetivismo, em especial a fenomenologia, ao reintroduzir o sujeito nestes espaços sociais.

O sujeito é recuperado dentro de uma relação dialética com a estrutura, expressa nas suas ações e disposições dentro do campo social. Esta mediação entre sujeito/estrutura é dada pelo conceito de *habitus*, uma tentativa de Bourdieu de "*sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objetos*"(1989:62)³⁵.

Para chegar ao conhecimento praxiológico, "*que tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre estas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade...*" (Ortiz, 1983:47), Bourdieu propõe, num primeiro momento, o resgate do estruturalismo objetivista e, num segundo momento, o resgate do sujeito subjetivista. O primeiro momento, no entanto, é epistemologicamente prioritário ao segundo, pois permite a ruptura com o senso comum, introduzindo o pensamento científico³⁶.

A noção de campo social é chave. Através dela, Bourdieu tenta direcionar suas pesquisas dentro do que enquadra como essencial, ou seja, a preocupação em construir o objeto. Entendendo o campo social enquanto um arcabouço teórico capaz de orientar uma prática de pesquisa, uma *construção teórica* que municia o

³⁵ Muitos trabalhos que de uma forma ou de outra se utilizam das noções propostas por Bourdieu, o fazem particularmente a respeito da noção de *habitus*. Apesar desta noção estar implícita neste trabalho, ela não é o foco das atenções, pois a identificação de um *habitus* jornalístico (ou dos vários *habitus*) que carregam os agentes jornalistas dispostos nas mais diversas posições dentro do campo, demandaria outra pesquisa, bem mais abrangente.

³⁶ Raciocínio aprofundado por Paula Montero, no Curso "*Teorias Modernas em Antropologia*", ministrado no Pós-Graduação de Antropologia Social da USP.

pesquisador para explicar as relações estabelecidas dentro de um locus, um espaço social, o autor advoga que existem tantos campos quanto forem devidamente fundamentados pelo pesquisador.

Esta característica transparece dentro das análises dos diversos campos, mais ou menos autônomos, mais ou menos relacionados. Bourdieu fala, s vezes, do Campo da Produção de Bens Simbólicos, onde se inserem os campos literário, científico, da indústria cultural. Outras vezes, menciona o campo intelectual, como englobando campos literário, científico. A divisão parece ser melhor feita em relação ao campo artístico, ou ao campo da moda. Estas incoerências aparentes se dão em parte própria constituição da noção de campo.

Em síntese, as análises que o autor propõe são relacionais, levam em consideração as relações estabelecidas entre diversos agentes (os "atores" dotados de um *habitus* e de um lugar dentro do campo social) dentro e com um ou mais campos específicos. É o próprio Bourdieu que alerta para as dificuldades desse tipo de análise: *"Ora, é mais fácil pensar em termos de realidades que podem, por assim dizer, ser vistas claramente, grupos, indivíduos, que pensar em termos de relações. É mais fácil, por exemplo, pensar a diferenciação social como forma de grupos definidos como populações, através da noção de classe, ou mesmo de antagonismos entre esses grupos, do que pensá-la como forma de um espaço de relações."* (1989:28)

Campo social

Por tudo que já foi posto, percebe-se que um campo social é um *locus*, um espaço social onde se travam relações objetivas. O campo pressupõe que o cosmos

social a ser pesquisado é relacional. Como consequência, as regras que estruturam os campos são mutáveis, conforme as relações estabelecidas entre os agentes.

Em contraposição, Bourdieu detecta propriedades intrínsecas aos campos sociais: *"Há leis gerais dos campos: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião, possuem leis de funcionamento invariantes(...). Cada vez que se estuda um novo campo, seja o campo da filologia no século XIX, da moda atual ou da religião na Idade Média, descobre-se propriedades específicas, próprias a um campo particular, ao mesmo tempo em que se faz avançar o conhecimento dos mecanismos universais dos campos que se especificam em função de variáveis secundárias"* (1983:89).

Em todo o campo há uma disputa entre os agentes pelo direito à legitimidade. Esta legitimidade pressupõe não só o direito de falar dentro do campo, mas também de determinar o que é legítimo ser falado. A disputa pressupõe, por sua vez, *"pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes ao jogo, dos objetos de disputa, etc."* (idem).

Dentro do campo social se opera uma distribuição desigual do capital específico do campo, capital este que é, ao mesmo tempo, o objeto de disputa e a moeda que confere poder ao jogador.

Bourdieu menciona três tipos de capital formadores do capital específico dos campos: o econômico, o social e o cultural. Cada agente possuirá cotas particulares destes capitais e cada campo levará em conta de forma diferente os vários tipos de capital. No campo científico, por exemplo, o capital cultural tende a ser mais valorizado que o capital econômico: um agente com pouco capital econômico, mais muito capital cultural, tende a deter mais capital específico do que o contrário.

A conservação ou subversão da estrutura de distribuição do capital específico do campo está sempre em jogo: "*A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou instituições engajadas na luta, ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico...*"(1983:90)

As ações dos agentes são orientadas por "*estratégias*" que, neste caso, perdem toda a conotação apriorística. Não são mecanicamente calculadas, mas sim produto da internalização no agente do "*sentido do jogo*". As estratégias adequam o agente s condições objetivas e tanto mais eficazes serão quanto mais internalizadas, e portanto, mais despercebidas³⁷.

Mercado e campos culturais

Bourdieu reintroduz uma perspectiva inusitada de análise dos fenômenos sociais, a começar pela utilização de termos próprios das análises econômicas (mais uma prova de seu vezo Weberiano?), para explicar questões que operam através do simbólico.

Assim, entende e conceitua um *Mercado de Bens Simbólicos*, constituído pela concorrência entre o campo de produção erudita e o campo da indústria cultural. Um mercado constituído por campos relativamente autônomos que se definiram em oposição a outros campos, como o religioso e o político, quer dizer, em oposição a

³⁷ Talvez aqui caiba um parênteses para correlacionar a noção de estratégia de projeto, tal qual a identifica Gilberto Velho: "*conduta organizada para atingir fins específicos*"(1987:107), que busque dar conta "*da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade*".(idem) É óbvio que os agentes assumem projetos, como fins que desejam alcançar. No entanto cabe relativizar essa noção, perguntando até que ponto esse projeto não se inscreve dentro de uma possibilidade concreta para o agente. Ou, ao inverso, será que são possíveis projetos que não se inserem em possibilidades concretas? Mais uma vez, nos deparamos com o problema da mudança social, que, não creio possa ser apreendido tanto do ponto de vista da ação consciente de indivíduos ou grupos, nem da ação orquestradora das estruturas econômicas e sociais. E, mais uma vez, remeto-me análise de Bourdieu, acreditando que a transformação se dá pela relação estabelecida entre agentes, dentro de campos específicos, em busca de suas possibilidades de lucro, sejam eles econômicos ou simbólicos.

todas as “instâncias com pretensões a legislar na esfera cultural em nome de um poder ou de uma autoridade que não seja propriamente cultural”.(1987:99)

Das análises de Bourdieu depreende-se o conceito de *autonomização*, processo através do qual um determinado campo se constitui e que é sempre relativa, pois os campos mantêm entre si relações de injunção, sentidas em maior ou menor grau conforme os campos envolvidos e os momentos desse envolvimento.

A lógica pela qual um campo se autonomiza inclui alguns processos similares. Analisando a constituição do campo intelectual na França, Bourdieu identifica: “Embora a vida intelectual e artística estivesse sob a tutela, durante toda a Idade Média, em grande parte do Renascimento e, na França, com a vida na corte, durante todo o período clássico, de instâncias de legitimidade externas, libertou-se progressivamente, tanto econômica como socialmente, do comando da aristocracia e da Igreja, bem como de suas demandas éticas e estéticas”. (idem:100).

Essa liberação das demandas externas, aconteceu correlata a outras transformações, de cunho mais geral: “a) a constituição de um público de consumidores virtuais cada vez mais extenso, socialmente mais diversificado e capaz de propiciar aos produtores de bens simbólicos (artistas, intelectuais etc), não somente as condições mínimas de independência econômica, mas concedendo-lhes também um princípio de legitimação paralelo; b) a constituição de um corpo cada vez mais numeroso e diferenciado de produtores e empresários de bens simbólicos cuja profissionalização faz com que passem a reconhecer exclusivamente um certo tipo de determinações, como por exemplo os imperativos técnicos e as normas que definem as condições de acesso à profissão e de participação no meio; c) a multiplicação e a diversificação das instâncias de consagração competindo pela legitimidade cultural ... e das instâncias de difusão cujas operações de seleção são

investidas por uma legitimidade propriamente cultural (apesar de também seguirem determinações mais propriamente econômicas)” (idem).

Esses processo é também correlato constituição de uma “*categoria socialmente distinta de artistas ou de intelectuais profissionais, cada vez mais inclinados a levar em conta exclusivamente as regras firmadas pela tradição propriamente intelectual ou artística herdada de seus predecessores*” (idem:101).

A análise de Bourdieu acerca da constituição do campo intelectual é minuciosa e detalhista. No entanto, quero aqui me ater a alguns pontos que julgo importantes e mais relacionados ao meu trabalho, deixando por isso de lado conceitos também fundamentais, como o de *instâncias de consagração e de difusão*, ou mesmo o papel do ensino e das escolas enquanto instâncias de consagração, aspectos que o autor aprofunda.

Bourdieu define o sistema de produção e circulação de bens simbólicos como um “*sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias, definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos*”. A estrutura do campo de produção de bens simbólicos é dada, em maior ou menor grau de acordo com as esferas da vida intelectual e artística, pela oposição entre o campo de produção erudita e o campo da indústria cultural.

O campo de produção erudita é definido como um sistema que produz bens culturais e os instrumentos de apropriação desses bens, destinados a um público de produtores de bens culturais que também produzem para produtores de bens culturais. Já o campo da indústria cultural é conceituado enquanto “*especificamente organizado com vistas produção de bens culturais destinados a não-produtores de bens culturais (o “grande público”)*” (idem), por conseguinte, um campo que obedece lei da concorrência para a conquista do maior mercado possível.

Desta forma os dois campos, que atuam no mercado de bens simbólicos, possuem duas características aparentemente opostas. Ao passo em que, no caso da produção erudita, a legitimidade dos produtores e produtos é conferida pelos “pares”, no caso da indústria cultural a legitimidade está atrelada à receptividade dos consumidores, que são não-produtores. Não obstante, ambos estão sujeitos às regras de um *mercado de bens simbólicos* e é a inter-relação entre esses dois campos que irá determinar as características desse mercado.

Depreende-se da análise de Bourdieu, que o sistema da indústria cultural, ao qual desejo me ater, está claramente submetido às demandas externas, de forma que os produtores dos bens se encontram em posição subordinada em relação aos detentores dos instrumentos de produção e difusão. Em síntese, pesarão para o campo da indústria cultural os imperativos da concorrência pela conquista de mercado e a estrutura de seus produtos será uma decorrência das condições econômicas em que foram produzidos.

Tentando exemplificar: Bourdieu pondera que o valor agregado a uma obra dentro do campo erudito (produzida por ele), será dado pela relação entre o produtor e seus pares, que são ao mesmo tempo concorrentes e consumidores. Fica mais fácil entendermos se nos lembrarmos dos valores atribuídos à produção acadêmica, dados principalmente pela própria academia. Obras oriundas do campo da indústria cultural, por outro lado, terão tanto ou maior valor conforme seu poder de venda, de atingir um número maior de consumidores *indiferenciados*, o grande público.

No entanto, são as legitimidades produzidas dentro do campo erudito que servirão de parâmetro também para o campo da indústria cultural. A cultura mais legítima será aquela produzida pelo campo erudito (cujos consumidores são as elites, o “*homem cultivado*”), uma legitimidade conferida pelas instâncias de consagração.

Ao tentar sintetizar essas análises que, volto a afirmar, são feitas de forma bastante minuciosa por Bourdieu, corro o risco de decepar inúmeras variáveis importantes e de fazer parecer que as relações entre esses diversos campos são mecânicas e lineares. Ao contrário, o universo proposto pelo autor é profundamente heterogêneo, relacional e dialético. O que gostaria de ressaltar, além das características próprias desses campos que constituem um mercado de bens simbólicos, é a forma como estão entrelaçados, mesmo tendo características opostas.

Se, por um lado, as legitimidades produzidas por um campo erudito vão interferir no que é sentido como legítimo nos outros campos culturais, por outro lado, o despojamento que se opera nos campos afeitos à indústria cultural também se fará sentir nos campos eruditos, entre outras formas através do que Bourdieu chama de “*desencantamento*”.

O desencantamento é o desvendar do que há de concreto, as demandas que estão por trás do que é produzido: *“De fato, a oposição que a ideologia profissional dos produtores para produtores e de seus porta-vozes estabelece entre a liberdade criadora e a lei do mercado, entre os imperativos sociais que orientam de fora a obra e as exigências intrínsecas da obra que quer ser compreendida, aperfeiçoada, acabada, entre as obras que são criadas por seu público e aquelas que tendem a criar seu público, em suma, entre os simples comerciantes e os “criadores” autênticos, constitui sem dúvida um sistema de defesa contra o desencantamento produzido pela constituição do campo de produção erudita enquanto tal, desvendando a verdade objetiva da profissão”* (1987:140).

Trocando em miúdos: tanto a arte, entendida em sua acepção erudita, quer dizer, aquela acessível a um público restrito, cujos valores e legitimidade são dados em grande parte pelos pares e por instâncias de consagração também legítimas (que

se encarregam de traduzir essa arte enquanto tal) e a arte média, produzida para o maior número possível de consumidores, que “vale” principalmente o que vende, têm como princípio comum a divisão do trabalho e “*a constituição de esferas separadas de atividade que favorecem a explicitação das funções próprias a cada uma delas (negócio é negócio) e a organização racional dos meios técnicos adequados a estas funções*” (idem).

A arte “artística” e a arte para o consumo são produzidas por artistas e intelectuais profissionalizados e valorizam técnicas que existem exatamente para valorizar o papel do produtor em relação ao seu produto, ou seja, mostrar que apenas aqueles formados dentro do *métier* são capazes e tem legitimidade para produzir arte. Ocorre que, se no campo da indústria cultural esses mecanismos e as demandas que devem ser obedecidas são mais visíveis, no campo erudito elas têm que ser tornadas invisíveis, sob pena desse campo perder o seu valor em relação aos outros campos. O desvendamento desses processos, e a conseqüente perda do sentido da legitimidade erudita, é que Bourdieu chama de “*desencantamento*”.

Indústria Cultural e Campo Jornalístico

Mais recentemente, em *Actes de La Recherche en sciences sociales*, (1994, números 101/102) Bourdieu comenta o *campo jornalístico*, orientando suas preocupações para a atuação deste, junto aos outros campos da produção cultural (campos artístico, literário, jurídico, científico etc).

Suas indagações tentam determinar de que forma um campo dominado pela sujeição s demandas de mercado exerce seu poder (simbólico) sobre os outros campos de produção cultural, cujas demandas em princípio estão mais voltadas para satisfazer uma lógica interna. Essa análise, acredita Bourdieu, apesar de poder ser

feita tomando-se outros momentos desses campos, reveste-se hoje de características próprias, em função da penetração e poder de difusão gerados pelo campo jornalístico, notadamente através da televisão.

O campo jornalístico atua sobre os outros campos de produção cultural, afetando de certa forma o que é produzido por esses campos, medida em que exerce a lógica do mercado sobre essa produção³⁸.

Bourdieu detecta dois pólos entre os quais se desenvolve a produção cultural: o comercial (ligado s demandas do mercado) e o intelectual (ligado demandas internas dos campos). Todos os campos de produção cultural estabelecem vínculos com esses dois pólos e, quanto maior a autonomia do campo maior sua vinculação ao pólo intelectual. A autonomia (sempre relativa) é fundada na capacidade do campo constituir suas próprias leis e demandas, desvinculadas das demandas externas.

O campo jornalístico, lugar por excelência da difusão cultural, contribui para ampliar em todos os campos o pólo comercial, reforçando os agentes menos dotados do capital específico do campo, inclinados ceder sedução dos “*profits externes*”.

Outro aspecto é que esta intervenção se exerce principalmente através de produtores culturais situados em um limite incerto entre o campo jornalístico e os campos especializados, agentes que Bourdieu chama de “*intelectuais jornalistas*”.

Esses intelectuais jornalistas servem-se do duplo pertencimento aos dois campos, tanto para se esquivar das exigências específicas de cada campo, quanto para levar aos campos com os quais se relacionam, poderes próprios adquiridos no outro campo. Bourdieu detecta que a ação desses agentes opera principalmente ao: introduzir novas formas de produção cultural, situadas entre um mal *definido* *esoterismo universitário e esoterismo jornalístico*; impor, através principalmente de

³⁸ Após a introdução ao tema, feita por Bourdieu, outros autores, na mesma linha, aprofundam essa análise, em cima de casos concretos da imprensa francesa.

seus julgamentos críticos, outros princípios de avaliação das produções culturais, dando seus critérios, oriundos das sanções do mercado, uma aparência e uma autoridade intelectuais.

Assim procedendo, o campo jornalístico ameaça a autonomia dos outros campos de produção cultural, medida em que impõe uma estrutura de avaliação dos produtos, calcada na legitimidade do “grande público”, que é estranha estrutura gerada no interior dos outros campos.

Características próprias do campo jornalístico

Além de analisar como o campo jornalístico exerce sua força sobre os outros campos de produção cultural, Bourdieu identifica algumas propriedades desse locus. Em síntese, avalia que é no interior do campo jornalístico que se luta pelo monopólio da expressão legítima da opinião pública. Uma luta que envolverá não só os agentes jornalistas, mas também agentes de outros campos, principalmente as grandes autoridades do Estado, detentores legítimos das informações, que possuem “*um poder simbólico excepcional*”, expresso na capacidade de definir, através de suas intervenções, “*a pauta e a hierarquia dos acontecimentos que se impõem aos jornais*”³⁹.

Bourdieu aproxima o campo jornalístico do campo político: “*esses dois campos têm em comum estarem direta e estreitamente no lugar onde impera a sanção do mercado e do plebiscito*”⁴⁰ (1994:07). Esse efeito gera no interior do

³⁹ Os efeitos também podem se fazer sobre o campo jornalístico. Como analisa Bourdieu, os outros campos culturais, ao assumirem a divulgação de suas obras mais raras, podem colocar em questão o monopólio dos instrumentos de difusão que o campo jornalístico detém.

⁴⁰ Nessa aproximação, o autor demonstra a maneira como o campo jornalístico, apesar de englobado pelo campo político, exerce sobre o último os seus efeitos, identificando a luta concorrencial entre os dois campos pelo monopólio da legítima “opinião pública”, enfraquecendo a autonomia do campo político e a capacidade de seus agentes invocarem sua competência enquanto *experts* ou sua autoridade como guardiães dos valores coletivos.

campo político um novo fenômeno: “*l’emprise do campo jornalístico reforça as tendências dos agentes engajados no campo político a se submeter pressão e s exigências do maior número (maioria), por vezes passionais e irrefletidas, e freqüentemente constituídas em reivindicações mobilizadoras (apenas) pela expressão que elas recebem da imprensa*”(idem).

Para o autor, o campo jornalístico vai se constituir na França, no século XIX, pela oposição entre os jornais elaborados em torno das *nouvelles*, sensacionalistas, e os jornais que propõe análises e *commentaires*, estes últimos preocupados em marcar a *distinção* em relação aos primeiros, afirmando os valores da *objetividade*. Essa oposição marca, na verdade, uma oposição entre duas lógicas e princípios de legitimação: o reconhecimento pela maioria, materializado através dos consumidores, atrelado possibilidade de venda e de lucro, e o reconhecimento pelos pares, com a valorização dos princípios e valores internos (a legitimidade do *métier*). No primeiro caso, a sanção operada pelo plebiscito democrático (a vontade da maioria), está vinculada a um veredicto do mercado.

Essas duas lógicas em oposição, operando dentro de um campo intrinsecamente dependente do mercado irão constituir a estrutura do campo jornalístico. Assim, ao mesmo tempo em que o campo jornalístico está sob uma lógica específica, propriamente cultural, “*que se impõe aos jornalistas através das coerções e controles que se fazem pesar uns sobre os outros ... e que funda a reputação d’honorabilité professionnelle*” (como nos campos artísticos e literário), o campo jornalístico “*está submetido permanentemente ao veredictos do mercado, através da sanção direta, da clientela, ou indireta, da audiência*” (como no campo político). Com isso, os jornalistas estão bastante inclinados “*a adotar os critérios da audiência sobre sua produção ... e para valorizar seus produtos e produtores*”

(idem). Essa forma de valorização no entanto, não é uniforme. Depende da posição ocupada pelos agentes jornalistas. Ela tende a ser maior quando os jornalistas ocupam postos mais elevados, principalmente em veículos mais dependentes do mercado, tendendo a ser bem menos acentuada em “*jornalistas mais jovens e menos estáveis (que) estão, ao contrário, mais inclinados a opor os princípios e os valores do *métier* s exigências, mais realistas ou mais cínicas, de seus *anciens*”*”.

Autonomia dos jornais e autonomia dos jornalistas

A autonomia dos veículos do campo jornalístico se dá em função do desprendimento relativo que estes possuem em relação s demandas externas, sejam elas oriundas dos anseios dos consumidores ou dos anunciantes. Em outras palavras, se os veículos encontram-se mais ou menos próximos do pólo comercial (menos autônomo) ou do intelectual (mais autônomo).

Dentro dos diferentes veículos, a autonomia dos profissionais jornalistas depende de diversos fatores: da concentração de empregadores (quanto menor o número de empregadores maior a sujeição dos agentes s demandas externas ao *métier*); da posição do veículo, se mais próximo ou mais afastado do pólo comercial; da posição do agente dentro do jornal, que determina garantias estruturais, ligadas ao salário e *notoriedade*; e de sua capacidade de produção autônoma da informação.

Bourdieu também relaciona a estrutura do campo jornalístico ao tipo de “bem” produzido em seu interior: um bem “*altamente perecível*” (a notícia), fazendo com que a concorrência pela clientela assuma as características de uma “*concorrência pela prioridade*”. A concorrência pela prioridade, reforça dentro do

campo “os agentes dotados de disposições profissionais que os inclinam a colocar a prática jornalística sob o signo da vitesse (ou da precipitação) e da renovação permanente. Uma disposição reforçada pela temporariedade mesma da prática jornalística, que, obrigando a viver e a pensar em termos do dia-a-dia e a valorizar a informação em função de sua atualidade... favorece uma espécie de amnésia permanente que é o inverso negativo da exaltação da novidade e uma propensão para julgar os produtores e os produtos pela oposição do “novo” e do “ultrapassado”” (idem:5).

Campos culturais no Brasil

Renato Ortiz (1991), retomando a temática de Bourdieu, analisa o advento da indústria cultural no Brasil. Seguindo suas próprias vertentes, centra sua análise na oposição Tradição x Modernidade, discussão emblemática dentro da sociologia que se faz no Brasil.

Ortiz argumenta que as análises sobre um mercado de bens simbólicos entre nós se fizeram quase sempre em referência à discussão da cultura popular e da cultura brasileira. Sobre a cultura de massas e um mercado cultural, propriamente, pesou um silêncio, que atribui ao eixo em que se travava o debate: a cultura e a questão da identidade nacional.

Ao mesmo tempo, ainda na década de 60, a indústria cultural era interpretada principalmente através da escola de Frankfurt, cujas teorias não davam instrumentos adequados para entender o período autoritário, marcado pela incongruência de uma censura ditatorial.

Retomando a linha proposta por Bourdieu, Ortiz conclui que, no Brasil, “*não se justifica uma nítida diferenciação entre um pólo de produção restrita e outro de*

produção ampliada”, onde transparece “*uma fraca divisão do trabalho intelectual e uma confusão de fronteiras entre as diversas áreas culturais*” (1991:36)

Além disso percebe que, enquanto a implantação da sociedade de massa na Europa se dá durante o século XIX, entre nós ela é bastante tardia, podendo ser caracterizada apenas a partir da década de 40: “*Se apontamos os anos 40 como o início de uma sociedade de massa no Brasil é porque se consolida nesse momento o que os sociólogos denominaram de sociedade urbano-industrial*” (idem: 38)

Da mesma forma Gisela Goldenstein, fazendo um estudo comparativo entre os jornais Última Hora e Notícias Populares, conclui que ambos “*foram empreendimentos que em sua primeira fase tiveram técnicas da indústria cultural, mas não se regeram pela lógica da indústria cultural, e sim pela lógica política*”(Goldenstein,1987:154). É apenas nos idos de 1965, quando são absorvidos “*por uma cadeia em formação no bojo da nova fase em que ingressava nosso capitalismo*”, que os jornais assumirão uma lógica de indústria. Com isso, como traduz Goldenstein, “*suas mensagens, doravante subordinadas à empresa, passariam a ser integralmente mercadorias*” (idem). Para a autora, portanto, é apenas na década de 60 que esses dois jornais vão se “enquadrar” dentro de uma lógica de produção específica da indústria cultural⁴¹.

Esse “atraso”, seja do ponto de vista do debate, como evidencia Ortiz, seja do ponto de vista das técnicas, teve uma série de causas que não convêm aprofundarmos nesse trabalho⁴². O que gostaria de ressaltar é que o campo jornalístico no Brasil

⁴¹ A análise de Goldenstein apoia-se nos preceitos da Escola de Frankfurt. Apesar de remeter-me a noções que chegam até nós principalmente por essa via, abstenho-me de entrar em detalhes pois não se trata aqui de fazer mais um trabalho sobre a forma como a indústria cultural se desenvolve no Brasil. Na bibliografia citada, Goldenstein detalha sua análise. Apenas gostaria de ressaltar que é fundamental para essa vertente demonstrar que a lógica da indústria cultural, eminentemente empresarial, expressa-se ao subordinar a mensagem ao lucro.

⁴² O trabalho de Ortiz se encarrega disso, bem como os estudos de Goldenstein acerca da empresa Folha da Manhã, citados.

nasce e se “autonomiza” dentro de um quadro bastante específico, marcado principalmente pela “*fraca especialização dos setores culturais*” (Ortiz, 1991:26), com a superposição de funções.

Essa fraca especialização é bastante perceptível em relação ao campo literário. São inúmeros os homens de letras que se tornam conhecidos do público através de seu trabalho nos jornais. Além disso, “*é conhecido o fato de que no Brasil o desenvolvimento da literatura se encontra estreitamente ligado à burocracia do Estado*” (idem:28), já que era impossível para o escritor viver da sua “arte”. Em suma, nossos “escritores”, até há bem pouco tempo, vão possuir duas alternativas diferentes ou complementares: serem jornalistas ou funcionários públicos. E, até hoje correm o risco de adquirirem notoriedade antes por sua vinculação à imprensa do que por suas obras⁴³.

De uma forma ou de outra, o que desejo ressaltar é que o campo literário entre nós sempre esteve intimamente relacionado com o campo jornalístico, um entrelaçamento que vai influenciar a ambos.

O Campo jornalístico paulistano

De todas as metrópoles brasileiras, São Paulo com certeza é a que ostenta os maiores signos da modernidade, traduzido aqui principalmente por uma inequívoca especialização das esferas do trabalho, além da urbanização sem precedentes.

Creio não ser errôneo afirmar também que é um *locus* onde o campo jornalístico tende a se apresentar bastante autonomizado em relação aos campos político e econômico, além de estreitamente vinculado ao que Bourdieu denominou

⁴³ Aqui, minhas análises separam-se das de Ortiz. Ao passo que ele passa a discutir de que forma os jornais vão se tornar “*instância consagrada da legitimidade da obra literária*”, passo a tentar entender como as características descritas vão influenciar o fazer jornalístico e aos agentes envolvidos com essa produção.

pólo comercial, com as técnicas e pressupostos da indústria cultural em plena afirmação⁴⁴.

Na verdade, ao olharmos pela primeira vez as redações dos grandes veículos paulistanos⁴⁵, com sua informatização, especialização funcional, que os comparam aos veículos das grandes metrópoles do mundo, bem como seus meta-discursos, preocupados em ressaltar a importância da liberdade de imprensa, dos critérios de objetividade, estaremos analisando um campo que, primeira vista, assume integralmente seu lugar dentro da indústria cultural. No entanto, um olhar mais aprofundado certamente irá captar aparentes incongruências nesta imagem, com a coexistência de valores que remontam a um tempo em que o campo jornalístico ainda caminhava de mãos dadas com outros campos, principalmente literário e político.

Proponho pensar o campo jornalístico paulistano a partir dessa incongruência, onde valores e regras (para adotar a terminologia de Bourdieu) aparentemente paradoxais convivem e configuram o campo. É em função dessa perspectiva que me arrisco a traçar os moldes do trabalho: um jornalismo romântico em tensão harmoniosa com um jornalismo burocrático que expressam duas lógicas de legitimação, dois modos de fazer e pensar o jornalismo. Essas duas lógicas são complementares ao invés de antagônicas, pois que a primeira funda a segunda.

A lógica romântica, que aparece nos discursos que transitam no campo jornalístico se realiza enquanto um ideal. Antes de um modo de fazer o jornalismo, é

⁴⁴Essa autonomização é relativa, como já mencionei. Em verdade, inúmeros trabalhos tentam demonstrar a ligação entre imprensa e política. Essa relação, que existe inegavelmente, penso, deve ser problematizada, considerando-se que toda e qualquer intervenção no campo político não é fruto de uma orquestração homogênea, mas sim da atuação de inúmeros agentes, com posições e interesses distintos. É qualquer atitude de intervenção direta (escolhendo matérias, manipulando "fatos"), deve ser operada tendo em vista um mercado consumidor com real poder de veto. É essa relação que, em última análise, determinará o poder de intervenção desse ou daquele agente (grupo).

⁴⁵Obviamente que não é apenas em São Paulo que essas características poderão ser encontradas, não podemos perder de vista que outras cidades também possuem grandes veículos, com estruturas eminentemente empresariais.

mais um modo de percebê-lo, matizado por impressões idealizadas acerca da profissão. A lógica burocrática, é o jornalismo que se cria no cotidiano, expresso ou não em discursos. No entanto, a lógica romântica, fundada e fundante do processo de autonomização do campo jornalístico é a que constitui o jornalismo enquanto tal. Nesse sentido, assemelha-se “*ideologia profissional*” de que fala Bourdieu (1987), que funciona como “*um sistema de defesa contra o desencantamento*”, ou seja, contra o desvendar das verdades práticas e objetivas do campo.

Proponho analisar o espaço ocupado pelos jovens promissores e outros agentes que transitam no campo, em termos dessa tensão constitutiva.

Românticos ...

O vocábulo romântico utilizado para caracterizar um suposto modo de fazer e pensar o jornalismo, foi-me sugerido em conversas com jornalistas de gerações anteriores e dos jovens promissores. Foi Nice quem o utilizou em primeiro lugar para definir seu próprio trabalho, comparando-o com o que se faz hoje nas redações, ao comentar: “*eu sou de uma época em que o jornalismo era mais romântico, havia uma preocupação muito grande com o texto, não com o fechamento*”. Dessa forma, o ser romântico aparece relacionado a pureza no estilo (tão prezada pelo campo artístico).

Mas ser romântico apareceu também várias vezes, em conversas, em leituras, relacionado a um conjunto de valores que remetem a uma suposta função social importante e inequívoca do campo jornalístico, expressa na seguinte citação: “*... o bem estar dos povos depende de suas decisões livres e judiciosamente adotadas. O valor destas decisões depende, por sua vez, do grau de informação dos cidadãos e estes não estão informados mais do que na medida em que os fatos e*

acontecimentos lhes são relatados de um modo exato e completo. A qualidade da informação depende da compreensão, dos conhecimentos, das qualidades profissionais e do sentido de responsabilidade do jornalista” (Medina,1982:35).

Com essa responsabilidade, o profissional de imprensa deve ser “... *aquele que é capaz de contar aos homens o que fazem cada dia, explicar-lhes as razões de seus atos e ainda antecipar-lhes o futuro com a valorização dos fatos e a projeção de cada acontecimento com suas conseqüências, esse profissional lida com o presente do homem, transforma todos em irmãos em suas relações diárias e ainda reflete o passado e o futuro com uma pretensão totalizadora que engloba hoje toda a vida dos homens”*(idem:34).

Entendo que o jornalismo romântico inicia nos fins do século XIX e vai se sedimentar nas décadas de 20 a 60, quando dentro do campo jornalístico já se configura uma atividade em vias de especialização, mas que ainda se encontra francamente relacionada a outras atividades. Esse modo de fazer e pensar o jornalismo persistirá dominante até a década de 60, quando, a exemplo do que ocorre com a antropologia⁴⁶ (e outras profissões), o campo jornalístico entra em acelerado processo de especialização, com a constituição de grupos de profissionais, ou grupos de especialistas, como denominou Bourdieu.

⁴⁶ Roberto Cardoso de Oliveira (1988) ao analisar a antropologia no Brasil, propõe enfocá-la sob alguns períodos: Heróico, Carismático e Burocrático. O primeiro, que corresponde às décadas de 20 e 30, marcado principalmente pela indefinição da profissão de antropólogo, onde, “*portanto, o trabalho de pesquisa tinha o sabor de uma atividade verdadeiramente heróica*”(112). O período Carismático corresponderia às décadas seguintes e seria identificado pela existência de figuras centrais “*que conseguiram reunir em torno de si e de seus projetos científicos e acadêmicos inúmeros jovens estudantes de antropologia*” (113). O último período, o burocrático, teria seu início na segunda metade dos anos 60 e, segundo o autor: “*É o período em que se rotiniza o carisma daquelas lideranças e de outras similares e, em seu lugar surgem novas formas de divisão do trabalho na disciplina, imbuidas de uma preocupação de estabelecer organizações ... que racionalizassem os projetos de formação avançada em Antropologia e onde a pesquisa passasse a ser condição imprescindível ao adestramento de qualquer antropólogo*”(113). A divisão de Cardoso de Oliveira é bastante interessante e creio que podemos fazer um paralelo entre ela e que proponho para o campo jornalístico.

O jornalismo romântico pode ser caracterizado por uma relação ambígua entre o campo jornalístico e outros campos, notadamente literário e político. Ela se expressa tanto pelo fato de agentes serem escritores ou políticos (ou ambos) e jornalistas, quanto pelo fato dos jornais adotarem ora um feitiço de literatura, ora defenderem idéias e causas (ou fazerem isso conjuntamente). Como exemplifica Nelson Werneck Sodré, citado por Renato Ortiz (1991): “até a década de 20 literatura e jornalismo se confundiam, a ponto de os diários serem escritos com uma linguagem empolada, inadequada para a veiculação de notícias”. Creio que essa identificação persistirá por muito mais tempo, apesar da linguagem empolada ter sido substituída progressivamente por textos mais enxutos e valorizados enquanto jornalísticos, em contraposição literários⁴⁷.

Gostaria de ressaltar que, além da facilmente verificável ligação entre campo jornalístico e campo literário, sempre existiu uma sintonia entre campo jornalístico e campo político no Brasil, seja através da dupla função exercida por especialistas que atuam em ambos, seja pela utilização dos veículos como instrumentos junto ao pólo dominante do campo do poder.⁴⁸

Mas, ao mesmo tempo em que ocorre essa identificação é na alçada do romântico que se prepara a estrutura para uma autonomização do campo jornalístico: a fundação dos valores do *métier*.

Em resumo, penso que o modo de fazer e perceber o jornalismo que denominei romântico, aparece associado principalmente a preocupações com o texto, leva em consideração um suposta função social do jornalismo e, por

⁴⁷ Em verdade, grandes nomes da literatura brasileira, como Machado de Assis, Olavo Bilac, e posteriormente, Nelson Rodrigues, Mário Quintana e muitos outros, iniciaram-se em sua profissão através do jornalismo. Mas também outros grandes nomes, como Rui Barbosa, mais ligados ao campo político, fizeram dos jornais seus bastiões.

⁴⁸ Apesar de bastante interessante, não posso aprofundar essa linha de raciocínio nesse trabalho. No entanto, sugiro como leitura que forneça algumas pistas acerca dos mecanismos dessa simbiose, a biografia de Assis Chateaubriand, citada na bibliografia, além da análise de Goldenstein sobre os jornais Notícias Populares e Última Hora.

consequente, do jornalista. Associada a essa valorização da função social, evidencia-se também a valorização da reportagem (a coleta de notícias), enquanto atividade paradigmática dentro da profissão. É próprio ainda do jornalismo romântico, a valorização da notoriedade individual do jornalista, notoriedade essa concedida tanto pelo grupo de pares, quanto pelo público consumidor.

...E Burocráticos

Ao mesmo tempo que me deparava com um modo romântico de perceber o jornalismo, notava junto aos jovens promissores outra forma de relação com a profissão, onde a valorização do texto perdia lugar para a valorização da rapidez, onde a reportagem cedia lugar s tarefas de edição, onde um certo tipo de profissionalismo era exaltado. Após leituras de Max Weber, somadas s de Roberto Cardoso de Oliveira, optei por denominar essa outra lógica de legitimação como jornalismo burocrático.

Para Max Weber, (1994) existem três tipos⁴⁹ de legitimidade. ou “*três tipos puros de dominação legítima*”, cujos “*fundamentos primários...podem ser de caráter racional... tradicional...carismático*”. A burocracia é o exemplo mais típico da dominação legítima legal e, apesar de ser encontrada já na antigüidade clássica, é o modelo básico das sociedades modernas. A dominação legal se baseia em algumas premissas, sendo principal a de que o direito é instituído de modo racional, quer dizer, a melhor forma de se atingir fins ou valores (ou ambos).

Segundo Julien Freund (1975), os princípios sob os quais se fundamenta a definição da dominação burocrática weberiana são: 1. a existência de serviços,

⁴⁹Preocupado com as definições do método sociológico, Weber elaborou uma análise que procura definir conceitos através de “tipos ideais”. “...tratam-se de conceituações do que ele entende pelo termo empregado, de forma a que o leitor perceba claramente do que ele está falando”(Tragtenberg, 1980:XIV). Assim, não existem os “tipos ideais” enunciados em estado puro, “o importante nessa tipologia reside no meticuloso cuidado com que Weber articula suas definições e na maneira sistemática com que esses conceitos são relacionados uns aos outros”(idem).

competências e poderes de decisão rigorosamente definidos por normas e regulamentos; 2. proteção dos funcionários no exercício de suas funções em virtude de um estatuto; 3. hierarquia de funções; 4. recrutamento através de concursos, exames ou títulos, que exigem do candidato uma formação especializada; 5. remuneração regular através de salário fixo; 6. direito da autoridade de controlar o trabalho de seus subordinados; 7. possibilidade de promoção segundo critérios objetivos; 8. separação entre o cargo e o profissional que o ocupa, e entre os funcionários e os meios administrativos. Além desses princípios, Weber ressalta também o fato dos funcionários exercerem seu cargo como única ou principal atividade.

A análise tipológica weberiana parte do pressuposto de que o sistema burocrático assim constituído é um tipo ideal, isto é, não pode ser encontrado em estado puro, ou, como argumenta o próprio Weber: *“Esta ordem pode, em princípio, aplicar-se a estabelecimentos econômicos, caritativos, ou quaisquer outros de caráter privado que persigam fins materiais ou ideais, e a associações políticas ou hierocráticas, o que pode mostrar-se historicamente (em aproximação maior ou menor ao tipo puro)”* (Weber, op.cit.:176 - grifo meu).

Apesar de, ao enunciar seu tipo burocrático, Weber ter em mente principalmente associações políticas (governos, Estados etc), sua análise pode ser deslocada para outros objetos, como fez Roberto Cardoso de Oliveira (1988) em relação Antropologia.

Penso que a lógica do jornalismo burocrático passou a verificar-se enquanto prática a partir da década de 60, conjuntamente (e como exigência) da difusão do modelo empresarial nos veículos de comunicação. Pode ser caracterizada por uma preocupação com um profissionalismo de especialistas que se dedicam exclusivamente atividade jornalística, seguem regras, técnicas e normas (que podem variar de veículo

para veículo) de como escrever (ou portar-se), estão mais preocupados com a urgência de seu trabalho do que com a pureza de seu estilo, desenvolvem funções variadas, porém específicas, dentro de uma ordem hierarquizada, encaram-se como profissionais de um ramo de atividade - a função social tão alardeada por seus antecessores assume outras conotações. É uma lógica que coloca em dia a necessidade da regulamentação profissional e valoriza a remuneração salarial do trabalho.⁵⁰

Retomando o norte proposto por Bourdieu, penso que a lógica de legitimação, que denomino jornalismo burocrático, desenvolve-se como decorrência do acirramento de um processo de autonomização do campo jornalístico, de uma separação desse dos demais campos em função da implantação da indústria cultural. Uma autonomização que sempre será determinada pela estreita vinculação do campo ao pólo comercial

Alguns agentes do campo jornalístico

Como já havia mencionado trabalhava, desde o início, com os jovens promissores enquanto tipos ideais, ou seja, construções conceituais que pudessem dar conta de uma realidade social. Quase que parâmetros a partir dos quais poderia enumerar as diferenças.

Em termos gerais, esses agentes são oriundos de famílias de camadas médias, mais ou menos abastadas, onde a cultura é tida como um bem maior. Procuram o jornalismo em uma época de grande movimentação social, com campanhas pelas liberdades democráticas, liberdade de expressão etc. Acreditam na possibilidade de intervenção social através da profissão. De certa forma, compram parte do imaginário social que cerca o jornalismo.

⁵⁰ Nesse sentido, a diferença entre as articulações do campo jornalístico hoje e ontem são profundas, como atesta a já famosa resposta de Chateaubriand a um de seus repórteres, que ousou pedir aumento salarial: "Mas eu já não lhe dou uma carteira da imprensa? Quanto você vai ganhar é problema seu". Naquela época era muito comum jornalistas ostentarem um padrão de vida incongruente com seus salários, já que se utilizavam das benesses da profissão para aumentar seus rendimentos.

Cursaram as faculdades de maior prestígio dentro do campo e vão iniciar sua vida profissional intermediados por outros agentes. Dentro das redações, apesar de muitos terem começado como repórteres, logo vão ocupar postos de chefia, desempenhar tarefas mais burocráticas. Com isso, substituem a paixão pela reportagem pela paixão por intervir no produto final.

Essa intervenção se dá de forma objetiva, mas não dentro dos Alencar que eles mesmo imaginam, acredito, já que conferem ao produto final uma cara que já está previamente determinada pela linha editorial do veículo, isso sem falar na crescente padronização, que limita ainda mais o trabalho.

Ao contrário das interpretações mais correntes, penso que o jovem promissor típico possui uma visão crítica da profissão, principalmente das possibilidades concretas de atuação dentro dela. Com isso desenvolve, de forma ambígua, um certo tipo de desencantamento: desvenda parcialmente os mecanismos do campo ao mesmo tempo que reinventa ou readequa os valores do romântico, que dão sentido à sua profissão. Assim, apesar de ter como referência a função social, tão cara ao jornalismo romântico, ela aparece misturada a uma compreensão de que realiza apenas um trabalho, como qualquer outro. Essa postura, lembra a *"impessoalidade formalista"*, um dos requisitos dominantes da burocracia weberiana, através da qual os funcionários exercem suas atividades *"sine ira et studio, sem ódio e sem paixão, ou seja, sem amor e sem entusiasmo, submetida tão somente à pressão do estrito dever"* (Weber, op.cit:179). É claro que essa ausência de *"ódio ou entusiasmo"* é relativa. Ela só pode ser identificada se comparada a um outro tipo de jornalismo, que realça e idealiza sobremaneira a profissão.

O jovem promissor típico está propenso a colocar o campo sob o signo da *vitesse*, e a se filiar a um pólo que legitima o novo em contraposição ao velho. São claras

suas tentativas de diferenciação em relação a um tipo de jornalismo que considera ultrapassado, que se preocupa com o estilo, com a reportagem, e é, em sua concepção, pouco ágil.

Dentro dessa filiação a um determinado pólo, preferem a prática à teoria jornalística, apesar de sua formação acadêmica. E procuram se diferenciar de um modelo de jornalista que consideram ultrapassado - obsessivo com a profissão, limitado, boêmio. Não participam das associações sindicais, não se vêem enquanto uma categoria de trabalhadores.

A maior parte dos jovens promissores entrevistados teve algum tipo de contato com a Folha de S. Paulo: ou se recordam dela na época em que se decidiram pelo jornalismo, ou passaram por ela enquanto profissionais, ou ambos. Penso que, dentro do campo jornalístico, a Folha se colocou estrategicamente na posição do novo. Foi o único veículo que deu total cobertura à campanha das Diretas-Já, criando um divisor de águas e introduzindo a questão da objetividade jornalística sob o prisma da práxis diária. Afora a teorização que busca legitimar o chamado Projeto Folhas, existe toda uma estratégia de conquista de leitores e fortalecimento do jornal frente à concorrência pela aparente modernização do produto, tanto em forma e conteúdo quanto em procedimentos de trabalho⁵¹. Colocando-se no pólo do novo, a Folha tomou para si a defesa do jornalismo burocrático, capitalizando e influenciando os novos profissionais da imprensa, incluindo aí os jovens promissores⁵².

⁵¹ Sobre essa questão, sugiro os trabalhos de Goldenstein, citados na bibliografia.

⁵² A posição da Folha de S. Paulo dentro do jornalismo paulistano, por si só mereceria uma outra pesquisa. Infelizmente, não é possível aprofundar essa questão no presente trabalho, se bem que ela apareça de forma subliminar em vários momentos. Por hora, posso apenas supor que, seguindo uma estratégia particular de diferenciação em relação aos outros veículos, principalmente ao concorrente imediato, o jornal se colocou em um pólo específico, advogando para si a defesa dos valores do jornalismo moderno, que ele afirma calcado em valores como "objetividade". Sobre o trajeto da Folha, além dos trabalhos de Goldenstein, sugiro os trabalhos de Carlos Eduardo Lins da Silva, citados na bibliografia.

Por tudo isso, penso que os jovens promissores assumem grande parte das lógicas propostas para o jornalismo burocrático, alguns mais, outros menos, a depender de suas posições dentro do campo, que são bastante diferenciadas. Mas, no geral, estão preocupados com a valorização salarial, possuem um diploma que atesta sua competência profissional, valorizam o que Bourdieu chamou de “*vitesse*” própria do jornalismo, submetem-se a uma ordem hierárquica rígida. O se colocar frente à profissão é ambíguo e transparece unido ao desvendamento das lógicas que ordenam o jornalismo. É nesse sentido que um certo desencantamento, como definiu Bourdieu, parece ser uma das características do grupo que merecem ser analisadas.

Os outros informantes, de outras faixas etárias e/ou com posições dentro do campo diversas das ocupadas pelos jovens promissores, são bem mais heterogêneos em termos dos *loci* que ocupam dentro do campo jornalístico.

Esse grupo, composto por oito jornalistas, sendo duas mulheres, apesar de ter trajetórias por vezes comuns, produziu falas que apontam para algumas diferenças na forma de se relacionar e perceber a profissão⁵³.

Dos informantes, cinco têm entre 43 e 49 anos, um tem sessenta e dois tem 33 e 37. As mulheres optaram atualmente por trabalhos mais *lights*, fora das redações, em função, afirmam, da falta de disponibilidade para jornadas exaustivas e das dificuldades de conciliar filhos, família, com o que pensam ser as exigências atuais dentro das redações. Dois dos três homens na faixa dos quarenta, bem como o informante mais velho do grupo, também não ocupam atualmente cargos nos grandes veículos. Mas, comparados com as mulheres, são melhor remunerados e bem mais reconhecidos dentro

⁵³ O material do encontro com esses jornalistas é bastante rico e instigante. No entanto, não vou usá-lo por completo por entender que o grupo, nesse trabalho, aparece como “coadjuvante”: precisei desse contato para melhor verificar as relações dos jovens promissores com a profissão e apreender pelo confronto, pistas que indicassem os mecanismos do campo jornalístico. Tenho intenções de, posteriormente, aprofundar a análise dos “românticos”, que aqui faço apenas como pano de fundo.

do campo. Apenas um é jornalista de linha de frente, sendo responsável pela sucursal de um jornal em São Paulo.

O informante mais novo atualmente é frila. Mantêm-se preferencialmente como repórter. Apesar de ter a mesma idade dos jovens promissores, ter cursado a ECA e ter aparentemente o mesmo capital social do grupo, recusou-se pelo menos em duas vezes a ocupar cargos de chefia em jornais onde trabalhou. Faz da reportagem uma missão de fé e se identifica muito mais com jornalistas que considera idealistas.

O que talvez sirva de elo de ligação entre esses informantes, sejam as alusões ao jornalismo romântico, bem mais freqüentes que no discurso dos jovens promissores. Alusões, no entanto, que estão delimitadas pela posição objetiva desses agentes dentro do campo.

Alguns Agentes e o Campo Jornalístico

“Fazer a etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências...
(Clifford Geertz. 1978:20)

1. O Espaço (redação x rua)

No imaginário que cerca o campo jornalístico, o espaço por excelência é o da *rua*, onde se dão os acontecimentos, onde o repórter exerce parte de seu cotidiano. No entanto, o espaço real onde se articulam as regras do campo é a *redação*, local onde se estabelecem os conflitos e as disputas. É na *redação* que os acontecimentos serão transformados em fatos e em notícias. Portanto, é esse o *locus* que elejo como principal para investigar o campo jornalístico. Além disso, os jornalistas enfocados por esse trabalho, como já mencionei, não fazem parte daquele universo que vem primeiramente à nossa mente quando pensamos nessa categoria profissional. Ou seja, não são repórteres, suas atividades no geral pouco tem a ver com a coleta de informações na rua. Seu trabalho se desenvolve basicamente na *redação*⁵⁴.

Uma redação é o centro nervoso de um veículo informativo. Creio que nervoso é a palavra mais apropriada para caracterizá-la. Quando o ex-presidente Collor dissolveu seu Ministério, numa manobra política para adquirir credibilidade, eu estava na redação de um grande jornal, entrevistando um informante. A impressão que tive, na hora, era de que o local em peso havia sido tomado de assalto. Os jornalistas corriam de um lado para o outro, tentavam descobrir informações mais precisas sobre o fato, antes mesmo que os correspondentes em Brasília tivessem tempo de passar suas versões. Editores anunciavam um golpe branco, ao velho estilo UDN pré-64. Tudo me pareceu bastante histórico. Parecia que o jornalista que não compartilhase daquele clima de tensão e

⁵⁴ Obviamente que, tratando-se de um campo onde ainda persiste uma fraca especialização, esses "administradores da notícia" - como definiu um dos próprios informantes -, também coletam informações, podem até fazer reportagens. Frequentemente escrevem matérias, não se restringem apenas ao trabalho "burocrático", organizativo. Mas, no geral, seu tempo é tomado mais por atividades que os baseiam nas redações, em tarefas de cunho organizacional.

urgência estaria automaticamente deslocado de seu ambiente. A redação, pensei, não apenas produz as notícias. Ela parece respirá-las⁵⁵.

Esse clima de feira livre, se me permitem a analogia, parece acompanhar todas as redações, principalmente os jornais diários, onde a urgência é bem mais palpável do que em uma revista mensal, por exemplo.

Em termos característicos, uma redação é geralmente um espaço amplo, dividido por conjuntos de mesas onde se instalam as editorias. Cada uma dessas é formada por um grupo de profissionais responsáveis pelos segmentos do jornal ou revista. A importância e tipo das auditorias varia de veículo para veículo, mas creio que podemos supor uma divisão genérica, para os jornais diários em editorias de política, economia, internacional, geral, esportes, cultura/espetáculos. Além dessas, podemos ter outras para segmentos específicos, como informática, marketing, negócios etc. A posição da editoria para o veículo poderá se refletir em disparidades salariais entre ocupantes de mesmo cargo em editorias diferentes.

No caso das revistas, podemos observar algumas diferenças. Em geral as redações são menores que a dos jornais diários, com mais divisórias. O espaço pode ser mais pessoal. Uma das revistas que visitei, voltada para o público adolescente, era efusivamente decorada com decalques, bonequinhos, cartazes e bichinhos. Como se os jornalistas que dela fazem parte também assumissem o que supõem ser as feições de seu público alvo⁵⁶.

Afora as editorias relacionadas diretamente com a produção dos textos jornalísticos, os veículos possuem editoras de Arte⁵⁷ e de Fotografia, a primeira

2 Quando digo que na redação as notícias são produzidas, entendo que elas não existem por si só. não existem enquanto não forem encaixadas dentro da lógica de produção do veículo informativo.

⁵⁶ É interessante notar a aproximação dos jornalistas com seus "objetos" de trabalho. Num primeiro momento, jornalistas esportivos serão diferentes de jornalistas que fazem as páginas culturais. É como se para exercer a atividade fosse necessária a criação de um ethos específico. No entanto, penso que esse ethos não subsiste mudança de atividade, muito comum. Ele me parece mais similar a uma pseudo-identificação, claramente manipulável: se o agente muda de praia (um jornalista de esportes passa a se dedicar editoria de política, por exemplo), muda também sua padronagem.

⁵⁷ Uma das características da industrialização da imprensa é a subordinação do conteúdo (as matérias), publicidade, bem exemplificado por Goldenstein: "*é o espaço que sobra do utilizado pela publicidade que é distribuído entre as diversas editorias em proporções variáveis (para cada uma) em função da importância relativa de cada matéria no conjunto das existentes para aquele dia*"(1988:22) Cabe

responsável pela produção iconográfica e distribuição espacial dos vários componentes do jornal e a segunda, como já diz o nome, pela produção fotográfica. São equipes multidisciplinares, trabalham em conjunto com as demais e se relacionam geralmente direto com os editores.

Podemos definir que uma editora comporta os profissionais ligados às tarefas de captar as informações que serão noticiadas, redigi-las e editá-las. Essa é uma idéia simplificada, posto que existem outras atividades relacionadas ao fazer jornalístico. Além disso, nada impede que um mesmo profissional execute várias funções. Para efeito de análise, no entanto, tomemos essas três tarefas básicas.

Além das várias editorias, com seus computadores e telefones, geralmente as redações possuem o que se convencionou - dentro do campo - chamar de aquário: uma única sala, com divisórias envidraçadas onde ficam os chefes da redação. As vidraças possuem duas funções distintas: permitem aos jornalistas observar seus chefes, mas, principalmente, permitem aos chefes observar a redação. É interessante notar que dentro do amplo espaço aberto, apenas os chefes de redação são facilmente detectáveis por seu aquário. Sua função e importância não se confunde com o restante da redação. Sua autoridade é imediatamente marcada pela divisão espacial.

Os cargos e denominações desses chefes a que se subordinam todos os editores e que se relacionam diretamente com os donos das empresas, variam. Na Folha de S.Paulo, por exemplo, abaixo de Otávio Frias Filho - que é filho do principal acionista do conglomerado -, estão os secretários de redação. A revista Veja possui uma hierarquia bem mais acentuada: além de um diretor executivo (cargo semelhante ao de Frias Filho, sem que seja parente do maior acionista), possui um diretor adjunto, que coordena o trabalho dos editores executivos (semelhantes aos secretários de redação), a quem estão subordinados os editores, sub-editores e editores assistentes.

editoria de arte, munida do espelho - a disposição dos anúncios que vem determinada pelo setor de publicidade - adequar o material produzido pela redação nas páginas.

O trabalho: acerca da edição e de outras responsabilidades

Se a redação, ao contrário da rua, é o espaço do real, a *edição*, ao contrário da *reportagem*, é a tarefa do real. A reportagem, paradigmática, no cotidiano é suplantada pela construção que se opera nas redações através das atividades ligadas ao editar, responsável em última análise pela transformação do acontecimento em notícia. É nessa tarefa, portanto, que me detenho para analisar o campo.

Um jornal ou uma revista começam a ser feitos a partir das pautas, que são os roteiros do que vai ser apurado e coberto pela reportagem. A elaboração da pauta é bastante diferenciada por veículo: em alguns existe o pauteiro, profissional ligado diretamente à reportagem, que irá centralizar a elaboração dos roteiros, enquanto outros dispensam essa figura. O que é mais ou menos comum é que a pauta envolve as chefias da redação e os editores⁵⁸.

Feita a pauta, distribuídas as tarefas, os repórteres se encarregam de colher as informações. O resultado das apurações vai para a mão dos redatores, responsáveis pela preparação dos textos. Em alguns veículos, poucos hoje em dia, existe ainda a figura do copidesque, profissional que lê e burila os textos.

Nessa divisão de tarefas, nada impede que um redator também apure uma reportagem, nem que um repórter entregue um texto final (que não precisa ser mexido). Os repórteres especiais, por exemplo, têm grande autonomia, podem propor suas próprias pautas e seus textos recebem um tratamento diferenciado. Da mesma forma, articulistas entregam suas colunas, que não serão alteradas pela redação.

Feitos os textos estes serão editados, juntamente com os materiais gráficos. A edição, que a princípio é a tarefa de dar ao material jornalístico a forma final, fica a cargo principalmente do editor e editores-assistentes (ou sub-editores). Um editor geralmente tem poder para modificar textos, exigir outros, mudar a pauta. É uma figura central no

⁵⁸ Dos jovens promissores, na época, um era diretor de redação de um jornal diário: quatro eram editores de seções em jornais e revistas: dois eram responsáveis por seções em jornais e revistas, apesar de subordinados a um editor imediato. Apenas um era redator da primeira página de um grande jornal. No entanto, tinha sido até há bem pouco tempo secretário de redação de um setor do jornal onde trabalhava, um cargo de chefia. Mesmo a redação da primeira página é um cargo de relativo prestígio. Essas oscilações apenas demonstram que as escaladas rumo às posições mais elevadas dentro do campo não são lineares, e possuem recuos que podem, inclusive, fazer parte de estratégias específicas dos agentes.

processo de confecção do produto jornalístico, se não por sua função de fechador - aquele que finaliza, dá títulos, escolhe legendas, determina local e fotos, dá ok nos textos - que pode ser ocupada por um editor-assistente, mas principalmente por suas tarefas enquanto coordenador da editora.

A autonomia e o prestígio de um editor dentro de uma determinada publicação vai variar conforme uma série de fatores: desde a importância estratégica de sua editora até suas relações com a direção do veículo. Na Folha de S. Paulo, um exemplo exagerado, porém elucidativo exatamente por esse exagero, as tarefas do editor já foram expressas da seguinte forma⁵⁹ :

"Editor- é responsável por uma determinada editoria do jornal. Responde diretamente à Direção de Redação. Deve: a) responder pelo enfoque editorial dado a todos os assuntos tratados em sua área; b) coordenar todos os trabalhos de sua editoria, com o auxílio de seus editores-assistentes; c) planejar, pautar, supervisionar a produção de todo o material jornalístico referente aos assuntos de sua área; d) recusar, modificar, refazer, mandar refazer, fundir e condensar o material jornalístico, sempre que for o caso; e) zelar para que sem cumpridos rigorosamente os horários de fechamento; f) consultar a Direção de Redação em todos os casos que julgar delicados, controvertidos ou de maior importância; g) estar presente ou fazer-se representar nas reuniões diárias de produção e edição; h) coordenar, pelo menos, uma pauta especial por dia; i) responder pela qualidade e correção de todo o material publicado; j) zelar para que a Secretaria receba diariamente os relatórios de sobra, noite/dia e superego (todos relatórios de avaliação de rotinas e desempenhos - n.a.); l) supervisionar a discussão e cumprimento do programa de metas trimestrais em sua editoria; m) ajudar na elaboração da "Crítica da Edição"; n) gerir o orçamento de sua editoria; o) planejar com antecedência coberturas de grande porte em sua área; p) secretariar o jornal em um domingo a cada oito semanas e deixar um relatório desse fechamento para a Secretaria; q) administrar o pessoal de sua editoria, propondo contratações, admissões, advertências, transferências, cumprimentos, avaliações, demissões; r) participar do encontro mensal dos editores e repórteres especiais com a direção da empresa que edita a Folha; s) organizar e cuidar dos arquivos de sua editoria; t) propor a realização de seminários e cursos internos em sua área; u) tomar todas as suas decisões com base nas orientações que recebe da Direção de Redação e nas normas deste Manual".

Confesso que a impressão que tenho ao ler acerca dos deveres do editor, tal como os elaborava a Folha de S. Paulo, é a de que os deveres acabaram unicamente por

⁵⁹ Essa citação, retirada do Manual Geral da Redação, da Folha de S. Paulo (1987), reflete um momento em que o veículo buscava afirmar seu projeto, ressaltando sua estrutura e política editorial. Em versão mais recente, no Novo Manual da Redação (1992), o verbete foi suprimido. Suponho que em função, inclusive, do público para o qual foi direcionado - bem mais amplo, com direito a campanha publicitária e lançamento também em disquete. Não creio, no entanto, que as obrigações do editor tenham sido modificadas. Mantenho portanto essa citação, que me interessa analisar principalmente pelo aparente exagero das obrigações.

falta de letras no alfabeto. Exageros parte, no entanto, essa citação é interessante por exemplificar a quantidade de responsabilidades que pesam sobre o trabalho de edição e também por demonstrar a ligação deste com a **normatização** dos procedimentos de trabalho que passa a ocorrer nos veículos informativos.

Ainda utilizando a Folha de S. Paulo como exemplo: Goldenstein (1988), analisando *o desenvolvimento da lógica empresarial e seu impacto sobre a confecção do produto jornalístico*, através de um estudo de caso sobre o conglomerado Folhas, que edita o jornal, enfoca a série de medidas normativas que o grupo vai adotando no decorrer dos anos e que se acirram na época da implantação do Projeto Folhas. A autora conclui que a crescente normatização dos processos e das atividades, juntamente com outras características relacionadas, como o *"rebaixamento do status do jornalista no interior da empresa face a outros tipos de trabalhadores"* (refere-se principalmente profissionais da área comercial), *"são evidências de um processo em andamento, que ainda pode ter muitos desdobramentos, e no qual os jornalistas têm cada vez menos controle sobre seu produto e sobre a maneira de fazê-lo"* (idem:23).

Menos do que as conclusões acerca desse processo de *"subordinação da produção ao lucro e do trabalho ao capital"*(idem:24) , interessa-me a trilha aberta por Goldenstein sobre a implantação de normas e padronizações do trabalho cada vez mais sofisticadas, expressas singularmente na afirmação de Otávio Frias Filho:

A estrutura da Folha de S. Paulo tem sofrido um processo muito forte de racionalização (grifo meu), formalização, normatização - isso tem conduzido a um peso burocrático maior no jornal, em um jornal muito pouco burocratizado, muito ágil, informal - com as vantagens e desvantagens disso. Há alguns anos, já, tem havido um processo de formalização, de organização, de estruturas, normas, procedimentos, controles, medições estatísticas do desempenho jornalístico, tudo isso. No final do período do Boris foi criada também uma segunda secretaria de redação. Tradicionalmente, os jornais têm uma secretaria de redação só: eu tenho duas: uma para edição e outra para a produção. E essa secretaria de produção passou a dedicar-se a uma série de trabalhos que antes não havia: o controle do número de erros das edições, o controle do números de fotos publicadas, o controle do número de unidades informativas publicadas... Passou a haver o que se chama aqui a Planilha de Produção...por meio do qual se pode acompanhar a biografia de cada matéria...Foi criado uma série de controles... um controle que, na gíria interna, dizemos superego - uma série de acompanhamento dos erros cometidos por cada redator...Foi formalizada

uma série de mecanismo de advertência e de congratulação... um plano trimestral de metas..."(in Goldenstein, 1988:12).

Dentro desse processo, que acontece em maior ou menor escala nos vários veículos, a função de editor adquire feições distintas. Além de ser responsável pela edição em si, quer dizer, pela forma final das matérias, o editor agora acumula uma série de funções administrativas, de normatização do trabalho.

La vitesse

Alguns dos ideais do campo jornalístico, a pureza textual e a exatidão, cedem lugar a uma das características mais marcantes do trabalho, qual seja, a urgência. De fato, *"a rapidez e imediatez caracterizam a atividade jornalística"* (Capelato, 1990:12), resultando em um produto final rapidamente digerível e ultrapassável, pela necessidade de novas informações: *"A confecção do jornal se destaca pela rapidez; rápida é também sua leitura. Os profissionais da imprensa procuravam manter o domínio do tempo. Na concorrência entre as empresas jornalísticas, cada minuto era precioso; as equipes de redação se empenhavam em fazer com que seu jornal chegasse primeiro às mãos do leitor. Este, por sua vez, se lançava à leitura com impaciência, reclamando, dia a dia, alimento novo"*. (idem: 13)

Segundo essa análise, a rapidez e a agilidade necessárias à produção do veículo informativo dentro do modo de produção da indústria cultural, definem as características da imprensa e, por extensão, dos profissionais envolvidos com sua produção. Ou, nas palavras de Ciro Marcondes Filho: *"As redações de jornais adotam, coerentemente com a alta velocidade de circulação de informações em todo o sistema, processos hipertaylorizados de utilização de mão-de-obra jornalística. De alguma forma, o homem ou o homem-máquina tem de trabalhar à velocidade do próprio sistema"*(1993:108).

Nesse quadro de exaltação da velocidade, desenvolve-se o trabalho de edição. É claro que ele é bem mais urgente em se tratando de jornais diários. Mas, mesmo as revistas mensais, com um tempo diferenciado de produção, também têm que se sujeitar

urgência. O fechamento de qualquer veículo é uma tarefa árdua, pautada pela necessidade de aliar precisão rapidez. Mas tomemos como exemplo o jornal diário - paradigmático, por certo.

No período da tarde os repórteres já chegaram da rua com as matérias, os fatos já foram coletados, o jornal começa a ser fechado: vai ser escrito e diagramado em pouquíssimo tempo, a maior parte dele em menos de três horas.

O trabalho de redigir e editar, que aparentemente exigiria silêncio, concentração, é altamente ruidoso, as trocas de informações se fazem muitas vezes aos berros, as brigas pelos computadores e telefones (nunca em número suficiente para atender a todos ao mesmo tempo), são freqüentes. Novamente penso em uma feira-livre paulistana. Não deixa de ser uma algazarra alegre, um fervilhar histérico e na maioria das vezes bem-humorado.

O veículo, que se apresenta como um produto final harmônico, é feito em várias etapas por inúmeros profissionais, que na maioria das vezes não têm uma idéia precisa do que é produzido por seu setor, que dirá pelo conjunto da redação. Uma das informantes expressa bem essa característica:

"Se você visse a bagunça como é feito um jornal, a coisa toda é tão convulsionada, e cada um faz um pedaço, que você acha que não vai sair o todo. É uma coisa tão amalucada, de fazer um título, mas ele não leu a matéria, leu duas linhas e fez o título. É uma coisa tão maluca, a edição é uma coisa tão maluca... De repente "cai" (quer dizer, não será mais publicada) uma matéria, aí tem que encher a página de matéria, ah, tem isso, tem aquilo, então põe ali. Às vezes não tem tempo de refletir direito o que você está fazendo. Não é só em jornal não. Às vezes você pega uma revista e lê umas matérias que você vê, você não acredita, lê e acha que os caras ficaram estudando, refletindo, e foi tudo escrito num pé só".

A exiguidade do tempo é explicada pela necessidade de chegar cedo aos revendedores. Estando os jornais e revistas inseridos dentro da lógica de produção da indústria cultural, seu objetivo é auferir lucros e, para isso, além dos ingredientes de forma para atrair o público alvo, devem obedecer cegamente periodicidade e aos horários para estarem nas bancas. Quem chegar primeiro, mais chances terá de ser lido. Este aspecto impõe um horário rígido para "fechar" o veículo, em todas as etapas, desde

a apuração até a impressão. Mesmo para as revistas, os prazos estão colocados, muito em função da impressão mais sofisticada, que requer mais tempo.

Assim, no caso de um jornal, elaborar a pauta, colher e checar as informações, redigir e editar as reportagens, além de criar os ícones e diagramar todos os elementos em apenas algumas horas é um trabalho com ritmo acelerado. No caso de revistas semanais, mensais ou quinzenais, o ritmo é mais leve, já que as informações podem ser colhidas mais demoradamente. Por outro lado, como o conteúdo editorial tende a ser mais aprofundado nesses veículos, a matéria levará mais tempo para ser apurada. Acaba que o fechamento será também nesses casos uma tarefa árdua, que muitas vezes ultrapassará os horários habituais, entrando na madrugada.

Dentro da urgência do campo jornalístico, se tornam imprescindíveis as atividades de controle dos horários, do processo de fechamento, da checagem para amortecer os inevitáveis erros; e essa corrida contra o tempo será um dos fatores a demarcar claramente "quem" e "como" dever ser o profissional da imprensa. Como já detectou Bourdieu (1994) a concorrência pela prioridade reforça os agentes dispostos a se colocarem - e a colocar o campo - sob o signo da *vitesse*. E, arrisco, da normatização.

2. Os Jovens Promissores (Burocráticos)

Como já mencionei, o grupo pesquisado se caracteriza porque ocupam ou ocuparam recentemente cargos de responsabilidade em seus jornais ou revistas, são editores responsáveis por uma seção, uma editoria ou mesmo um veículo, apesar do relativo pouco tempo de profissão - época das entrevistas, em *média cinco anos*, que coincide com uma idade de maturidade biológica também relativamente pequena (29 anos era a maior idade dos entrevistados na época),

Obviamente que estes jornalistas compartilham de uma situação/posição aparentemente privilegiada dentro do campo jornalístico, tanto pela remuneração de seu trabalho, que é maior do que a concedida - grande maioria dos outros jornalistas, quanto

pelo prestígio auferido por ocuparem postos de chefia. Assim, apesar de sua relativa pouca idade junto ao campo, suas posições indicam que, pelo menos para as direções das empresas jornalísticas, estes profissionais merecem investimento. Batti, que foi para Washington como correspondente júnior aos 23 anos, por sua empresa, identifica esse processo:

"O jornal costuma manter em algumas cidades do Exterior algum jovem talento (grifo meu) que esteja investindo por uns seis meses".

Lembrando que, no campo jornalístico, os produtores dos bens culturais estão subordinados aos detentores dos instrumentos de produção e difusão desses bens, penso ser conveniente classificar como promissores⁶⁰, agentes jovens que se destacam dentro da estrutura de seus veículos aos olhos de quem pode outorgar-lhes capital social.

Aqui talvez caiba um parêntese para relativizarmos essa noção de investimento. O investimento em jovens talentos também pode ser interpretado como uma forma de ampliar a exploração capitalista sobre o trabalho intelectual. Assim, ao invés de promover profissionais com mais tempo de casa, que teoricamente ganhariam mais, promove-se profissionais jovens, diminuindo a faixa salarial, mesmo para cargos de prestígio. Essa, em verdade é uma argumentação que pode ser em parte correta, bastante utilizada por todo um contingente de agentes, identificados com outras estratégias.

No entanto, acredito que o achatamento salarial a que têm sido submetidas as redações opera-se em quase todos os níveis, das chefias aos postos mais subordinados, e está mais relacionado a uma conjuntura macro político-econômica do que a qualquer outra coisa.

Além disso, o investimento em profissionais jovens varia de veículo para veículo, sendo bem mais verificável junto empresa Folha da Manhã, que edita, entre outros, o jornal Folha de S. Paulo. Penso que isso se dá em função da posição própria do jornal

⁶⁰ A idéia de promissores, no entanto, não diz tanto respeito a um futuro - eles não são possibilidades a serem concretizadas, são possibilidades que já estão se concretizando. São promissores no sentido em que são depositários do capital específico do campo.

dentro do campo jornalístico, demonstrando que esse investimento também pode funcionar como uma estratégia de diferenciação entre os veículos.

Famílias

O jovem promissor provém de famílias de camadas médias, algumas relativamente abastadas, para as quais a cultura, enquanto possibilidade de manipular os bens legitimamente reconhecidos como culturais, segundo a fala dos informantes, aparece como algo importante a ser preservado e incentivado.

Estudaram em colégios considerados bons, particulares, e cursaram a Escola de Comunicações e Artes -ECA- da USP, considerada a melhor para o ensino de jornalismo dentro do campo jornalístico, ou, no caso de Carlos Eduardo, a Metodista - que era próxima de seu trabalho - também bastante conceituada. Não se enquadram nesta perspectiva apenas o jovem promissor egresso do Rio Grande do Sul, que, no entanto, estudou na "melhor" faculdade de lá, e a jovem promissora que não é formada em jornalismo, mas que frequentou a USP. Fernanda ilustra bem esta preocupação da família com a cultura:

"Tem uma coisa legal na minha família, que é a cultura como um bem maior. Eu fui a pessoa que não foi reativa a isso na minha casa... eu aprendi a ler jornal no colo do meu pai, ele sempre comprou muito jornal, e o domingo era o dia dedicado leitura. Nisso eu acho que tive um reforço até um pouco skinneriano. Cada ditado com 10 era aquela coisa, sempre foi considerado a glória, o mundo da cultura, da leitura".

O ler jornal como uma atividade que reunia os familiares aparece no discurso de vários informantes, assim como o ler no geral.

A princípio, a carreira jornalística parece ter sido encarada sem grandes ressalvas pelas famílias, principalmente em relação aos homens. Das mulheres, duas queixaram-se da discriminação familiar sofrida ao optarem pelo jornalismo, principalmente através das repreensões da figura paterna. Segundo Margarida:

"Meu pai sempre achou assim... imagina, pai italiano, conservador, a filha vai fazer jornalismo... ele achou assim de quinta. Tudo o que pode fazer para sabotar minha carreira ele fez. Não ia pagar a faculdade se eu não entrasse na ECA, não me dava

dinheiro, coisas horríveis, coisas horrorosas. A gente guerreou. Foi uma vitória para mim conseguir ser jornalista, porque foi barra pesada. Foi tão barra pesada que eu tive que sair de casa".

Com Fernanda, a guerra parece ter sido menos direta:

"...Todo mundo apostou que ia dar errado, ia voltar parálitica, sífilítica, ferrada. Pai queria que eu fosse médica... Quando vim para São Paulo, faz uns nove, dez anos, eu e ele quase rompemos, ele não queria de jeito nenhum".

Por outro lado, as duas entrevistadas afirmam que, com o tempo não só angariaram a aceitação da família, como adquiriram prestígio frente aos olhos dos familiares. Fernanda tornou-se *"a estrela da família"* e Margarida passou a ser, segundo seu depoimento, *"admirada"* :

"Quando o pai começou a ler (o que ela escrevia), a gostar, a perceber que era uma coisa super séria, que eu estava começando a ganhar dinheiro com isso, que eu estava conseguindo viver desse meu dinheiro... então, depois disso, ele... não fala, né, claro... mas ele super admira, assim. E eu dou até uma força para eles, financeiramente".

No caso de Fernanda, as proibições e restrições iniciais se deveram principalmente ao fato dela se transferir de Belo Horizonte para São Paulo, numa época em que *"não sabia se fazia jornalismo para sair de casa ou saía de casa para fazer jornalismo"*. E sua relação com o pai se complicou principalmente depois que deixou de residir com os tios na metrópole, e foi dividir um apartamento com colegas de curso. No caso de Margarida, foi claramente o jornalismo que motivou as disputas: *"Meu pai me achava muito inteligente para fazer jornalismo, eu deveria fazer algo como engenharia..."*, comentou. O desconhecimento por parte da família do que era a profissão, e de suas possibilidades de ganho material, suponho, foi fator importante na rejeição inicial.

Encontro com a profissão

O encontro desses jovens com o jornalismo se deu de formas distintas, como a síntese de seus pequenos perfis⁶¹ deixam entrever. É importante notar, porém, que a maioria deles afirma ter lido muito jornal no início da década de 80.

É nesse período que se inicia o processo de abertura política, cujo ápice foi a campanha pelas diretas já, em 1984. Os jovens promissores, na época adolescentes prestes a fazer o vestibular, foram influenciados por este processo, vendo na imprensa uma possibilidade de atuação, de participação social, como deixa entrever o discurso de Batti:

"Foi (a escolha da profissão) em cima do caos político que tomou o país naquela época... colégio eleitoral, Tancredo, aquilo mexeu comigo, eu estava na escola... consumi muito jornal, li muito jornal e vi que notícia mexia muito comigo".

Da mesma forma, Fernanda identifica seu primeiro contato com o jornalismo vinculado mobilização política:

"Lá por 78, eu devia ter entre 12 e 15 anos, teve a primeira reação dos estudantes na faculdade de medicina e a imprensa pôde cobrir. Ai eu comecei a prestar atenção em jornal, falar, poxa, a saída pode ser por aí. Coisa de adolescente, circulação de idéia, liberdade de expressão, curso de história no colégio, matéria de Iluminismo..."

E aponta para outro dado importante, também mencionado por Batti, que foi a leitura a Folha de S. Paulo:

"Era o fim do governo Geisel, era o começo da minha adolescência, eu achava Belo Horizonte super pequena, querendo sair de lá, eu falei, o jornalismo é uma boa coisa. Tinha todos os mitos, a Folha também é uma coisa super importante para nossa geração. A Folha era o lugar onde tudo isso circulava, capitalizou isso para ela".

⁶¹ Vide Anexo

Mesmo os informantes que afirmam ter encontrado o jornalismo por acaso, como Cláudia e Diego, se referenciam na possibilidade de intervir socialmente através da profissão. Ou, na palavras de Cláudia:

"É que no fundo, se você topa ser jornalista, mesmo eu, que entrei na história meio por acaso... então, você tem aí algum dever de falar algumas coisas, de achar algo pro mundo, entendeu? Esse é o lado bom da coisa, do comprometimento, esse é o lado legal, porque eu acho que faz uma certa diferença pro mundo, pras pessoas,... Acho que faz alguma diferença pro mundo falar x e não y. É isso que te faz suportar todas as contradições e os conflitos, e topa estar (num grande jornal) e não no jornal do bairro, que muito menos gente lê".

Juntamente com essa possibilidade de participar, intervir socialmente, também aparece como motivo para a escolha do jornalismo a facilidade de escrever; o jornalismo seria, então, um caminho natural para quem escrevia bem, como exemplifica a fala de Diego. Explicando que resolveu fazer jornalismo, juntamente com química, *"que era uma coisa que eu queria fazer quando era mais novo"* porque *"gostava de escrever, tinha facilidade de escrever..."*

A Faculdade

A passagem dos jovens promissores pela faculdade, foi ambígua. Se, por um lado, todos acharam o curso fraquíssimo, aquém de suas expectativas (principalmente os dois anos iniciais, teóricos), foi neste ambiente que fizeram amizades importantes, que, arrisco, garantiram e moldaram seu ingresso no mercado de trabalho.

As considerações acerca da faculdade tomam vários rumos, mas destacam principalmente a falta de relação com a prática jornalística ou, como exemplifica Fernanda:

"Você aprende jornalismo no trabalho e vai na escola bater ponto. Parece ao contrário, você vai lá ter sua presença, mas dá duro é no jornal".

Este descolamento entre a faculdade e o fazer jornalístico, identificado pelos jovens promissores, também aparece em forma de crítica em relação ao corpo acadêmico. Para Carlos Eduardo:

"A maior dificuldade era ter professores que não trabalhavam em jornalismo diário, eram acadêmicos, eram teóricos, mas nenhum era, por exemplo, editor de política da Folha, ou editor de economia do Estado. Eram todos caras que estavam lá, até entendiam, mas... talvez essa tenha sido a deformidade maior (do curso)".

Margarida é bem mais mordaz em seus comentários sobre essa época. Achou o ensino de baixíssima qualidade:

"...tudo muito primário, a maioria dos professores absolutamente primários, gente que nunca conseguiu entrar no mercado de trabalho jornalístico por isso virou professor... Os alunos eram muito melhores que a maioria dos professores. E os professores que eram bons não estavam absolutamente interessados em dar aula"

Esses dois comentários, a meu ver, ilustram uma visão que existe dentro do campo jornalístico, que contrapõe a prática teoria, como dois pólos distintos. Uma luta entre a legitimidade do teórico e a legitimidade do prático, ao qual logo se filiam os jovens promissores.

Talvez seja por isso que somente nos dois últimos anos, quando o curso se torna mais prático, alguns dos jovens promissores se referem a ele como importante para sua formação profissional. Márcia é a única que afirma ter *"aprendido jornalismo na faculdade"*, mas se diz *"um caso raro"*. Também Batti lembra de boas experiências (e importantes para o futuro) ligadas ao fazer o jornal laboratório, que o ajudaram a se decidir pela *"imprensa escrita"*, ao invés da *"mídia eletrônica"*.

Em vários casos, a passagem pela faculdade ainda foi narrada como um momento lúdico, uma época em que se divertiram e estabeleceram relações de amizade. Vários jovens promissores se referiram badalação, ao curso mais *"liberal"* s festas e farras da ECA.

Importante notar, que é no período de faculdade que os jovens promissores vão estabelecer laços fundamentais para sua entrada no mercado de trabalho: todos, sem exceção (incluindo os jovens promissores que trabalhavam nos cadernos culturais), conseguiram seus primeiros empregos porque algum amigo convidou ou indicou. É claro que os caminhos foram diferentes. Alguns, como Batti, Diego e Cláudia, cujos

conhecidos já ocupavam postos importantes dentro dos veículos, entraram logo para posições que permitiram um relativo conforto inicial dentro da estrutura da empresa. Outros, como Márcia, Carlos Eduardo e Margarida, foram indicados para filas, sendo posteriormente contratados.

Importante ressaltar que os jovens promissores se iniciaram no mercado de trabalho antes mesmo de formados, em atividades relacionadas diretamente com sua profissão. Ruth C.L. Cardoso e Helena Sampaio, em estudo realizado sobre estudantes universitários e o trabalho (1994) concluíram que, no Brasil, é cada vez maior o número de estudantes que se inserem no mercado de trabalho, não apenas como recurso para complementar a renda, mas também para ter “*acesso ao consumo*” (idem:48) entendido num sentido amplo, enquanto fundamental para a sociabilidade da juventude. No caso dos jovens promissores, o trabalho estudantil, além de ter essa significação, está relacionado a um “*propósito profissionalizante*”, de um curso que se pauta pela dualidade teórico/prático, incentivando essa última.

Desencantamento

Depois de vivenciarem por um certo tempo a profissão, os jovens promissores se referem aos “*mitos*” que envolvem o “*ser jornalista*”, empregando a acepção usual do termo mito, ou seja, como “*fábula*”, “*ficção*” (Eliade, 1972). A fala de Márcia é paradigmática nesse sentido. Para ela, graças sua “*carreira meteórica*” :

“...desmontei logo de cara uma coisa romanceada que as pessoas tem do jornalismo. Tem dois tipos de sonhos, o da carreira utópica, do jornalista que vai desvendar verdades, romanceada, acho que vem do cinema. Imaginava assim também, e, de repente, no dia-a-dia o jornalista vê que é uma profissão muito suada, você tem que trabalhar muito, se prestar a qualquer coisa, cobrir qualquer assunto...destruí logo de cara essa coisa de ser editor. Hoje em dia, jornalista é uma profissão como qualquer outra na minha cabeça, não é uma profissão que dê status”.

Fernanda também atribui a queda do mito de que o jornalismo é uma profissão glamourosa, ao trabalho duro:

"É (um trabalho) de carga, mesmo, e que você precisa ser charmoso no seu texto se você quer se diferenciar, nos momentos de exaustão, de você ser criativo quanto você está morto, o que é meio barra, principalmente para quem mexe com essa parte de artes e espetáculos... Eu acho que as pessoas que continuam acreditando no mito são aquelas que se dão bem afetiva-diplomaticamente com os donos do jornal muito cedo".

A identificação desses mitos, que penso podemos tomar como indícios de um desvendar das regras que regem o campo (o desencantamento), é mais clara no discurso de alguns agentes, principalmente as mulheres. Mas está presente também, com outro colorido, no discurso de Carlos Eduardo, por exemplo, que acha que largou um bom emprego que tinha em uma multinacional para ser jornalista por *"idealismo juvenil"*.

Batti, por outro lado, identifica também alguns mitos de início de carreira, ao constatar que quando se decidiu pelo jornalismo, *"achava aquilo muito divertido, e naquela minha inocência, achava que tinha o que fazer na imprensa brasileira"*. Transparece aqui a percepção, por parte do agente, das limitações de sua capacidade de intervir - na imprensa e, através dela, socialmente. Outro exemplo de uma aparente queda dos mitos, no discurso de Batti, é a compreensão que externou na entrevista, sobre o papel da imprensa frente às novas liberdades democráticas, diferente da que tinha quando iniciou a faculdade:

"Naquela época acreditava um pouco diferente, mas hoje, apesar de todo o ceticismo, acho que ainda existe margem para trabalho".

Batti identifica o que chama de *"ceticismo"* na percepção de uma *"relação capital/trabalho"*:

"Você começa a achar que tudo é manipulação, e na realidade não é assim. Ceticismo é uma coisa da minha geração, que começa a trabalhar cedo, vira chefe muito cedo e tem responsabilidade muito cedo, talvez, e tem talvez a falsa impressão de que nada leva a lugar nenhum, e isso é errado"...

Cláudia também fala sobre uma suposta relação capital/trabalho, comentando como os profissionais jornalistas estão subordinados às diretrizes e orientações da cúpula dos veículos:

"O que embanana menos, e é menos problemático, é essa coisa de não estar no lugar do hard news. Ai é foda. Sei lá, a editoria de política do jornal é toda pilotada, comandada diretamente pela secretaria de redação. Na editoria de cidades, eu sofria... tem que ter uma matéria sobre isso, falando isso. Ai é muito mais problemático, muito mais conflituoso. É bem mais barra pesada quando você está lidando com coisas mais sérias. Acho até que minha opção por perfumaria é um pouco isso, é muito menos problemático, a pressão é muito menos direta".

É claro que essa aparente consciência dos mitos é ambígua. Se por um lado ela transparece nos diversos discursos, por outro lado ela caminha de mãos dadas com a impressão, por parte dos agentes, de que seu trabalho é importante e faz diferença. Ou, na fala de Batti (explicando o trabalho de sua equipe na primeira página):

"a gente não é apenas um redator que recebe um texto rústico e fica burilando, a gente gosta de meter o bedelho, acaba ajudando a editar o jornal...você, apesar de fazer um trabalho solitário, que é a redação, acaba participando da dinâmica do jornal... se não desse para fazer isso, eu não estaria lá".

Outro bom exemplo da ambigüidade na identificação e reação aos mitos, transparece no discurso de Carlos Eduardo, ao comentar a carga horária. Ao mesmo tempo em que afirma ser "um mito" o excesso de trabalho jornalístico, afirma que ele "é realmente pesado".

Além da identificação de vários mitos, os jovens promissores externam algumas queixas acerca da profissão. Batti, por exemplo, falou do "clima competitivo" das redações. Achava que os profissionais de imprensa são vaidosos em excesso e, por serem "muito inteligentes", têm facilidade de "puxar o tapete dos outros". Para ele, o ambiente de trabalho era estressante, e o mercado estava "em polvorosa", procura de um perfil de profissional.

Raul também fez alusões a essa competitividade, ao comentar o clima entre os diversos jornalistas:

"s vezes rola muita inveja. Se você se destaca um pouquinho, rola um clima meio pesado com seus colegas".

Ao mesmo tempo queixou-se da falta de reconhecimento do trabalho dentro do veículo, citando o exemplo da matéria que fez sobre o fim da geração de 82 do rock nacional.

"Era para ser reportagem, não artigo, recebi críticas internas negativas...a matéria rendeu uma repercussão inacreditável dentro do mundo cultural. Recebi cumprimentos até da concorrência, rendeu comentários das pessoas envolvidas citadas, tipo Herbert Vianna, que falou duas vezes no Hollywood Rock ... Isso é o que eu quero (a repercussão, mesmo que negativa por parte dos artistas atingidos pela matéria). Mas queria que o trabalho fosse aceito também dentro da empresa".

Estas afirmações são logo relativizadas pelos jovens promissores, ou diminuindo-lhes a importância enquanto expressão de conflitos, ou, como Batti, atribuindo ao clima competitivo uma função, qual seja, *"fazer surgir pelo clima de terror um bom trabalho"*.

Refazendo o plano ideal

Em todos os discursos, de uma forma ou de outra, transparece para os agentes a importância que dão para a possibilidade de interferir no produto final a ser consumido. Se não é mais a *"aventura da reportagem"* que parece motivar esses agentes, eles dão extremo valor ao fato de imprimirem suas marcas, poder modificar e determinar as características de suas páginas ou seções.

Seja na fala de Cláudia, constatando que *"faz diferença falar x e não y"*, seja na de Batti, explicando que *"a gente procura meter o bedelho...acaba ajudando a editar o jornal"*, a preocupação com o dar forma ao produto final está presente em todos os discursos. Carlos Eduardo, por exemplo, afirmou que como editor estava *"achando fascinante poder intervir no processo de edição mais profundamente"*.

Também Márcia, que desistiu das reportagens em função do trabalho de edição, identificou:

"É um barato escolher matérias, dispor nas páginas. Correr contra o tempo, coordenar uma equipe, sair o produto do jeito que você imaginou, dar uma cara para as coisas".

A experiência profissional de Margarida, na revista onde trabalhava, é bastante esclarecedora neste sentido. Quando entrou, a revista "*não tinha nada*", só o projeto de ser uma revista de variedades para o adolescente A e B. Avaliou que ajudou a montar a receita da revista, descobrir como atingir seu público. Depois, comentando a dificuldade em separar o profissional da vida pessoal, disse:

"... entre essa coisa da vida pessoal invadir o profissional, ou do profissional tomar conta e ficar essa coisa carrancuda, tem um meio termo, que é onde eu trabalho. Primeiro, que aqui na revista, a gente tem uma visão meio, eu particularmente, e esse veículo graças a Deus, porque eu ajudei a construir isso, tem uma visão holística das coisas." (grifo meu)

Assim, a necessidade e a possibilidade de intervir no produto final aparece como uma recompensa. Quase que uma substituição ao aparente prazer que parece ter todo repórter com sua matéria, bastante identificável dentro do campo⁶².

Nós e os outros

Uma outra recorrência nos discursos, que achei bastante interessante, diz respeito ao imaginário dos jovens promissores sobre os jornalistas em geral. Ao falar sobre suas vidas pessoais, principalmente acerca de seus amigos, ouvi em várias entrevistas a advertência de que eu provavelmente estaria recebendo uma resposta única, qual seja, a de que o entrevistado em questão não tinha grandes amigos jornalistas, não gostava de frequentar os mesmos lugares que os jornalistas. *Os jovens promissores se diferenciavam do conjunto dos profissionais, traçando um estereótipo do que é ser jornalista, com o qual não se identificavam.* As falas de Diego e Fernanda ilustram bem características deste estereótipo:

Fernanda, falando sobre suas relações afetivas, afirma:

"A minha vida é muito diferente da média, você não vai encontrar muita gente como eu. Eu nunca, jamais, olhei para um homem jornalista, a fim de namorar. Por que eu sempre quis a diversidade, sabe? ... Eu acho que o parceiro jornalista, o homem, tende

⁶² Em graus diferenciados, é bastante comum entre os jornalistas o cuidado e uma espécie de ciúme com "sua matéria". Por minhas observações - e experiência pessoal enquanto jornalista -, percebo que são poucos os profissionais que redigem as matérias e aceitam tranquilamente as alterações. Fernanda, por exemplo, comenta que às vezes se reserva o direito de não assinar uma matéria que tenha feito e tenha sido muito mexida por seus superiores.

a ser muito competitivo. Os homens que dão certo no jornalismo são muito competitivos e as mulheres também. Isso gera normalmente um relacionamento complicado".

Diego, traçando um perfil do que é ser jornalista, identifica um estereótipo marcado pelo corporativismo e obsessão com o trabalho. E se diferencia:

"Pelo fato de eu ter tido uma vida pregressa fora do meio intelectual, eu não tenho nenhum amigo intelectual a não ser os caras que eu conheci no jornal ou que fizeram ECA comigo. Eu não saio daqui e vou para um restaurante em Pinheiros, eu odeio esses lugares, eu quero distância de jornalistas... Tem um espírito de corporação muito pesado..."

Tanto Diego quanto Fernanda, e a maioria dos entrevistados, procura se diferenciar dos jornalistas, que consideram obsessivos com a profissão, extremamente competitivos - e limitados, no sentido que não possuem novos horizontes, vivem apenas o jornalismo, relacionam-se apenas com seus pares.

Aqui, apesar de o modelo ser comum - o do jornalista obsessivo e limitado a um universo de relacionamento restrito ao campo - as observações são permeadas pelo gênero dos agentes. Ao passo em que Diego condena principalmente os limites oriundos da "obsessão" com a profissão, que vão resultar, segundo ele, "em última análise, num produto jornalístico ruim", Fernanda aponta para a dificuldade de administrar a vida afetiva com estes limites, o que, para ela, resulta na "absurda solidão":

"Acho outra coisa. Se você entrar naquele mundo jornalístico e não sair dele, você está ferrado, eu vejo isso pelos meus amigos. A solidão é absurda, você tem aquela sublimação terrível que a tua matéria é o teu amor, enfim. É uma coisa que eu acho horrível, bárbara, e não quero para mim".

Ao mesmo tempo, procuram se diferenciar de um jornalista que consideram ultrapassado e, em vários momentos, se referiram tanto a um modo de fazer jornalismo, "antigo", como aos jornalistas que adotavam este modo de fazer de forma conflituosa.

Raul, por exemplo, saiu de uma revista porque o diretor que assumiu a publicação tinha uma "projeto careta". Explica:

"Queríamos que (a revista) tivesse um perfil mais jovem, que não tivesse aquele texto rançoso de crítico de cinema... sacar mais esses filmes B... dar destaque aos artistas mais jovens, um perfil que a gente costumava chamar na época de "cult movies". Menos o cinemão. E o Pedro veio trazer exatamente o contrário, veio com um projeto de trazer grandes nomes, grandes jornalistas, que na verdade considero muito fracos".

Diego, ao falar sobre seu jornalista ideal, expressa esse conflito, de uma forma bem ambígua, ao afirmar que o jornalista que mais admira:

"... pela cultura, pela qualidade do texto, pela capacidade... aquela definição mais moderna de inteligência, aquela capacidade de você interligar áreas distintas do conhecimento. Agora, é um cara que não tem lugar num jornal moderno, é um cara incapaz de fazer um furo, não tira a bunda da cadeira..." (grifo meu)

3. Românticos

Como já mencionei anteriormente, o grupo (se é que podemos identificá-lo assim), formado pelos jornalistas românticos é bem mais heterogêneo que o dos jovens promissores. Não tanto pelas diferenças etárias, mas sim pelas diferentes posições que ocupam dentro do campo jornalístico. E, em verdade, o vocábulo romântico usado para identificá-los deve ser relativizado, pois entre eles encontraremos desde o romântico típico, caso de Lane⁶³, até um burocrático mais velho, como Inocêncio, passando por agentes que alternam discursos românticos e burocráticos conforme sua atuação dentro da prática diária.

⁶³ Pelas especificidades do discurso de Lane, falarei mais detidamente nele ao fim deste segmento. Passo agora a me referir exclusivamente aos informantes mais velhos.

Famílias

Os informantes mais velhos são oriundos de famílias de extratos médios, menos abastadas que as dos jovens promissores. Dessa forma, o trabalho para muitos se colocou como necessidade de complementação da renda familiar e o se tornar jornalista apareceu em vários discursos como alternativa para conseguir ganhos melhores. Ou, como definiu Inocêncio:

“Foi a maneira mais fácil que eu encontrei para ganhar a vida, tinha que sustentar quatro irmãos. Foi a maneira mais fácil e mais rápida que eu arrumei para ganhar dinheiro”.

Nas várias falas, a “cultura” também aparece como valorizada pelas famílias, mesmo aquelas onde os pais não tinham formação escolar, como no caso de Alencar, que uma vez comentou que seu pai, apesar de ter feito apenas o primário, valorizava sobremaneira o ler, e mais especialmente o ler jornal. Monte Alegre identifica esse processo:

“Eu lia muito. praticamente me alfabetizei lendo jornal...”

Encontro com a profissão

Com exceção de Monte Alegre, que entrou no jornalismo na década de 50, época caracterizada pela quase ausência de especialização- ele mesmo era jornalista e funcionário público nos primeiros anos -, os outros já se inseriram em um mercado em franca transformação. Apesar disso, apenas Dione, Nice e Inocêncio completaram o curso de jornalismo, sendo que ele também fez filosofia. Alencar não é formado e Cardoso fez o curso de economia.

No discurso dos informantes, a escola do jornalismo aparece como “natural”, ligada “vocação”. Essa, por sua vez, relaciona-se ao gostar de escrever. Ou, como identifica Dione:

“O jornalismo para mim apareceu meio que naturalmente. Eu gostava de escrever, então fui fazer o curso”.

Como já mencionei, o se tornar jornalista para alguns também aparece como bico, como uma chance de conseguir salário mais rapidamente. Nesse caso, os informantes atribuem seu encaminhamento para o jornalismo meio que “por acaso”, quase como um ir ficando e se construindo na profissão pelas circunstâncias e não por um projeto determinado. Cardoso, apesar de compartilhar da idéia de que ficou no jornalismo porque o retorno financeiro era mais imediato, relativiza ao afirmar que:

“Eu fazia parte de uma turma que acabou toda se encaminhando para essas áreas, com gente indo trabalhar na televisão, outros em teatro ou publicidade”.

Ao mesmo tempo, também transparece nos discursos a vontade de interferir na vida social⁶⁴, através da profissão. Ou, como exemplifica Dione:

“Eu peguei o jornalismo romântico com sentido social. Era o trabalho que se fazia, tendo em vista, um pouco de olho na repercussão que aquilo tivesse, ou na interferência que o seu trabalho, a sua matéria, podia ter na realidade. Eu posso mudar o rumo de um caso policial com a minha matéria. Eu posso mudar o rumo da história, da política, com uma série de matérias ou investigação, na qual o jornal invista etc”.

Cardoso, analisando seus primeiros passos, deixa transparecer essa relação:

“naquela época, achávamos que íamos mudar o mundo, e a imprensa era isso”.

⁶⁴ Inocêncio faz questão de afirmar que virou jornalista apenas porque era como conseguia sobreviver melhor na época.

Também a entrada no mercado de trabalho foi diferenciada. Alguns afirmaram ter ido procurar emprego, sem a intermediação de conhecidos. É o caso de Dione:

“Cheguei no jornal e disse que eu escrevia melhor do que o que eles estavam fazendo. Me chamaram para um teste e eu acabei ficando um ano como repórter”.

Para a maioria, porém, esse início passou por indicações de amigos. Além disso, as movimentações dos agentes dentro do campo até hoje seguem essa regra. De qualquer forma, todos reconhecem a importância da indicação no campo jornalístico, como seus discursos deixam entrever. Segundo Cardoso:

“Jornalismo é uma profissão de convite. A única vez em que pedi emprego é porque estava muito em baixa”.

E Inocêncio:

“Jornalismo vive de panelas. É uma profissão de panelinhas e não é só no Brasil, não!”.

Ética, jornalismo e função social

Nos discursos dos informantes mais velhos, aparece com maior frequência e de forma mais elaborada uma série de alusões à função social do jornalismo, militância política e sindical, que são conectadas à ética profissional. Para Alencar, por exemplo, jornalismo é “basicamente uma questão ética”, e é essa concepção que, segundo ele, deve nortear toda a formação profissional:

“Ser jornalista é uma coisa que tem que estar dentro da pessoa, tem que ser uma opção mesmo, não uma alternativa de trabalho. Acho que jornalismo tem que ser uma escolha da pessoa, em função do que ela é, do que ela pensa”.

Com exceção de Inocêncio, os agentes mencionaram a famosa greve de 79, que parece ter sido um divisor de águas para os jornalistas. Como identificou Cardoso:

“Foi uma greve imensa, de uma semana, um sucesso de público e um fracasso de eficiência. Os jornais saíram, com quatro ou cinco pessoas trabalhando”.

Para ele, a greve representou o rompimento de um “acordo tácito” entre patrões e empregados que visava furar o bloqueio da censura:

“Esse acordo é rompido e é um movimento terrível, porque começa uma pressão muito grande, começa essa divisão dos conservadores e dos modernos”...

Vários dos informantes dessa geração foram despedidos em função da greve, uma experiência que, sem dúvida, não compartilham com os jovens promissores. A grande maioria tem ou teve algum tipo simpatia ou participação em partidos e um contato mais assíduo com o sindicato da categoria.

Dessa forma, o jornalismo enquanto atividade que permitia intervir socialmente, mesmo que hoje não esteja mais dentro das possibilidades e práticas desses agentes, continua como um referencial. Além disso, a imagem acerca do jornalismo é permeada por noções que aludem “*ética profissional*”.

É interessante notar que de acordo com a posição atual do agente, esse referencial vai ser elaborado de forma distinta. Para Cardoso, melhor situado dentro do campo, questões como a ética se resolvem de forma bastante pragmática:

“O jornalismo ético é cada vez mais simples. Nos tempos antigos, mais amadores, isso era realmente complicado... Para mim isso hoje está muito resolvido, tranqüilamente resolvido... O jornal, você pode comparar com um iogurte. Não tem diferença nenhuma da fabricação de um iogurte. O problema é que tem que ter o morango lá dentro, para que as pessoas consumam. Ou seja, a credibilidade é o principal atributo de um produto jornalístico. De toda maneira, se um empresário, que no fundo no fundo não quer ganhar grana com isso, ele nem acha, mas não é mesmo, porque para que ele tenha a influência, para que consiga ganhar as outras coisas, ele precisa que seu produto tenha uma credibilidade consumível. E, ao contrário do que se possa pensar, para você produzir bom jornalismo, tem que ser ético, é uma condição primária para fazer um produto como o iogurte.”

Já para Alencar, a questão ética aparece claramente ligada a um compromisso social, interpretado enquanto um compromisso entre o jornalista e a comunidade (leitor) para quem o profissional supostamente presta um serviço essencial (informar):

“Uma pessoa que faz uma opção pelo jornalismo como uma opção trabalhista, uma opção dentro do mercado de trabalho, o primeiro compromisso dele é com o patrão. E eu acho que o jornalista, o primeiro compromisso dele não é com o patrão, é com a notícia... Tudo bem, você vai dizer que isso aí é sonho, que na realidade não é bem assim... Eu acho que isso aí deve ser buscado”.

Nós e os mais novos

Da mesma forma que jovens promissores se diferenciam de jornalistas “ultrapassados”, os jornalistas de outra geração também traçaram linhas divisórias entre eles e o que imaginam ser os novos jornalistas. Com exceção de Alencar, que em função de sua experiência como professor na faculdade de comunicação manteve contato mais freqüente com esses futuros profissionais, os outros agentes possuem uma visão em geral um pouco depreciativa. Dione, por exemplo, comentando a competitividade nas redações, menciona que:

“Os jovens jornalistas não podem esquecer que vão ser substituídos um dia. A carreira hoje é muito mais rápida”.

Cardoso, por outro lado, faz críticas a um tipo de profissional (os jovens promissores?) que ele identifica como sendo “*crias da Folha*”:

“Esses meninos da folha que não são jornalistas, são escravos da Folha. Eles perderam a capacidade de criticar e de lutar por melhores condições de trabalho... Só podem trabalhar lá, ou então em assessoria...”

Mas Alencar acredita que os futuros novos profissionais:

“São muito críticos, contestadores, a garra é a mesma, apesar de virem com problemas de formação terríveis. Dominam muito mal o português etc. Mas o espírito, a inquietação é a mesma”.

Os outsiders

Dentre todos os outros informantes, o discurso mais romântico saiu de Lane, da faixa etária dos jovens promissores. E de Tom, o jornalista americano que entrevistei em Florianópolis.

Para Lane, o jornalismo é definido por sua importância social e traduzido em termos da atividade da reportagem. Ou, em suas palavras:

“Jornalismo é reportagem. Até então (antes de cair no mercado de trabalho), eu acreditava que os jornais viviam da reportagem. Eu queria trabalhar com isso”.

A insistência em permanecer fiel a um tipo de jornalismo que não é mais facilmente aplicável no cotidiano, fez com que esses agentes se mantivessem s margens do campo. Lane, inclusive, assume que *“sempre tenho plano de desistir de ser jornalista, mas não consigo. Não sei fazer outra coisa”.*

Tom, com um currículo bastante interessante, com passagens como correspondente no Afeganistão, Nicarágua e Paquistão, atualmente cursa mestrado em sociologia. E continua crítico ao jornalismo, principalmente ao que se faz no Brasil:

“Aqui, na época da eleição é quando tem mais censura. Nos Estados Unidos, aí é que tem que ter mais liberdade”.

O romântico e o burocrático: a constituição de identidades

Para Pierre Bourdieu, os antagonismos entre jovens e velhos podem traduzir uma disputa entre a heterodoxia e a ortodoxia, entre lógicas de legitimação diversas dentro de um determinado campo social. Considera que no campo jornalístico, por características

dos bens culturais que produz - perecíveis, imediatos -, esse antagonismo novo x ultrapassado se reveste de uma importância distinta: serve como paradigma para julgar produtores e produtos.

Tendo essa compreensão como pano de fundo, gostaria no entanto de focar o antagonismo sob um prisma um pouco diferente: o da constituição de uma identidade profissional do jovem promissor, em contraposição a um outro tipo de jornalista.

Com isso quero sugerir que, além de ser uma estratégia específica para manter ou assumir posições dentro do campo jornalístico, a contraposição novo x ultrapassado, assumida pelo jovem promissor e expressa através de seu discurso, é fundamental para a constituição de sua identidade profissional.

Relacionando estudos sobre identidade e as similaridades que esse conceito multidisciplinar adquire para a antropologia e a psicologia, Mara Lago advoga que, *“a caracterização de identidade cultural como contrastiva é tão fecunda para a antropologia como para a psicologia, definindo tanto o processo de constituição de uma identidade de grupo, coletiva, cultural, como a forma como se processa a constituição da identidade individual do sujeito, na relação sociocultural, como construção da consciência de si no contraste com os outros. As noções de “não eu” e “eu”, sendo construídas paralelamente pelo sujeito cognoscente. (1991:23).* Depreende-se então, que a identidade se constrói em contraste. O “eu” se constitui em contraposição ao “não eu”.

Indo mais além, a autora supõe que os sujeitos dão testemunho de sua identidade não apenas através dos nomes, *“mas também através de suas atividades, dos papéis que desempenham”*(op. cit.,126). Citando Antônio Ciampa, ressalta o papel do trabalho com relação à identidade: *“Descobrimos que a noção de uma personagem substancial, traduzível por proposições substantivas, oculta de fato a noção de uma personagem*

ativa, traduzível por proposições verbais. O indivíduo não mais é algo: ele é o que faz” (Ciampa, 1987:135, in Lago, 1991:27).

Analisando um grupo de jornalistas, Isabel Travancas conclui que o *ser jornalista* é fundamental na constituição da identidade daqueles indivíduos. Enfocando a identidade a partir do conceito de papéis sociais, a autora pondera: *“No caso do grupo investigado, a meu ver, existe predominância de uma papel sobre os demais. Embora haja tensão entre eles, pelo que pude perceber nos discursos, o ser jornalista é a função prioritária em suas vidas. ...acredito que o papel profissional para este grupo ocupa um lugar de destaque em suas trajetórias, mesmo que existam outros papéis diferentes a serem desempenhados. O ser jornalista contamina os demais papéis, ainda que de forma diferenciada.”*(1992:101)

Utilizando o conceito de identidade como *“a representação consciente do ‘eu’, nas relações contrastivas e de identificação com os outros, a ficção através da qual o sujeito se representa como um ego, procurando dar coerência e unidade a esta representação”* (in Lago, 1994:2), concordo com os autores ao afirmarem o papel do *ser jornalista* enquanto fundamental na constituição dessa auto-representação.

Penso que esse *ser jornalista* para o jovem promissor está delimitado pela relação que estabelece com outras representações que faz: a do jornalista ultrapassado, com a qual se contrasta. Dessa forma, a identidade desse novo profissional se dá em contraposição a identidade de um outro profissional. E, da mesma forma, a identidade do jornalista romântico se constitui também em contraposição ao jornalista burocrático.

Esse outro para o jovem promissor, não é dado exclusivamente pela diferença etária. Parece-me que a principal diferenciação se dá em relação a um modo de se relacionar com a profissão. Trocando em miúdos: o jovem promissor se representa enquanto profissional em contraposição a um outro que considera ultrapassado, porque

pouco ágil, preocupado com o estilo e não com o tempo, pouco profissional. Às vezes, essa contraposição se dá em relação a um outro jornalista corporativista, obcecado com a profissão, que não tem mais tempo para nada a não ser o jornalismo.

A compreensão do que é ser profissional é bastante complexa. Parece-me que esse ser profissional, para o jovem promissor, se define por *não ser* outras coisas. Uma das falas de Márcia, caracteriza esse outro jornalista, como um boêmio que não se adapta aos novos procedimentos de trabalho:

“ eles desciam, todos os dias, e iam tomar uma pinga no sujinho embaixo da Folha... aí, conforme o tempo vai passando, e a redação vai se renovando, por causa da informatização, os caras mais velhos eles não conseguem se adaptar ao computador...se recusam a se adaptar”.

Além disso, para a informante, são os novos que vão implementar um *“profissionalismo maior”*, que em seu discurso aparece definido pela objetividade jornalística:

“você vai tendo um certo maior cuidado com o que você vai escrever... Eu me lembro que um dos pontos do dito cujo projeto Folhas é uma coisa que hoje é óbvia, era assim, tem que ouvir os dois lados da versão, é uma coisa que não se fazia antes, ou se fazia muito relapsamente, entendeu?”

Por outro lado, o contraste com o modelo de jornalista obcecado, assumido em maior ou menor grau conforme a posição do agente, se reveste de outras conotações. Esse outro jornalista, não parece ser para o jovem promissor um profissional necessariamente antiquado. Apenas que é um profissional limitado, que perde em sua capacidade de realizar *“um bom trabalho”*, por força de suas limitações e falta de *“horizontes”*, e nesse sentido, é ultrapassado. Mesmo aqui, o que está em jogo novamente é uma concepção diferenciada do profissionalismo, maculada pela *“impessoalidade formalista”* da qual o jovem promissor é depositário.

De românticos e burocráticos: uma difícil diferenciação

Os encontros com jornalistas de outra geração, evidenciaram discursos um pouco modificados. Suas trajetórias, se comparadas às dos jovens promissores, são diferenciadas principalmente em função do tempo de ascensão. Todos iniciaram em funções menor remuneradas e aos poucos foram galgando postos de maior prestígio.

De todos os entrevistados, apenas um se refere ao jornalismo como “*uma profissão como outras*”. Para os demais informantes, apesar de não diretamente relacionado no discurso, o jornalismo é definido por sua função social: questões éticas, o papel do jornalista, são recorrências em suas falas.

Apesar dessas diferenças marcantes, penso que a forma como jovens promissores e os outros informantes se relacionam com a profissão não é tão contrastante. Ela não se dá em termos práticos, mas sim em termos referenciais, por assim dizer. Ou seja, os antagonismos que aparecem nos discursos são as referências: enquanto jovens promissores adotam como paradigma um jornalismo profissional - sem que esse termo seja realmente precisado -, os informantes mais velhos mantêm como pano de fundo de suas compreensões uma suposta função social do jornalismo.

Essa similaridade entre discursos de profissionais de tempo diferenciado de inserção no mercado, foi constatada também por Travancas (1992) e, mais recentemente, por Adalberto M. Cardoso (1994).

Cardoso realizou um *survey*⁶⁵ entre jornalistas brasileiros, procurando identificar características sócio-demográficas, formação profissional, relacionando-as opiniões e atitudes a respeito de ética jornalística e democracia. Seus questionários foram respondidos por uma maioria de profissionais com 26 a 35 anos (55%), apesar de 32,5%

⁶⁵ Um dos principais limites da pesquisa, apontado por Cardoso, diz respeito representatividade de sua amostra, fruto de dificuldades em aplicar a metodologia proposta.

terem idade que variou de 36 a mais de 40 anos. Do total pesquisado, 44% eram repórteres, 23,5% editores executivos/secretários de redação, 27,5% editores e sub-editores⁶⁶.

Alertando para o fato de não poder universalizar seus dados para o conjunto dos jornalistas, Cardoso concluiu que *“a relação pragmática com a profissão terminou por revelar-se componente explicativo também de valores ético-profissionais... a profissão circunscreve o ambiente de relações sociais da maioria dos jornalistas, ... e esta convivência mostrou-se indicador importante de valores profissionais”*. Com isso, configurou *“um quadro de baixa exposição da atividade profissional, alta focalização e de intensa competitividade no meio, que parece valorizar fortemente a iniciativa individual”*. Em relação aos valores dos jornalistas, a pesquisa apontou: *“com respeito a valores ético-profissionais, os jornalistas da amostra revelaram-se bastante permissivos, principalmente se comparados a jornalistas americanos e alemães”*, em atitudes que são *“mais comuns entre os homens e revelaram-se nada incompatíveis com o índice de valorização da institucionalidade democrática”*. Ainda em relação democracia, questão norteadora do trabalho: *“os jornalistas revelaram-se fortemente inclinados na direção de uma mídia formadora de opinião”* e que, *“quanto mais inclinados a valorizar instituições democráticas, mais os jornalistas estarão dispostos a negligenciar aspectos éticos na obtenção da notícia”*. Ressalvando-se que *“quanto mais velhos mais os jornalistas rechaçam as notícias cujo conteúdo factual não possa ser provado”* apesar de estarem *“dispostos, também com intensidade variável, principalmente segundo a idade, a noticiar o que não pode ser provado”*. Por fim, para Cardoso, os jornalistas pesquisados *“ao encararem sua atividade como isenta de culpa*

⁶⁶ Cabe aqui salientar que Cardoso utiliza-se de uma diferenciação funcional (entre editores e editores executivos) que não usei na presente pesquisa.

pelos problemas que o país enfrenta, reafirmam-na como uma missão de que não se questionam os meios”.

O que gostaria de depreender das suas conclusões, mesmo sabendo que nossas pesquisas são nitidamente diferentes em metodologia e enfoque, para começar, é o aparente paradoxo: apesar de os jornalistas pesquisados por Cardoso encararem a profissão como “missão” é sua relação pragmática com ela que é recompensada. Ou, em suas palavras, “...quanto mais o jornalista julgar as funções em seu meio de trabalho segundo os benefícios materiais que possam trazer, tanto maior será sua renda pessoal. Por outras palavras, o mercado jornalístico aqui representado parece estar recompensando não tanto o ‘amor arte’... mas a relação bastante pragmática com a carreira jornalística” (1994:29). Um pragmatismo que “se desdobra pelos valores ético-profissionais”(idem:44) a ponto do pesquisador nomear o padrão de relação entre valores democráticos e práticas permissivas (divulgar o que não é provado, valer-se de documentos confidenciais, não se identificar enquanto jornalista para obter informações e outras), como “operacionalização pragmática dos meios. Numa palavra, a notícia a qualquer custo.” (idem:51).

Além desse paradoxo, sua pesquisa identificou que as especulações fornecidas por alguns jornalistas (mais velhos) para tentar explicar a aceitação das “práticas permissivas” (que eu suponho incongruentes com os valores divulgados dentro do campo sobre o que é professar o ‘bom jornalismo’), estão em desacordo com os dados obtidos. Segundo ele, para esses jornalistas teriam havido mudanças na profissão, que explicariam a permissividade ética, transformações que “se deveriam principalmente obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional, introduzida em 1979 e responsável pelo grande aumento do número de jovens jornalistas nas redações

(Peixoto, 1994). Tanto o 'denuncismo'⁶⁷, já mencionado, quanto a adesão a valores que os mais velhos consideram pouco aceitáveis, seriam devedores da juventude dos profissionais, que adentram as redações trazendo valores externos ao aprendizado cotidiano da profissão, característica dos mais velhos. Nessa perspectiva, seria de se esperar que aqueles com mais de 15 anos de profissão tivessem padrões éticos bem diversos, menos permissivos, do que os mais jovens. Não é o que se pode apreender dos dados..."(idem:53)

Ou seja, mesmo que o jornalismo enquanto missão (com uma inequívoca função social) seja propagado pelos agentes o que se verifica é uma relação pragmática (bem burocrática, no sentido que lhe concedeu Weber) com a profissão, independente da faixa etária dos jornalistas. E assim como nos discursos dos profissionais mais velhos que eu pesquisei, a alusão às características do romântico se fez mais presente, também ela foi matizada por essa relação pragmática, da mesma forma que, para Cardoso, apesar dos mais velhos estarem menos propensos a "*divulgar o que não pode ser provado*", no geral não apresentaram diferenças significativas com os mais jovens.

Essa indiferenciação aparece em relação à objetividade jornalística, que era, no início de minha pesquisa, uma questão central. Supunha que esse conceito, junto com outros, como ética profissional, e a definição de categorias de pertencimento ao campo, era fundamental para a autonomização do campo jornalístico: seria um dos propagados "*valores do métier*", imprescindíveis para delimitar um corpo de especialistas que, por sua vez, é imprescindível para a estruturação do campo social.

Como tal, românticos e burocráticos deveriam apresentar definições sobre objetividade que variassem, já que os primeiros estariam mais ligados aos "*valores do métier*", e os segundos à prática profissional. Não foi o que aconteceu. A objetividade

⁶⁷ Por denunciismo Cardoso entende a divulgação de notícias sem comprovação - Antes denunciar do que checar.

apareceu para todos mais como uma técnica, um método, do que como um conjunto de valores.

Em resumo, penso que jornalistas Burocráticos e jornalistas Românticos têm seus discursos permeados por valores românticos, os segundos mais do que os primeiros. Mas, na hora “h”, o que parece ser determinante é uma relação pragmática com um campo social que se vincula integralmente ao pólo comercial.

Assim podemos interpretar os paradoxos: o informante que mais se diferencia dos jovens promissores é o jornalista mais jovem, que reivindica os “*valores do metiér*”, calcados no papel da reportagem, na busca da verdade jornalística, em contraposição s demandas do mercado. Em segundo lugar, diferenciam-se as mulheres mais velhas, que optaram por assumir posições de menor prestígio, penso que em parte, em função de questões próprias do gênero.

Com isso, acredito que a lógica de legitimação romântica, que tem como ponto de partida ressaltar os valores do *metiér* - entre eles a função social -, é mais clara em jornalistas com posições de menor prestígio dentro do campo. No entanto ela permeia, de uma forma ou de outra, todos os discursos, servindo de termo balizador mesmo para um jornalismo que se vê profissional e que carrega as características da burocracia, tal como a definiu Weber.

Conclusões, Reflexões, Indagações e Explicações

“Não tenho nada com isso, nem vem falar. Eu não consigo entender sua lógica... Noutras palavras, sou muito romântico...”
(Caetano Veloso. *Muito Romântico*)

Conclusões

Está se tornando comum a ausência de conclusões em nossos trabalhos. Sinal de que assumimos cada vez mais as limitações de nossas pesquisas ou que, talvez, assumimos a reflexividade em nossas disciplinas, que infalivelmente conduz a mais e mais indagações. Gostaria, no entanto, de chegar a algumas conclusões, além de traçar as inevitáveis outras perguntas que o trabalho suscita.

Quando iniciei a pesquisa, pensava em levantar elementos que pudessem traçar linhas para uma posterior etnografia do campo jornalístico. Por isso, optei por eleger como foco das atenções determinados agentes, que intitulei de jovens promissores, ao mesmo tempo em que passei a recolher informações junto a outros personagens envolvidos direta ou indiretamente com o campo⁶⁸. Dentre todos esses outros personagens, realizei entrevistas com jornalistas mais velhos, com outra época de inserção no mercado. Esperava obter um contraponto à visão dos jovens promissores.

As entrevistas e contatos com os jovens promissores, revelaram agentes diferentes do que havia imaginado antes do *fieldwork*. Apesar de bem relacionados dentro do campo, de assumirem posições de chefia, os jovens promissores se apresentaram no geral bastante críticos, chegando a especificar em seus discursos o que denominei de desvendamento parcial de algumas das lógicas internas do campo. Em resumo, penso que eles condensam uma interessante mistura de idealismo com ceticismo. Ao mesmo tempo em que postulam a importância social de seu trabalho enquanto jornalistas, assumem uma espécie de *impessoalidade formalista*. Nesse sentido,

⁶⁸ A maneira como isso se deu, os percalços e os motivos das escolhas, já foram detidamente narrados no capítulo inicial.

enquadrei-os dentro de um modo de se posicionar no campo jornalístico que chamei Burocrático. Uma categoria que também utilizo enquanto uma lógica de legitimação dentro do campo, qual se filiam determinados agentes, interessados na *vitesse* e num jornalismo que reputam profissional, em contraposição a um outro jornalismo, ultrapassado e romântico.

Em contraposição aparente essa lógica de legitimação burocrática, propus a utilização de outra categoria/lógica de legitimação: o jornalismo Romântico, que sempre esteve colocado em termos de alusões: de uma forma ou de outra, em todos os discursos - seja no dos jovens promissores, seja no dos mais velhos, seja em meta-discursos - aparecem referências a um jornalismo que permanece enquanto ideário.

Tentando vasculhar um pouco sobre esse jornalismo Romântico, concluí que ele pode ser identificado a partir de alguns pontos básicos: tem como linhas mestras a valorização de uma função social do jornalismo, ligada valores éticos, além do papel da reportagem - de forma ideal também, investigativa e profunda - enquanto atividade paradigmática e maior vinculação pureza de estilo do que agilidade. Usando a concepção de tipo ideal weberiana, seria algo como aquele jornalismo professado por jornalistas embeudados da necessidade de apurar a veracidade dos fatos, de bem informar o público, dispostos a abdicar de quase tudo em nome dos valores mais altos de sua missão. Penso que é uma lógica de legitimação que se filia a um ideal de como deve ser a profissão, muito mais do que sua possibilidade de implementação prática.

O Romântico apareceu então, como alusão, recorrência nos discursos, como um conjunto de valores que norteasse a definição de um estereótipo do jornalista. E esteve presente, em maior ou menor grau, nos discursos dos agentes, independente de sua faixa etária.

Reflexões: acerca dos estereótipos..

Penso, como já mencionei anteriormente, que as duas lógicas distintas (o jornalismo burocrático x o jornalismo romântico), no cotidiano das redações se misturam, conforme a conveniência dos agentes, de forma mais ou menos perceptível.

Assim, elementos do jornalismo romântico, que aparentemente tem perdido lugar para o jornalismo burocrático, são invocados constantemente; em alguns momentos aparecem como os paradigmas que dão o valor dentro do campo. O estereótipo do jornalista, que parece ser preponderante no campo, está mais relacionado ao jornalismo romântico do que ao burocrático.

Uma rápida incursão ao cinema seria suficiente para começarmos a montar esse estereótipo social que pesa sobre o jornalista, quase que um super-homem que tem como missão a defesa da verdade. Não é a toa que o próprio personagem *Superman* é na verdade Clark Kent, um jornalista. Isso sem mencionarmos os protagonistas de "*Todos os homens do presidente*", sobre o caso *Watergate*, ou os vários jornalistas que auxiliam na resolução de mistérios e no desbaratamento de falcatruas, como o personagem interpretado por Denzel Washington em *Dossiê Pelicano*.

Muito interessante também é o filme *O Jornal*, que espelha a rixa entre o editor-repórter, interpretado por Michael Keaton e a diretora de produção, interpretada por Glenn Close. Enquanto o primeiro quer atrasar a impressão do periódico, esperando pela notícia que dará um furo de reportagem, a segunda, responsável pela parte operacional (burocrática?), insiste no cumprimento dos prazos de edição. Ao final, vence a reportagem, o jornalismo-compromisso-com-a-verdade-acima-de-tudo e a diretora de produção é cooptada por esse ideal, ao ser lembrada dos seus áureos tempos frente de uma editoria.

Esses exemplos ajudam a delimitar de que consiste o estereótipo do jornalista. Penso que, quando nos referimos a esses profissionais, automaticamente os ligamos à atividade da reportagem. Mas uma reportagem investigativa, que vai até o fim para a descoberta da verdade. E assumimos essa função como paradigmática.

Um exemplo nos é dado por Isabel Travancas, antropóloga que em sua pesquisa se deteve unicamente em um tipo de jornalista: *"acompanhei repórteres e não outro tipo de profissional dentro da categoria, como editores ou redatores, porque creio ser a atividade de repórter uma função paradigmática para a carreira"* (1992:37). Da mesma forma, Clóvis Rossi defende a reportagem (e conseqüentemente os repórteres) como *"a única função pela qual vale a pena ser jornalista"* porque, segundo ele, é através dela que é possível ter *"a sensação de se poder ser testemunha ocular da história de seu tempo"* (in: Dimenstein, Gilberto e Kotcho, Ricardo, 1990:9).

Indo mais além: creio não ser exagero pensar que o estereótipo social que paira sobre o jornalista é o do profissional que sai em busca das informações, que defende a verdade dos fatos, que consegue, através de suas ligações com o poder, resolver os problemas imediatos. As possibilidades do jornalista (repórter) influir se confunde, para amplos setores da população, com as possibilidades da imprensa influir. Uma mística que é alimentada pela relação imediata propiciada pela TV, principalmente através de programas como Gil Gomes etc.

O que desejo ressaltar, portanto, é que existe um estereótipo do que é o jornalista, criado e re-apreendido de diversas formas pelos setores sociais, *inclusive dentro do campo*. Um estereótipo que serve de balizador, de termo comparativo que, volto a frisar, está mais relacionado ao jornalismo romântico do que ao jornalismo burocrático.

Nesse contexto situo as impressões sobre os jovens promissores. A idéia que agentes de alguma forma familiarizados com o campo jornalístico têm dos agentes que eu intitulei de jovens promissores, no geral aparece com conotações morais. O campo trabalha com um modelo que se constrói em contraposição a um outro, o do jornalista romântico.

A análise de Ciro Marcondes Filho é bastante significativa, e se enquadra dentro dessa perspectiva. Para esse autor, *"É natural que neste novo tipo de relação de trabalho nas empresas de jornal destaquem-se exatamente aqueles jovens jornalistas que estejam identificados com esse novo padrão de qualidade. São os tipos chamados de yuppie, profissionais que não têm nenhuma vinculação radical ou expressiva com princípios e que descartam preocupações de natureza ética ou moral. São funcionários facilmente adaptáveis a qualquer tipo de ordens ou exigências jornalísticas da empresa. Mais facilmente identificáveis com os tipos carreiristas e oportunistas, adquirem ascensão fácil e são marcados exatamente pelo desejo de participar do brilho, da promoção, da publicidade que a imprensa oferece."*(1993:110)

O autor se utiliza de uma valoração moral - expondo a aparente amoralidade dos novos profissionais bem sucedidos. Segundo sua análise, que não creio ser errôneo afirmar ser compartilhada por muitos agentes dentro do campo, o novo profissional da imprensa, que ganha espaço (ocupa as posições cobiçadas), abandona valores éticos que estão supostamente na raiz da profissão, em função de sua adequação s demandas do patrão. Ele não se pauta mais pela busca da verdade jornalística, mas sim pelas exigências do mercado. Com isso, sua principal característica, aparentemente, parece ser a falta dos princípios que regem o bom jornalismo.

Parece-me claro que, antes de caracterizar adequadamente esse novo profissional, a análise deixa entrever uma lógica de legitimação, em meu entender uma

legitimidade romântica, que se fundamenta na exaltação dos valores éticos e da função social do jornalismo.

José Carlos Durand, ao analisar o campo artístico em São Paulo, encontrou agentes, os *"artistas executivos"*, sobre os quais também pesam impressões semelhantes que podem ser relacionados aos jovens promissores. Os artistas executivos, *denominação dada por artistas mais velhos dentro do campo artístico, são "Pintores que começaram a vender muito cedo e ainda jovens se profissionalizaram"* (1990:107)

A grande característica desses artistas é sua profissionalização, expressa na capacidade de administrar seus preços *"com desembaraço e racionalidade"*(idem). Para Durand, estes artistas são de uma *"geração mais jovem e com maior nível de escolarização. Eles supõem um perfil de carreira distinto tanto do pintor "proletário" quanto do diletante burguês,"*(idem).

O que acho importante ressaltar, é que este artista executivo vai surgir em um momento específico do campo artístico em São Paulo, caracterizado por um boom do mercado artístico, com a ativação das galerias de arte e a intensificação do trabalho. Os artistas executivos, ao contrário dos seus pares mais antigos, vão crescer dentro deste *boom* mercadológico e terão carreiras bem mais rápidas, tanto em termos de reconhecimento (consagração), quanto em termos de valorização econômica.

Da mesma forma, o jovem promissor vai começar a aparecer num momento recente do campo jornalístico⁶⁹, tendo um perfil de carreira distinto do perfil de jornalistas de outras gerações, caracterizado pela rápida ascensão a postos de chefias, num processo de queima de etapas, se adotarmos a interpretação dos mais velhos. E, da mesma forma, ainda pesará sobre ele critérios de valoração que se remetem a um modo

⁶⁹ Segundo Fernanda Peixoto, é na década de 80 que se assinala *"um ponto de inflexão na história da imprensa brasileira...A partir dessa data o que se observa é uma substituição geracional evidente, com a entrada dos novos jornalistas nas redações brasileiras"* (1994:3). É dessa década em diante que os jornalistas serão formados pelas escolas de comunicação: o autodidata será substituído pelo bacharel em Comunicação Social.

romântico de fazer e interpretar o jornalismo, expresso pela impressão por parte dos mais velhos que a nova geração abdica da essência do jornalismo - os furos de reportagem, o jornalismo “quente”⁷⁰.

...E acerca das dualidades

A análise do campo sob o prisma das lógicas de legitimação romântico x burocrático, não é uma proposta inteiramente inusitada. Se o é para o campo jornalístico - mesmo assim parcialmente -, a dualidade novo/velho, moderno/tradicional, acompanha de perto inúmeros estudos dentro da antropologia e das ciências sociais. Só como exemplo, posso citar os trabalhos de Ortiz (1991), Velho (1978;1985), DaMatta (1985; 1991).

Da mesma forma que as dualidades operacionalizadas por esses autores não podem ser tomadas de forma absoluta, a aparente dualidade burocrático/romântico, também não o é. Trocando em miúdos, não se pode identificar formas burocráticas e românticas de legitimação em contraposição clara. Ao contrário, elas estão entrelaçadas. Fazendo um paralelo, da mesma forma que podemos perceber um cruzamento entre valores ditos modernos e ditos arcaicos em várias estruturas sociais⁷¹, por exemplo, penso que o jornalismo romântico e o jornalismo burocrático também convivem e se articulam. Dessa forma, não podem ser tomados linearmente enquanto duas lógicas de legitimação que contrapõem agentes ligados ortodoxia versus agentes ligados heterodoxia, como identificou Bourdieu, sendo os primeiros os agentes mais velhos.

⁷⁰ Essas impressões foram identificadas por Peixoto (idem), ao relatar debate sobre o perfil do profissional, no qual tomaram parte “jornalistas mais velhos e ocupando, em geral, cargos mais altos na hierarquia profissional”, como Clóvis Rossi, Augusto Nunes, Boris Casoy, Aloísio Maranhão etc, além de um representante da nova geração, Álvaro Pereira, editor do Notícias Populares.

⁷¹ Aqui tenho em mente principalmente os trabalhos que analisam essa problemática em relação família. Como exemplo, cito os de Figueira (1985) e Nicolaci-da-Costa (1985).

Se é verdade que é possível identificar elementos mais pertinentes a um ou a outro discurso conforme o tipo de agente, percebe-se que, sejam jornalistas aparentemente enquadráveis enquanto mais românticos, sejam jornalistas aparentemente enquadráveis enquanto mais burocráticos, ambos se utilizam ora de uma lógica ora de outra, posto que ambas estão colocadas dentro do campo e não são auto-excludentes.

Reside aí, talvez, a maior dificuldade para enquadrar e delimitar essas duas lógicas. Penso que os valores do Romântico, fundamentais inclusive para determinar o estereótipo do jornalista, estão presentes e são uma tradição, no sentido que confere Ortiz ao termo, ou seja, uma tradição moderna: *“poucas vezes pensamos como tradicional um conjunto de instituições e de valores que, mesmo sendo produtos de uma história recente, se impõem a nós como uma moderna tradição, um modo de ser”* (1991:207).

Penso que o Romântico, fundante de um jornalismo que já quase não existe na prática, posto que sua prática é o jornalismo Burocrático, no entanto continua enquanto um conjunto de valores, assumidos em maior ou menor grau a depender da posição ocupada pelo agente dentro do campo. Mas um conjunto de valores que é imprescindível que subsista, pois sua negação seria a negação de tudo o que foi construído para legitimar um determinado campo social que, embora estreitamente vinculado ao pólo comercial, como definiu Bourdieu (1994), ainda precisa fazer da crença em sua função social a razão de existir.

Dentro desse contexto, penso nas ponderações de Luís Cláudio Figueiredo (1994) acerca da inter-relação entre moderno/tradicional. Propondo a conceituação das categorias Sujeito, Indivíduo e Pessoa na sociedade brasileira, o autor traça um paralelo entre análises realizadas por DaMatta e Schwarz. Criticando DaMatta, argumenta: *“Em outras palavras, a interação entre moderno e tradicional, entre holístico e*

individualista se daria mediante o 'uso'- oportunista - que cada um faria dos dois sistemas. Se esse fosse o caso, seríamos indiscutivelmente algo muito distinto de uma Nação, mas também de uma sociedade patriarcal e familiarista: seríamos um bando de psicopatas, o que talvez não seja verdade, já que mal ou bem vamos vivendo... Nessa medida, a duplicidade e a interação entre as partes tais como concebidas por Roberto DaMatta parecem carecer de maior consistência no plano sociológico. Não obstante, esta noção de 'uso dos ethos' em função de 'interesses particulares' abre a oportunidade para duas considerações interessantes. A primeira é que a própria perspectiva de 'usar alguma coisa' seja um parente ou uma regra supostamente impessoal, de acordo com as conveniências de cada um já aponta para um traço marcante da modernidade, qual seja, a predominância do cálculo e da razão instrumental" (1994:29)⁷².

É nesse sentido que penso a lógica de legitimação Romântica: como um conjunto de valores fundantes do campo, mas utilizável de acordo com a necessidade e oportunidade dos agentes/instituições⁷³ de um campo Burocrático que se pensa e idealiza enquanto Romântico.

Outras indagações

Talvez essa seja uma das partes mais contraditórias de uma pesquisa. Quando paramos para apontar o que ela não resolveu. A contradição está, não em apontar o que

⁷² A análise de Figueiredo é muito instigante. O autor continua, englobando a obra de Roberto Schwarz que, segundo ele "tomando como ponto de partida a duplicidade da experiência brasileira, pertence a outra linhagem: trata-se aqui de conservar as duplicidades e contradições no plano fenomênico e experiencial para superá-las nos planos estrutural e genético. Em outras palavras, a questão será a de entender como os dois brasis são postos e repostos no seio de uma unidade auto-contraditória. Nesta medida, os aspectos 'atrasados e pré-modernos em nosso hábitos, procedimentos e valores não são mais sobrevivências ou vestígios de um mundo em fase de extinção, mas partes da nossa maneira de entrarmos na modernidade e sermos modernos"(idem:30).

⁷³ Sua "utilização", nesse sentido, teria mais a característica de uma estratégia, conforme determinou Bourdieu, isto é, sem formulação apriorística.

um trabalho *não é*, mas em tentar mostrar o que *poderia ser* se tivesse tomado outros rumos, numa incessante e constituinte busca da totalidade utópica. Nesse caso, muito provavelmente pela relação do pesquisador com seu 'objeto', esse paradoxo se torna inevitável. No entanto, vou inverter um pouco a ordem, comentando o que o trabalho *é*, para depois apontar o que deixa de ser.

Essa pesquisa teve como norte uma concepção de campo social adaptada a um modo de conhecimento, um olhar, como convencionamos chamar, antropológico. Isso trouxe inúmeros problemas metodológicos, já que a análise de um campo pressupõe um exaustivo trabalho de verificação dos agentes envolvidos, da produção do campo e de fatores externos intervenientes, que muitas vezes não foram seguidos, por inúmeras impossibilidades, dadas inclusive pela limitação óbvia de que se trata de uma dissertação de mestrado e não de um tratado sobre o campo jornalístico.

Da mesma forma, tenho dificuldades em enquadrar esse resultado como uma etnografia, já que entendo que o produto essencial da antropologia deve fazer frente a toda uma tradição que desembocou na necessidade de apreendermos nossos 'objetos' profunda e densamente, não com uma inviável pretensão totalizadora, mas com a disposição de aprofundar o tanto quanto possível nosso foco.

Portanto, creio que esse trabalho *inicial*, que para *mim* mais levantou questões a serem pesquisadas do que respondeu questões que eu já tinha, deve ser analisado enquanto um levantar de pontos, uma proposta para a realização de uma etnografia do jornalismo. Nesse sentido, penso que ele avança ao identificar aspectos que podem ser desenvolvidos em análises posteriores, principalmente ao conceituar a imbrincada dualidade romântico/burocrático que, acredito, permite a análise de particularidades do jornalismo juntamente com a perspectiva de contextualização do campo social.

Mas, voltando ao que a pesquisa deixa em aberto, acredito ser fundamental aprofundar alguns itens bastante evidentes pela ausência.

Talvez a maior dessas faltas seja a análise sobre o ponto de vista da noção de gênero⁷⁴. Quando iniciei a pesquisa, não pretendia me ater às diferenças de inserção e apreensão do jornalismo evidenciadas entre homens e mulheres. No entanto, as chamadas questões de gênero se colocaram, independentes de meu olhar.

Não se trata aqui de reorientar a pesquisa e passar a analisar os dados tendo como pano de fundo o recorte homem/mulher. Isso exigiria, no mínimo, toda uma outra bibliografia, além de um retorno ao campo. Um novo trabalho, em suma.

Mas é inevitável tecer algumas observações que tentem apontar dados que, por assim dizer, saltam aos olhos. Considerações muito pouco conclusivas e que apenas servirão para levantar outros questionamentos, por certo.

O campo jornalístico, até há bem pouco tempo, era composto em sua maioria por homens. O ingresso de mulheres - para o qual não temos dados quantitativos -, ocorre principalmente nas últimas duas décadas⁷⁵. Márcia relata esse quadro, ao comentar que, quando entrou na redação de um dos maiores jornais do país, em 1985, era uma das três únicas mulheres. Em compensação, na mesma época, muitas mulheres já trabalhavam na Agência daquele veículo, onde, sintomaticamente, os salários eram mais baixos. Ou seja, um quadro costumeiro, que inúmeros estudos sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho vão corroborar: mulheres em funções e/ou profissões de menor prestígio e

⁷⁴ Até bem pouco tempo atrás, os estudos sobre "a mulher" tinham como ponto de partida os papéis sexuais, entendidos enquanto oposições. Segundo Lago (1994), "*Modernamente os estudos feministas deram um salto qualitativo com a substituição da categoria de papéis sexuais, pela categoria de gênero. Gênero entendido como um conceito relacional que pressupõe o masculino e o feminino se constituindo culturalmente nas relações de oposição (não necessária ou idealmente antagônicas), entre o homem e a mulher*". A compreensão do conceito de gênero, não é, no entanto, homogênea, como também não é homogênea a compreensão sobre as implicações da utilização de um conceito caracteristicamente interdisciplinar, o que já foi demonstrado por Grossi (1989) e Heiborn (1992), entre vários outros autores.

⁷⁵ Peixoto também alerta para o fato comentando que "*É interessante observar que nas falas sobre o perfil profissional do jornalista hoje, a diferença de gênero não aparece, quando é sabido que parte significativa do novo contingente profissional é composto por mulheres*" (1994:3)

remuneração, ou, mesmo no caso das de maior prestígio, mulheres ocupando posições inferiores e ganhando menos.

Mesmo com a ausência de dados estatísticos, a simples olhada nos expedientes dos maiores veículos vai apontar para essa realidade: apesar do grande número de mulheres que trabalham nas redações hoje, os postos de chefia estão concentrados principalmente nas mãos dos homens, exceção feita talvez às revistas ditas femininas.

O que mais chamou minha atenção entre todas as diferenças que poderia ligar ao gênero do agente, foi a forma como homens e mulheres percebem as regras e disputas internas dentro do campo. Enquanto os primeiros evidenciaram a competitividade como um efeito colateral da profissão, as mulheres se detiveram na dificuldade de conciliar profissão e vida afetiva (filhos, maridos). O discurso de algumas delas, por outro lado, tangenciou alguns dos mecanismos dentro do campo. A fala de Fernanda, ao enunciar que *“apenas os que se dão bem afetiva-diplomaticamente com os donos do jornal”* continuam *“deslumbrados”* com o jornalismo e a de Cláudia, afirmando que *“no hard news é foda...(são editorias) totalmente pilotadas pela chefia de redação”*. configuram exemplos.

O trabalho de Cardoso (1994), por outra via, também encontrou essas diferenças. Além de constatar que *“mulheres têm salários médios algo inferiores aos dos homens”*, (idem:28) independente das funções que exercem, determinou que *“homens estão um pouco mais dispostos do que as mulheres a subscrever práticas pouco éticas”* (idem:50).

Creio que essas diferenças merecem um estudo mais aprofundado, considerando-se que a postura dos informantes, apreendida através de seus discursos, depende principalmente de suas posições na estrutura do campo jornalístico. No entanto, essa

posição é resultado de muitos fatores, entre eles as suas *disposições*. E as disposições, por sua vez, estão matizadas por inúmeros determinantes, dentre eles o gênero.

Um ponto de vista que acho interessante investigar diz respeito relação entre campo jornalístico e campo do poder. Bourdieu (1994), já traçou alguns parâmetros que podem nortear esse tipo de pesquisa, identificando como esses campos são auto-intervenientes. Entre nós, vários trabalhos buscam discutir o papel da imprensa e sua interface com o campo político⁷⁶.

Penso, no entanto, em enveredar a análise procurando verificar como aspectos tão característicos (e tão discutidos) como o clientelismo, o “jeitinho”, estiveram e estão presentes na constituição do campo jornalístico, partindo da constatação de que a indicação é fundamental como ferramenta de entrada e ascensão dentro do campo.

A análise de Figueiredo (1994), talvez dê alguns subsídios para essas reflexões. O autor, em suas ponderações sobre os modos de subjetivação brasileiros, conclui que os antigos proprietários transitavam entre dois regimes de sociabilidade: a lógica racional e a lógica do favor, aproveitando-se das benesses de cada uma e não se sujeitando às regras inconvenientes de nenhuma. Em nota de rodapé, adverte que esse padrão perdurou muito depois da escravatura, citando Assis Chateaubriand como “*um exemplar notável de um dos modos dominantes das subjetividades brasileiras*” (idem:31). Talvez esse seja um gancho para imaginar o papel que desempenhou a lógica do favor (e que ainda desempenha?) na constituição do campo jornalístico.

Outra falta inequívoca da pesquisa, diz respeito ao limitar a proposta de análise do campo em cima de dois tipos de agentes. Seria necessário identificar outras combinações, como por exemplo, as relações com o campo de jornalistas que são também professores, ou de jornalistas que participam ou participaram ativamente de

⁷⁶ Um exemplo recente dessa diretriz é o amplo trabalho que está sendo desenvolvido pelo Cebrap, em convênio com a Fundação Ford, intitulado “*Política, democracia e meios de comunicação de massa*”.

movimentos sociais (jornalistas revolucionários?), de estudantes de jornalismo, diretores e donos de veículos, assessores de imprensa, ou mesmo da empresas enquanto instituições com lógicas próprias. Isso sem mencionar a falta óbvia que se dá em relação ao jornalismo da mídia eletrônica.

Dentro desse quadro, acio importante aprofundar um outro recorte: jornalistas culturais. Esses profissionais, pelas características do seu objeto de trabalho (a cultura), ao mesmo tempo em que sofrem as sanções do campo jornalístico, colocam-se nitidamente em interface com o campo artístico e/ou intelectual. Essa situação limiar vai moldar seu trabalho e pode ajudar a entender melhor os mecanismos do *locus* jornalístico, que tem sua estrutura definida também por sua relação com outros campos.

A ausência mais comprometedora, se é que posso catalogá-la assim, penso, é a falta de uma definição e caracterização mais aprofundada acerca do jornalismo Romântico, que sugiro intrinsecamente relacionado a um imaginário social (que é reapreendido internamente pelo campo também) sobre o papel da imprensa e o que é o *ser* jornalista⁷⁷.

Essa falta talvez derive de minha recusa em dar igual peso aos jornalistas que enquadrei enquanto românticos, uma recusa que, no entanto, advêm exatamente da compreensão de que, sendo essa uma lógica intrinsecamente relacionada a um imaginário, precisaria de outros enfoques para ser esquadrihada, não poderia se resumir análise da prática/discurso dos agentes. Dessa forma, românticos apareceram apenas como atores coadjuvantes - se bem que em determinados momentos tenham ameaçado roubar o espetáculo.

Em novas análises que enfoquem o dueto romântico/burocrático, é imprescindível focar a introdução do diploma de comunicação, regulamentado por decreto em 1979,

⁷⁷ Talvez uma forma de abordagem, bem antropológica, seja a utilização do conceito "mito" para focar esse Romântico e esse imaginário...

que, além de concorrer para modificar o perfil do profissional, é importante do ponto de vista da concessão de legitimidade. Ou seja, passa a ter a possibilidade de ser jornalista aquele que possui o diploma, apesar de persistir até hoje no campo a idéia de que é mais legítimo, mais autêntico, o jornalista que se faz na prática das grandes redações⁷⁸.

Uma explicação necessária

Vários colegas jornalistas, ao ler ou me ouvir comentar sobre o trabalho, questionaram sobre em quê, afinal, eu acreditava? Se no jornalismo romântico, ou no jornalismo burocrático? Queriam saber: você acha mesmo que o jornalismo não tem importância social?

Para mim, sempre foi difícil explicar que não se tratava de acreditar ou não, defender ou não. Penso que o jornalismo burocrático está aí, assim como a indústria cultural e seus processos. Faz parte dela e não se trata de julgar. Apenas conhecer. Assim como não se trata de julgar o jornalismo romântico, que também está aí, mesmo que sua realidade seja o espaço da idealização e não o da prática cotidiana.

Lembro de Rita e sua pesquisa sobre menores de rua, das cobranças sociais em cima de seu trabalho (em que ele ajudaria essas crianças, em que ele poderia interferir na realidade social?) e de sua resposta: ele "serviria" apenas para conhecer. E conhecer é fundamental, pois é também em torno do conhecimento (seja ele de que tipo for), que se fazem as mudanças.

Portanto, tento responder aos questionamentos, defendendo que é fundamental conhecer as regras, as lutas e disputas, as motivações e conflitos desse espaço tão instigante e tão entranhado nos processos sociais. E, antropóloga que sou (ou me sinto), posso apenas oferecer um caminho particular, pontuado pela relativização e pela

⁷⁸ De outra forma, como explicar a análise de Alencar acerca de seu trabalho em uma assessoria de imprensa: "*Eu sou jornalista. mas não estou jornalista*"

tentativa de não julgar, um olhar particular, uma "versão dos fatos", jornalisticamente falando.

Anexo

Anexo

Perfis

Um perfil, no jargão jornalístico, é uma matéria sobre alguém. Compõe-se de entrevistas com o personagem e pessoas que possam dar informações sobre ele, análise de documentos, notícias passadas quando existem etc. Há alguns anos, eram mais ou menos comuns os perfis longos, as histórias de vida, de pessoas ilustres ou não. Alguns jornalistas, como Ricardo Kotcho, ficaram famosos por seus perfis recheados de calor humano. Hoje em dia, raramente ocupam grande espaço, em geral são pequenos boxes, matérias de fundo de reportagens maiores.

Optar por escrever uma espécie de pequenos perfis dos jovens promissores é uma forma de prestar reverência ao campo jornalístico e suas técnicas - se bem que abandonadas nesses tempos de jornalismo urgente. Por outro lado, tento deixar claras escolhas que fiz ao selecionar os dados apresentados. Ou melhor, evidenciar que tudo o que é dito sobre os informantes parte de uma seleção do pesquisador.

Essa forma de apresentar os informantes, não é nova dentro da Antropologia. Gilberto Velho (1986) por exemplo, se bem que chamasse de "*relato parcial de algumas histórias de vida*", utilizou-se desse recurso, assumindo a "*arbitrariedade da construção*" e identificando a dose de "*interferência emocional*" a que ele está sujeito.

Aqui percebo uma diferença entre os relatos que faço sobre os informantes e os perfis jornalísticos: a presença clara do autor nos primeiros e a tentativa de omissão deste nos segundos. Optei por fazer esse trabalho em cima das entrevistas ao invés de outro método, como anexá-las por inteiro, pois acredito que tentar parecer isenta frente aos informantes, distanciada, é pior metodologicamente do que enfrentar as apropriações indébitas que realizamos sobre suas vidas e histórias pessoais.

Também acho importante ressaltar, que as entrevistas foram realizadas, como já mencionei, há algum tempo. Em função disso, procuro atualizá-las, pelo menos situando o agente dentro do campo jornalístico, onde ele está no ano de 1995.

Jovens Promissores (burocráticos)

Carlos Eduardo

Carlos Eduardo á época da entrevista tinha 28 anos, era editor de economia de um grande jornal. Estudioso, obcecado por detalhes e perfeccionista, trabalhava duro, embora não "*mistifique*", como dizia, o trabalho de jornalista. É antes de tudo uma profissão como qualquer outra, afirmava.

Seu pai na época era gerente de um grande magazine. Sua mãe trabalhava em casa. Tem uma irmã mais velha, casada, com filhos. Não falou da família, mas eu sabia que estava em seu segundo casamento, com uma jornalista. Não tinha filhos.

Sempre estudou em escola estadual, fez colegial técnico em eletrônica e se decidiu pelo jornalismo em 79/80, quando começou a "*ler muito jornal*". "*Fascinei pela coisa, achei muito interessante*", afirmou. Prestou vestibular na ECA e na Metodista, entrou nas duas, na Metodista em segundo lugar. Optou pela última, por ter arranjado um bom emprego em uma multinacional holandesa, em São Bernardo. Na época, contou, "*falava bem o holandês*", que aprendeu porque ganhou uma bolsa de estudos no final do colegial. Ficou o último semestre daquele ano na Bélgica. "*Tinha 17 anos e a gente aprende muito fácil nessa idade*".

Gostou muito do período de faculdade, onde se formou em 1985. Foi militante ativo, (pertenceu à Convergência Socialista) nos diretório e centro acadêmicos. Na metodista também iniciou o curso de letras, pois queria aprender latim e grego. Acabou sendo expulso desse último por sua militância.

Quando terminou o jornalismo, resolveu seguir a carreira, embora pudesse prosseguir na multinacional onde trabalhava. Começou como *free-lance* da área de

informática do jornal onde trabalha ainda hoje (tinha um conhecido na editoria que o chamou). Também fazia matérias para o Diário do Grande ABC, críticas teatrais que "*adorava*".

Pouco tempo depois de formado, Carlos Eduardo foi selecionado para o mestrado em Londres, com bolsa da Fapesp. Para lá se mudou, e começou a se especializar em jornalismo econômico, que era sua área de estudo. Como ficou sem bolsa durante um tempo, conseguiu um emprego na BBC de Londres - era um frila fixo, trabalhava no departamento que cobria o Brasil à noite. Fazia os créditos de dia, "*era legal*", afirmava.

Ao terminar o mestrado, em 1987, voltou para o Brasil. Distribuiu currículos e foi contratado pelo jornal no qual trabalha, como repórter de economia. Dentro do jornal, passou por vários cargos: editor assistente, correspondente júnior em Nova Iorque e no Japão e correspondente sênior em Washington. De lá voltou para assumir uma editoria.

Carlos Eduardo não falou, ou não deu margem para que se falasse da vida privada. As perguntas que tangenciavam esse assunto passaram batido. Apenas comentou um pouco seu horário de trabalho. Afirmou trabalhar cerca de 16 horas por dia, mas com uma perspectiva de diminuir para 10 horas quando conseguisse organizar a editoria como pretendia. Essas dez horas, diziam respeito ao trabalho dentro do jornal. Leituras extras, o acumular de subsídios para o trabalho rotineiro, encarava como uma tarefa prazerosa: gostava de ler coisas que são úteis profissionalmente, então perdia a medida do que era trabalho e do que era prazer.

Aparentemente, não tinha queixas que merecessem ser mencionadas. Mostrou-se metódico e reservado. Apesar de um amigo com o qual já convivi em outras circunstâncias, nosso encontro foi o de uma pesquisadora (a qual não deu muito crédito), com um editor. O tempo era curto, estávamos na lanchonete do jornal e ele estava atrasado para uma reunião. Não creio que tivesse grandes conflitos com a direção do jornal, talvez seus principais problemas fossem com os subordinados. Lembro que mencionou ter destituído vários dos editores assistentes ao assumir "*mas eu tinha que*

formar minha equipe", avaliou. "As pessoas continuavam", na época da entrevista, "um tanto ressabiadas, mas eu não tive até hoje nenhum processo definido claro de insubordinação".

Afirmava entender o receio do pessoal da editoria, já que a maioria dos outros jornalistas era mais velha do que ele. Segundo ele, na mesma situação também se sentiria incomodado.

Sua passagem pela editoria de economia como editor não foi das mais longas. Posteriormente ouvi conversas de que tinha sido sabotado. Boatos comuns dentro do campo jornalístico, que não são inteiramente creditáveis. De qualquer forma, continua trabalhando no jornal. É repórter especial, um cargo também de confiança da direção. Penso que desfruta de uma boa dose de autonomia, relacionada à sua capacidade de produzir a notícia, conforme identificou Bourdieu.

Raul

Raul tinha 29 anos, trabalhava em um grande jornal, na área cultural. Escrevia, como definiu, *"uma crônica do pop...as coisas mais punks, digamos assim"*. Esse gaúcho de sotaque típico, fala mansa, atendeu-me também no jornal, mas não aparentou pressa ou agonia por estar em seu ambiente de trabalho.

Raul costumava trabalhar de bermuda, tinha os cabelos compridos, mal escovados e um jeito que sugeria certa despreocupação (real) com a aparência.

Nasceu em Rio Grande, mas foi para Porto Alegre com 17 anos. Lá cursou a faculdade de jornalismo. Antes, porém, entrou em direito. Trocou *"porque as meninas do jornalismo eram mais bonitas, o pessoal mais animado"*. Terminou seu curso quando já residia em São Paulo, *"por correspondência"*. Afirmou ter levado *"uns dez anos"*, fazendo jornalismo. Enviou sua monografia final de curso e voltou para Porto Alegre apenas para defendê-la e pegar o título.

Desde os tempos da faculdade já se preparava para o jornalismo cultural. Seu projeto era virar correspondente internacional em uma cidade como Londres, ou em outro grande centro cultural fora do Brasil.

Ao se formar trabalhou em rádio, com um programa de novas tendências chamado maldita hora. Escreveu para o Zero Hora e depois contactou a revista Bizz, onde ficou como correspondente. Raul não contou, mas foi literalmente isso que aconteceu. Um dia escreveu para a Bizz, dizendo que era leitor e gostaria de ser correspondente. Toparam e ele conheceu Alex, o editor. Essa versão de seu contato inicial com o jornalismo paulistano me foi passada por outro informante, que também conhecia Raul.

Veio para São Paulo a convite do Alex, para ajudar a desenvolver o projeto da revista Set. "...24 anos. Já vim para editar uma revista, grande, enorme".

No número quatro da revista, assumiu um novo editor, e Raul entrou em choque com ele. Avaliou que por diferenças de projetos. Suas pautas começaram a ser recusadas, "*senti que ia ser fritado*", então caiu fora. Permaneceu algum tempo como frila da própria revista "*porque o diretor gostava muito do meu trabalho...*". Depois começou a fazer frilas para o jornal onde trabalhava. Por fim recebeu o convite de um jornalista que havia conhecido na Bizz para engrossar a editoria de cultura do jornal.

Estava há dois anos e meio nessa empresa, editando as páginas de quadrinhos, principalmente. Mas era eclético, falava "*um pouco de tudo*".

Achava que "*nessa profissão é tudo por enquanto*", identificando uma grande rotatividade de pessoal.

Avaliava que seu horário em geral era tranquilo. Acordava às 11 horas, entrava sempre atrasado, já que o horário era às dez, escrevia uma matéria antes do almoço e ficava à tarde pesquisando pautas. Fechava às quatro "*sempre alucinadamente*". Quase sempre saía às 17 horas.

No caso de Raul, a editoria fazia parte da sua vida. Ele afirmava "*viver o cultural*". Após o expediente, completava sua vivência jornalística com shows, teatro, cinema, discos, leituras.

Falou um pouco da sua vida pessoal (a saca-rolhas). Foi casado, não tinha filhos, fora do jornal gostava de: "*beber cerveja, mulheres, drogas e rock*". Tinha uma grande resistência à idade: "*é meio consequência do que eu escrevo, do que eu gosto. As*

peessoas na minha idade parecem muito mais velhas do que elas na verdade são. Às pessoas com mais de 26, parecem ter 35, porque estão fazendo coisas que eu não pretendo fazer, tipo casar, ter filhos, ouvir MPB, Caetano, pegar sol para ver João Gilberto".

Raul foi um dos poucos informantes com os quais não mantive mais contato. Não sei onde anda, com certeza não está mais no jornal em que trabalhava. Talvez tenha alcançado seu objetivo, virado correspondente na área de cultura em uma grande metrópole.

Batti

Batti era o mais novo jovem promissor do grupo. Tinha 24 anos e trabalhava na primeira página de um grande jornal. Apresentou-se tentando aparentar sobriedade. Eu era uma pesquisadora, a quem ele dava crédito. Ele um entrevistado, alguém com algo para dizer. Recebeu-me em sua casa, um flat em um bairro classe média paulistana.

Seus pais são de Recife, mas se transferiram para São Paulo em 1966. O pai era médico. A mãe, aparentemente, trabalhava em casa. Ele se considerava paulistano. Afirmou que a família é "*muito unida, bem legal*". É o mais velho de três irmãos. Tem uma irmã que na época tinha 21 e trabalhava com computação, e um irmão de 16, que havia passado para o terceiro colegial. Afirmou, em relação ao caçula, que a família, inclusive ele, fazia "*o possível para que continuasse estudando, que o negócio dele é música*".

Batti contou que se aproximou do jornalismo em 1984, durante a campanha das diretas. Ele começou a ler muito jornal, achava a turbulência da época "*muito divertida*" e queria se inserir dentro dela. Foi fazer jornalismo na ECA, em 1985, pensando inicialmente em tentar a televisão, mas depois que começou a "*aprender a imprensa*", optou por ela.

Ainda na Faculdade recebeu um convite de um ex-colega de turma para ingressar no jornal. Foi ser repórter, seu primeiro emprego fixo. Virou um dos dois únicos repórteres da editoria de economia do jornal: "*trabalhava quatorze a quinze horas por*

dia, achava bastante divertido", mas acabou ficando com úlcera, que atribui ao fato de "ser jogado aos leões sem muito subsídio para isso".

Nesse início de carreira, Batti teve que *"se preparar para assumir as tarefas a qualquer custo"*. E analisou que essa exigência trouxe consequências: *"você, quando é jovem assim, se identifica tanto com o jornal que ele vira sua vida inteira"*, ponderou. Mas relativizou esse lado negativo de sua experiência inicial, com um *"lado positivo: ser forçado a amadurecer"*.

Falar com ele, apesar da pouca diferença de idade entre nós, me fazia sentir um pouco velha, pela constante alusão que ele fazia a um s diferenças com gerações anteriores. Batti se posicionava durante toda a entrevista como *"jovem"*. Usava esse termo a maior parte do tempo para se identificar e a seus amigos; volta e meia mencionava a *"minha geração"*.

Antes de trabalhar na primeira página, onde estava na época da entrevista, passou por vários cargos e funções dentro do jornal. Foi repórter de duas editorias, correspondente júnior em Washington, onde ficou mais tempo do que a maioria costuma ficar. De correspondente júnior, foi convidado para ajudar a montar uma Agência, responsável por coordenar o trabalho dos cadernos regionais do jornal. Ficou como secretário de redação desse órgão, de onde saiu para a primeira página. Explicou alegando que *"não representava mais nenhum desafio"*.

Sua mistura de ceticismo com idealismo produziu análises interessantes acerca do jornalismo. Quando o questionei sobre o que seria um *"bom jornalista"* expôs várias categorias. Não citou os grandes repórteres por *"saber como as matérias são feitas"*, achava que eles em geral se apropriavam de dados colhidos por outros. Para Batti, não existia um jornalista completo *"é uma visão romântica, o jornalismo mudou tanto que, hoje, tem o jornalista que mexe só com edição, tem um jornalista que é repórter nato, e essas divisões estão se acentuando, apesar de algumas (funções) como o redator estarem sumindo, na verdade está se dividindo entre o coletor de informações e o administrador da notícia dentro do jornal"*.

Em um dado momento, pediu que eu não gravasse mais a entrevista. Desliguei o gravador, e ele falou das suas queixas. Estava bastante impressionado com o que considerava um clima competitivo e "aético" das redações. Falou sobre a vaidade em excesso dos profissionais da imprensa, que "*pretendem ser pessoas públicas*". Fez um parêntese e comentou que é importante saber que o trabalho está sendo lido e acompanhado, mas que na maioria das vezes isso não acontece.

Arriscou, instigado por mim, a pensar sobre a relação afetiva dos jornalistas. Achava que os jornalistas transportavam para os parceiros "*as relações de poder*" com as quais estavam habituados, gostando de "*fazer valer seu ponto de vista*". Interpretava as relações entre jornalistas - namoro, conjugalidade -, como possíveis quedas de braço entre pessoas muito duras e competitivas. Talvez por isso, preferisse relacionar-se - tanto com amigos como namoradas -, com pessoas de fora do jornal. Mas também tinha amigos no jornal "*pessoas em que eu confio até...*"

Após algum tempo na primeira página, assumiu a editoria de esportes do jornal, onde está atualmente.

Diego

Diego tinha, época da entrevista, 29 anos. Era editor de um jornal dito sensacionalista, um dos veículos de uma grande empresa jornalística. Comandava uma pequena redação que editava um jornal popular. É um paulistano típico, com sotaque que me lembrava o Brás. Disse que entrou no jornalismo "*meio por acaso*", porque "*tinha facilidade para escrever*". Recebeu-me para a entrevista, marcada pela secretária, na sua sala, o aquário daquela redação.

Antes de cursar jornalismo, afirmou que "*toda sua orientação era para a Química*", chegou até a concluir a faculdade, entre 1981 e 1984. Em 1982 entrou também na ECA, onde se formou em 1986. Resolveu fazer jornalismo porque a "*faculdade (de química) não era bem aquilo*" que ele idealizava. Quando terminou o

primeiro curso, tentou emprego numa grande empresa e não conseguiu, o que o desestimulou bastante. Avaliava na época que : *"talvez, se eu tivesse arranjado emprego logo que me formei, minha carreira seria diferente... Ia trabalhar dois anos em uma empresa química, depois acho que ia me matar..."*. Na mesma época, conseguiu uma vaga de redator em uma revista técnica de química.

Seu início em um grande jornal foi intercedido por um amigo que cursava uma disciplina com ele na ECA. Esse amigo, na época secretário de redação do veículo, convidou-o para trabalhar na editoria de Ciência. Era o segundo semestre de 1987.

Em 1989 Diego foi para os Estados Unidos, com bolsa da Fapesp/Fullbright para estudar jornalismo científico. Ao retornar ao Brasil, foi convidado a acompanhar sua antiga editora, que estava se transferindo para o jornal popular. Em agosto de 1991, assumiu a chefia de edição do jornal.

Diego aparentou grande preocupação em se diferenciar do que considerava os jornalistas padrão do principal jornal da empresa onde trabalhava. Foi bastante mordaz em seus comentários acerca dos colegas. Iniciou se diferenciando dos *outros*, por achar que tem um perfil atípico. Em primeiro lugar, estudou em um colégio *"zueiro"*, o Objetivo (e não um tradicional, com acredita tenha sido a base de seus colegas). Em segundo lugar, diferenciava-se por *"não ser filho de intelectuais, meu pai é um comerciante muito bem sucedido"*, mas que não tinha nível universitário, e sua mãe fez faculdade de saúde pública.

Para ele, a maioria dos jornalistas era extremamente *"obsessiva"* em relação ao seu trabalho, o jornal passava a ser *"uma continuidade à vida intelectualizada que sempre levaram"*. Não foi nem um pouco complacente com os outros jornalistas. Achava que o jornalismo era *"a lata de lixo da atividade intelectual. Quem não deu certo na vida, vira jornalista. ...Caras que ficam 15 anos no mestrado, não conseguem acabar... tem nego que não conseguiu acabar nem o bacharelado"*.

Não gostava do *"espírito corporativista"*, afirmava não frequentar os lugares que os jornalistas frequentavam. Para ele, a maioria dos jornalistas *"queria ser objeto, queria ser a notícia, queria ser famoso. Ficam entre a grã-finagem e a intelectualia"*.

Também se admirava da "*docilidade*" desses profissionais, que acima de tudo "*desejam agradar ao chefe, não querem fazer um bom jornal*".

Afirmou ter lido bastante jornal em sua vida e acliava que a maioria dos jovens jornalistas de sua idade, carecia dessa experiência. O resultado imediato é que "*perdem a noção do todo*": Citou como exemplo o primeiro *ombudsman*, lançado pela Folha de S. Paulo, "*como se fosse uma inovação*". Ele lembrou de ter lido, aos 12 anos aproximadamente, colunas do Alberto Dines que cumpriam o mesmo papel, ou, em suas palavras, "*a molecada da Folha ... eles estão fascinados com o cargo que eles tem, acham que tão mudando tudo... Não é, se tiver um mínimo de contextualização ali, sabe que não é... uma intervençãozinha mínima ali numa trama que é a mesma há muito tempo*".

Diego teceu considerações sobre suas tarefas enquanto editor: "*no quinto mundo, você tem que cuidar desde a briga com o industrial pela cor, apesar da foto ter chegado cinco minutos atrasada na máquina, você tem que ficar administrando dramas pessoais da metade da redação...*".

Com os subordinados, se achava bastante duro. Principalmente porque "*não confia*" na capacidade das pessoas. Parecia não nutrir muitas expectativas sobre os jornalistas e afirmou detestar trabalhar em equipe. Por outro lado, penso - por observações e investigações sobre o informante - que tinha bastante trânsito junto chefia geral do conglomerado da qual seu jornal faz parte.

Não se sentia com "*vocação*" para o jornalismo, se via, por exemplo, trocando sua profissão pela publicidade, achava que se daria bem com isso. Apesar dessa possibilidade, atualmente continua como editor chefe do seu jornal, que já passou por uma série de reformulações.

Cláudia

Cláudia, na época com 28 anos, foi a única que não fez faculdade de jornalismo, tendo iniciado a de psicologia na USP, que interrompeu posteriormente. É de uma família de jornalistas consagrados pela mídia e pelo público mais intelectualizado. Em seu

depoimento, afirmou que seu pai foi muito importante para ensiná-la quando estava começando. *"Meu pai é o meu principal ombudsman, ele é um puta ombudsman. Não tem paternalismo, nessa hora ele não tem mesmo, é um crítico super duro. Mas me ensinou muitíssimas coisas"*.

Perguntei como chegou ao jornalismo e ela respondeu que *"por acaso"*. Estava desencantada com a psicologia e, por outro lado, muito envolvida com *"um pessoal"* das bandas de rock de São Paulo. Um amigo dessa turma perguntou o que ela achava de começar a escrever, e foi uma ponte para ela fazer uns frilas na revista Bizz.

Na época, trabalhou também em outra revista e, no final de 1986, com 23 anos, foi contratada como redatora da Bizz. Adorava, *"era um universo que eu entendia, gostava, rock'roll. Foi um começo muito fácil nesse sentido"*. Contribuía para isso o fato da redação ser pequena, *"todo mundo amigo, todo mundo jovem"*. Cláudia comentou que, nesse período, *"todos os meus amigos eram jornalistas, toda a minha turma foi para a Bizz, foi prá TV... eu fui meio na onda"*.

Associou essa migração para o jornalismo a abertura de espaço dentro de veículos para um outro tipo de jornalismo cultural, com publicações como a Ilustrada, e as revistas Bizz e Set, que começaram a capitalizar *"turmas"* de jovens envolvidos com a vida cultural da cidade. Depois de cerca de 6 meses, virou editora assistente da revista, onde ficou até 90. Ajudou a fazer o projeto da SET. Em 90, saiu da Bizz *"estava tudo muito tumultuado"*, comentou, referindo-se a várias trocas de chefia.

Ficou quatro meses desempregada até que *"pintou uma vaga"* num grande jornal. *"Era a terceira vez que fazia uma tentativa de ir para esse jornal"*. Na primeira, tentou uma colocação na página de livros no caderno cultural, incentivada pela editora, que tinha sido aluna do seu pai e pediu para que ela mandasse o currículo. Era *"super crua"*, mas chegou a fazer a entrevista inicial. Depois, quando foi contratada pela Bizz, o jornal a chamou e ofereceu o dobro do salário, que ela recusou. Dessa feita, foi chamada para cobrir férias no suplemento de livros, ficou cinco meses e quando mudou o editor, virou editora assistente.

Em dezembro de 1991, recebeu o convite para editar o suplemento dirigido aos adolescentes. Nessa época, Cláudia já se considerava uma jornalista, o que não acontecia no início de sua carreira: *"Depois, aí é que eu fui virando de fato jornalista. Até pouco tempo atrás eu não me dizia jornalista... Eu entrei no jornal, é um choque de realidades, tem que ser jornalista e pronto"*.

Para Cláudia, o jornal exigia muito mais envolvimento com o trabalho, a começar pelo tamanho da redação, onde *"no começo você não é ninguém, não é nada"*.

Além disso, a rotina de fechamento era muito mais intensa, existia uma quantidade maior de trabalho, que exigia maior agilidade. Contou que foi no jornal, no suplemento livros, que aprendeu a editar, com o antigo editor. Pensava que seu trabalho começou a *"aparecer"* para as chefias a partir daí, e talvez por isso tenha sido convidada a editar o suplemento para os adolescentes. Por outro lado, sabe que nunca foi *"neutra"* na empresa, em função do seu sobrenome. *"A chefia sempre soube quem eu era"*, comentou.

Afirmava que sua rotina de trabalho em geral, por ser um suplemento semanal, não era extremamente estafante. Era responsável por uma editoria pequena, composta por ela, uma editora assistente e uma repórter. A outra vaga foi extinta com os cortes de pessoal ocorridos no início do ano de 1992.

Além de editar, escrevia também. Outra tarefa, era adaptar os textos dos inúmeros colaboradores ao padrão do jornal. Achava que a edição também era *"muito administrativa, tem que ficar organizando o borderô"...* *"Perde muito tempo com relatório, reunião..."*.

Cláudia era casada com um jornalista. Comentou as dificuldades de se conciliar vida afetiva com profissão, principalmente em função dos períodos em que os horários se tomam muito tumultuados. Não falou muito de sua família. Tem irmãos e seus pais, ele jornalista aposentado e a mãe, funcionária pública, dedicavam-se na época participação política na esquerda. Atualmente voltou a ser editora assistente do caderno cultural do veículo em que trabalhava.

Marcia

Marcia é filha de italianos, radicados no Brasil há vários anos. Tem quatro irmãs, todas formadas em diferentes profissões liberais. Falou bastante no pai, que *"sempre quis ter um filho, aquela coisa bem italiana, para dar continuidade ao nome"*. Como não deu, quis que uma das filhas seguisse sua profissão, engenharia elétrica, no que também não foi bem sucedido. A mãe, identificou como *"super boazinha, coisas de mulher a lá antiga"*.

Marcia, que na época da entrevista tinha 29 anos, afirmou ter entrado na ECA, em 1981, motivada pelo *"fascínio"* com a profissão, que iniciou anos antes, em sua adolescência. Lembrou especialmente de ter lido na década de 70 uma reportagem sobre a Amazônia, na revista Realidade, que achou *"divina, maravilhosa"* e outra sobre ecologia que *"pendurou no quarto"*.

Mas os primeiros anos na Faculdade foram péssimos. avaliou. porque eram muito teóricos. Só começou a gostar (e daí se apaixonou) nos dois últimos anos, práticos.

Fez o *training* na Folha⁷⁹ e, nesse circular dentro da Folha, acabou *"conhecendo o Mário, que era editor de informática e estava uma turma depois de mim na ECA"*. Esse amigo passou-lhe frilas e posteriormente a convidou para trabalhar na editoria.

No jornal, Marcia afirmou ter virado uma espécie de *"coringa"*: passou por várias editorias, assumiu vários cargos. Nessas idas e vindas, aprendeu a gostar mais do fechamento do que da reportagem.

Saiu do jornal porque teve uma *"briga besta"* com seu editor (era editora assistente de geral, na época). Deixou que saísse uma reportagem sem o crédito do editor, que também havia trabalho na matéria. *"No dia seguinte ele estava furo, histérico, berrou comigo na frente de todo mundo"*. Então, *"por brios"* e também porque desejava fazer *"algo diferente"*, saiu do jornal.

⁷⁹ A Abril e a Folha mantêm intercâmbios com as faculdades de comunicação, treinando estudantes que cursam os últimos períodos, alguns dos quais são posteriormente contratados.

Após uma curta passagem pela IstoÉ, foi para uma revista, onde está até hoje. No início era editora assistente; um ano depois foi promovida a editora de duas seções, simultaneamente.

Marcia se enquadrou em um perfil de jornalista que *"tem que estar sempre mudando"*, não pode ficar muito tempo cuidando de um mesmo tema: *"os assuntos vão me enchendo, vão ficando repetitivos, quero assunto novo, quero fazer coisa nova"*. Essa mudança constante se refletia também fora do trabalho. *"Não tenho rotina nenhuma, minha vida é super desorganizada... A revista, tem dias, de apuração de matérias que você faz seu próprio horário, mas dia de fechamento, você tem que entrar no horário da redação, sei lá, se precisar virar madrugada você vira madrugada e não levanta no dia seguinte"*.

Casada com um jornalista em início de carreira, na época, não conseguia avaliar como seria ter um filho dentro de seu esquema de trabalho. *"Só vai dar para ter filho, com tranquilidade, quando ele se formar e puder reverter o pólo, ele ser a cabeça do casal (financeiramente)"*, cogitava.

Trabalhando como jornalista desde 1983, Marcia avaliou as mudanças que aconteciam no jornalismo: *"isso tudo iniciou há dez anos atrás, com o projeto Folhas, que todo mundo mete a boca mas eu acho que tem grandes avanços nele"*. A profissão, para ela, seguia um caminho que aconteceu também nos EUA no início do século: *"você tem jornalista que vinha daquela formação poeta-mal-sucedido, que ficava a noite inteira bebendo, enchendo a cara... Aí, você começa a ter uma profissionalização desse cara, que em geral entrava na redação como boy e ia subindo"*. Para ela, essa profissionalização estava atrelada a outros fatores: *"você começa a ter paralelamente melhores salários, porque começa a ter uma competição mais acirrada entre veículos, melhores salários e uma coisa meio que de classe média tomando conta da profissão"*. Por tudo, acha que *"o jornalista vai se aperfeiçoando, as pessoas têm que render no trabalho, é quase como uma fábrica"*.

Atualmente é responsável por uma editoria na revista e tem um filho que vai fazer três anos. Sua vida não mudou muito no que diz respeito falta de horários, mas, ao que tudo indica, conseguiu conciliá-los com a maternidade.

Margarida

Margarida, com 26 anos na época da entrevista, era editora de comportamento de uma revista voltada para adolescentes, principalmente do sexo feminino. A impressão que eu tinha, ao falar com ela, é que vestia um estereótipo que a aproximava de seu público. Talvez ciente disso, tenha feito questão de ressaltar que não era adolescente, em momento algum. Apenas afirmava se identificar com novas formas de ver o mundo, que acreditava terem a ver com seu público. Falou do "*conhecimento holístico*", da política feita no dia-a-dia, nas micro-relações, da ecologia, do fim de uma "*era de políticos velhos, de política restrita aos gabinetes e palácios de governo*".

Como editora de comportamento, tinha grandes responsabilidades, pois atuava sobre praticamente todos os textos da revista. E assumia para si grande parte da cara da publicação.

Margarida se decidiu a fazer jornalismo aos 13 anos, achava que "*por uma natural vocação*" para a comunicação. Enfrentou inúmeras barreiras, principalmente por causa do pai, italiano conservador, que não aprovava sua escolha. Bem estabelecida profissionalmente, virou posteriormente "*a filha modelo*", de uma família que, além dela, têm mais dois filhos, um com 25 na época, trabalhando com computação e outra com 19, estudando arquitetura. Seu pai se aposentou na polícia civil, e sua mãe é dona-de-casa, de uma "família quatrocentona" do interior paulista, como definiu a informante.

Fez ECA (entrou aos 17 anos) e, no início, não conseguiu se entender bem com o curso. Não tinha o perfil dos estudantes, acreditava, era mais "*chegada em saúde do que política, apesar de não ser careta*", pensava. Mais tarde conseguiu falar com os antigos colegas a mesma língua "*eles eram radicais por um lado, e eu por defesa, era por outro*". Na faculdade decidiu fazer jornalismo esportivo, que adorava.

Começou a trabalhar na rádio USP, e, ao mesmo tempo, fazer uns frilas para a revista Placar *"um amigo meu tinha um tio que era editor da placar e ele falou ah, passa lá..."*.

Os frilas deram certo, ela ficou fixa na Placar até o declínio da revista. Surgiu então a publicação Esportes e Náutica, onde ela se estabeleceu, sendo uma das principais repórteres. Em certo momento da entrevista, racionalizou que o que lhe interessava realmente não era o esporte, mas o homem e *"o esporte era um veículo para chegar no homem"*. Começou a fazer frilas para a Quatro Rodas e para a revista Cláudia, principalmente para a última, já abordando matérias de comportamento.

Ficou dois meses como frila fixo na Cláudia, mas não deu certo. Avaliou que tinha uma postura muito diferente das pessoas da revista. Segundo ela, vestia-se mal, tinha apenas 23 anos, *"fazia o trabalho de editora, mas era jovem, as pessoas lá super se ressentiam... A minha figura era uma coisa assim diferente, ameaçadora, e eu também era assim meio pretensiosa, continuo sendo, sabe, as pessoas olhavam assim..."*, raciocinou. Como apesar dessa falta de familiaridade com aquele universo seu trabalho era reconhecido, acabou sendo indicada para trabalhar na revista para adolescentes, da mesma editora.

Margarida definia sua atividade na revista como *"observar o mundo, ver para onde o mundo está indo"*. Não se considerava especialista em adolescente, mas sim jornalista, portanto eclética. O trabalho da revista e o seu particularmente, que ela avaliava bem sucedido, foi a descoberta de *"uma maneira de falar com esse adolescente, de atingir ele, que raros veículos conseguem"*.

Após esse período em que ficou na revista, Margarida virou repórter especial da Elle. Atualmente é editora chefe de uma revista voltada para o público feminino.

Fernanda

Fernanda, que estava com 28 anos quando nos encontramos para a entrevista, é uma mineira de Belo Horizonte que saiu de sua terra aos 17 anos para cursar jornalismo em São Paulo. O que mais chamou minha atenção, foram suas impressões acerca da

profissão, bastante cáusticas, aparentemente destituídas do que chamou de "mitos", mais calcadas no *"trabalho duro que é ser jornalista...você começa a aprender que jornalismo é carregar pedras, altas jornadas de trabalho, a cabeça cheia de coisa. Quem pega o jornalismo hoje e quer assinar o nome necessariamente vai levar trabalho para casa, vai se confundir com a profissão. É uma ascensão muito difícil"*, comentou.

No plano afetivo, Fernanda ilustrou bem seu jeito mordaz de ver a vida, ao identificar o pai, que quase rompeu com ela quando saiu de casa e veio para São Paulo: *"chantagista, com PhD em baixaria sentimental, mas muito afetivo"*. Na época da entrevista, já regenerada pela ascensão profissional, virou *"a estrela da família"*. Uma família *"super cristã"*, com pai médico renomado, mãe *"pedagoga e catequista da linha moderninha"* e mais três filhos: a mais velha, economista formada, mas que se dedicava ao lar, um médico um ano mais novo que ela, e a caçula, que é psicóloga.

Apesar do estrelato junto família, Fernanda comentou algumas discordâncias. Segundo ela, seus pais principalmente, a achavam *"meio elitista"*, pois *"eles têm aqueles mitos ainda. Eles acham que a imprensa deve ser para procurar a verdade. Eu também acho, mais sei que nunca conseguiria e se eu me lançar nessa empreitada eu me ferro"*.

Afirmando-se meio militar consigo, comentou sua rotina e suas preferências. Fazia ginástica três vezes por semana, como forma de se cuidar e também de quebrar a rotina casa-trabalho: *"porque senão o preço é muito alto: a solidão, a banha e o jornalismo full time, eu não quero e não aguento"*.

Apesar de *"curtir a diversidade"*, segundo suas palavras, relacionando-se preferencialmente com pessoas de fora do meio profissional, e de ter observações bastante cáusticas sobre a profissão, afirmava gostar do que faz: *"Eu gosto do meu trabalho, só que ele me massacra. É um amante mau, cruel"*, definiu.

Em sua vida profissional, Fernanda passou por vários veículos, como a Folha e o Estadão. Fez jornalismo na ECA, e acredita que chegou na profissão impulsionada pela impressão que o jornalismo poderia influir na abertura política: *"poxa, a saída pode ser por aí"*. Posteriormente avaliou que isso era *"coisa de adolescente"*.

Antes de trabalhar com artes plásticas, artes visuais, passou por literatura. Começou com uma pequena resenha no Letras, foi convidada para a Folha. Desistiu depois de algum tempo. "*Não aguentei*", referindo-se ao que chamou de "*clima de terror*".

Depois foi para o Estadão, trabalhar no Caderno 2, onde cobriu artes plásticas. Foi demitida do Estadão num dos cortes de pessoal. Aí, descobriu que já fazia parte da "*grifezinha*", já era reconhecida. Foi despedida numa quinta e mal terminou o fim de semana já havia recebido vários convites. Atualmente ainda trabalha em uma grande revista semanal, na editoria de cultura/espetáculos.

Românticos⁸⁰

Lane

Lane tem 32 anos e atualmente trabalha como free lancer, após ter fechado uma assessoria que abriu em uma cidade do interior paulista. Fez ECA no início da década de 80, após ter cursado um ano de engenharia mecânica.

Afirmou que sua vocação sempre foi o jornalismo: "*pai jornalista, fazia jornalzinho na escola...*". Ainda no segundo ano da universidade, "*encheu o saco*" até lhe darem um emprego na Globo, como rádio escuta e ajudante de pauta. Aí comentou ter tido sua primeira decepção com o jornalismo, quando caiu matéria sobre febre aftosa, que ele defendia, achava mais importante, para colocarem outra sobre uma procissão "*que era mais bonita, dava mais visual...*".

Sua vida profissional está pontilhada por essas lembranças e por atritos com as direções dos veículos em que trabalhou, em função de sua defesa intransigente do que considerava mais jornalístico. Lane justificou dizendo ser "*turrão, competente, não engolidor de sapo - pegava minhas coisas e ia embora*".

⁸⁰ Não incluo aqui um perfil de Nice, apesar de citá-la na pesquisa, porque nossas conversas foram bastante informais, como já mencionei.

Após a rede Globo, de onde foi demitido, foi para a Rádio USP, onde teve outra decepção, dessa vez com um professor que era diretor da emissora e não deixou veicular notícia que poderia ser tomada como contrária administração da universidade.

Depois de uma passagem pelo Folhateen, foi convidado para ser editor, mas não aceitou porque segundo ele *"como editor eu trabalhava demais, levava muita bronca e não conseguia fazer os repórteres trabalharem 16 horas por dia como a direção queria"*. Ficou como repórter, função na qual sentia-se mais confortável. Um ano depois pediu demissão, porque desejava fazer matérias mais aprofundadas, *"não quatro ou cinco pautas por dia, queria pelo menos um dia que fosse mais ao fundo do assunto, que não ficasse na periferia, que mordesse o osso da notícia"*.

Da Folha passou para a sucursal do Jornal do Brasil, onde conseguiu colocar uma reportagem sobre a incidência de silicose nas fábricas do grupo de Antônio Ermírio de Moraes, na época em que esse era candidato. *"Trabalhei vinte dias fora de meu expediente e provei que o cara matava de sete a dez operários por semana"*. No dia seguinte foi demitido. *"Aí fiquei mais macaco velho, não forcei mais a barra tão veementemente"*.

Lane acha que jornalismo devia ser reportagem, mas não vivia mais disso: *"Se Tom Wolfe fosse brasileiro, tava fudido"*.

Tom

Tom é um nova-iorquino de 37 anos que se casou com uma brasileira e atualmente reside em Florianópolis, onde faz mestrado em ciências sociais. Formado em história, iniciou-se na profissão trabalhando como repórter de uma Agência de Notícias. Saiu para tentar fundar outra agência com um grupo de amigos. *"uma independente"*. Em Nova Iorque trabalhou como free lancer concentrando sua temática em problemas urbanos: drogas, aids, habitação. Depois foi correspondente em países como Afeganistão, Nicarágua, Paquistão. Chegou ao Brasil logo após as "Diretas Já" e trabalhou um pouco como correspondente.

Em Florianópolis ajudou a montar um jornal de bairro que abordasse os problemas da comunidade onde reside. A reação "*do poder*", como fala, "*foi muito interessante*" e bastante violenta. Tom foi ameaçado e sofreu uma grande campanha de desmoralização, inclusive invocando o fato dele ser estrangeiro. Depois ganhou uma bolsa da Fulbright e saiu do jornal, que logo parou de circular.

Seu trabalho junto Fulbright e universidade, consistia em desenvolver um programa de análises de jornais com os alunos do curso de jornalismo, onde enfocava aspectos de "*como ler jornal, princípios de liberdade de expressão e de reportagem*".

Dessa experiência, levada a cabo na época do processo de *impeachment* do ex-presidente Collor, tirou a idéia de fazer uma reportagem investigativa sobre o caso PC, unindo várias informações que julgou fundamentais e que passaram apenas de raspão nos noticiários. Para Tom essas informações, se investigadas, poderiam conectar empresários e outros políticos ao escândalo. Ofereceu a matéria para alguns veículos importantes de São Paulo, mas não conseguiu "colar" sua reportagem. Daí, concluiu que a imprensa não tinha interesse em "*ir a fundo*" no caso, já que isso implicaria em entrar em choque com grandes anunciantes dos principais veículos.

Cardoso

Cardoso, quando foi entrevistado em 1992, tinha 44 anos, era diretor de um jornal de negócios em São Paulo. Atualmente é diretor da sucursal de um jornal do sul do país. Formado em economia, iniciou sua carreira no Rio de Janeiro como repórter, e foi ter seu primeiro cargo de responsabilidade com cinco anos de profissão: "*naquela época, a profissão era feita de convites e de saídas. Num mesmo lugar você não cresce*".

Em São Paulo, fez parte da equipe contratada em 1989 para reformular o projeto do jornal O Estado, chefiada por Augusto Nunes. "*Quando fomos para lá, era um jornal de campanha, lutava contra os fatos...*"

Para Cardoso a saída da equipe após a implantação do projeto novo, deveu-se a uma "*briga interna da família Mesquita*", na qual os jornalistas do *staff* do veículo

foram envolvidos. Aceitou esse fato com muita naturalidade e afirma que a implantação de projetos dentro do jornalismo tem mesmo essa característica de efemeridade. *“Você chega, cobra muito caro e monta uma estrutura”* e depois pode se tomar dispensável.

Cardoso preocupou-se bastante em falar das questões éticas que, para ele, não estão em desacordo com o produto notícia: *“na imprensa capitalista, a ética é atributo mercadológico, é atributo industrial, se você não é ético, não consegue subsistir ... não vejo conflito, porque se os donos dos jornal querem ganhar dinheiro e influência, têm que ser éticos...”*.

Da mesma forma, também a imparcialidade para ele aparece relacionada ao bom desempenho profissional. Segundo suas palavras, *“Só se faz jornal com ética e imparcial, quando se tem bons jornalistas. Eles é que são capazes de dominarem o instrumental, as ferramentas de trabalho e de saber, mais perto que os outros, o que realmente você tem que dar ao leitor para que ele não seja enganado”*.

Dentro desse quadro, Cardoso apontou dúvidas sobre quem tem o direito de legitimar o profissional que poderá ser jornalista: *“eu discuto seriamente a questão do diploma de jornalismo, eu acho que ele é desnecessário. A minha dúvida é quem é que vai controlar isso aí, se é que tem que ter algum controle. Porque antes isso era entregue ao dono do jornal e eu não acho que esteja certo. Hoje isso está transferido para os donos de escola... não sei qual é pior”*, pondera.

Inocência

Quando entrevistei Inocência, no início de 1992, ele tinha 37 anos. Era diretor de publicações de um grande jornal, cargo que exerce até hoje. Formado em filosofia e jornalismo pela USP, considera-se jornalista desde 1972, quando *“fazia imprensa estudantil”* e era militante da libelú. Durante nosso encontro, afirmou hoje em dia achar incompatível o jornalismo profissional com a militância: *“há pessoas que fazem isso bem, eu não consigo”*.

Afirma ter chegado ao jornalismo porque foi a maneira mais fácil que encontrou de ganhar a vida, *“trabalhava numa farmácia no interior, o cara me pagava mais para ser cronista social, aí fui ser cronista social”*. Segundo ele, veio para São Paulo *“porque se ganhava mais”* e lá desempenhou várias atividades, até que foi contratado para trabalhar no extinto Leia Livros.

Do Leia, conta que foi convidado para trabalhar na editoria de cultura em um grande jornal, em 1988. Ficou um ano e passou a secretário de redação do veículo, cargo que exerceu por sete anos. Após, virou correspondente em Paris de onde voltou para outro cargo no jornal, passando em seguida para editor de publicações da empresa jornalística.

Inocêncio mostrou-se bastante crítico com os jornalistas em geral. A começar por não se identificar com a maioria dos colegas. Afirmou que tinha *“poucos amigos jornalistas, nem me sinto muito jornalista”*. Isso, em função de acreditar que *“há uma mistificação muito grande em torno do jornalista e o próprio jornalista adora criar esse teatrinho de que trabalha demais, é estressante etc. É um teatro que o jornalista faz para se dar importância, ou para tentar iludir de certa forma sua má performance no trabalho”*.

Seu modelo ideal de jornalista, é aquele que *“acorda cedo, se informa sobre o que vai cobrir, pesquisa, lê, têm boa formação humana, gosta de ler, ir ao cinema, tem uma cabeça voltada para o movimento da vida dele e vai dormir sabendo que trabalhou mais do que todos os outros ... não precisa dar furo, é um cara que trabalha bem, almeja ganhar bem e tem pleno conhecimento sobre aquilo que está escrevendo...”*

Analisando o que enquadra como mistificação da profissão, ponderou que é a proximidade com os *“poderes, sejam eles econômicos, governamentais, políticos ou sindicais”*, que dá uma impressão ao jornalista de que ele está perto da história, *“mas a importância dele é relativa, o que fica é o veículo, o veículo tem sua importância, o jornalista passa, assim como passam os governantes, os políticos e ficam as instituições”*.

Dessa forma, para Inocência, *“o jornalista em geral trabalha para tornar isso mais romântico, mais ideal, mas faz um péssimo trabalho ao idealizar essa profissão”*.

Dione

Dione tem 41 anos e se formou em Comunicação Social, habilitação jornalismo, pela Cásper Líbero em 1975. Coursou a faculdade ao mesmo tempo em que trabalhava na parte administrativa de um escritório. Afirma ter chegado ao jornalismo *“naturalmente”*, porque *“gostava de escrever”*. Da faculdade, lembra com carinho dos professores, *“velhinhos, jornalismo anos 50, com mais bagagem humana do que técnica”*.

Afirma ter conseguido seu primeiro emprego batalhando uma vaga de repórter no Diário Popular, um mês depois de formada. Trabalhou depois na Gazeta e no extinto Última Hora, *“uma experiência maravilhosa”*. Foi aí que acredita ter aprendido bastante do jornalismo: *“era uma equipe jovem, um jornal dinâmico, todos podiam interferir, até na primeira página, foi uma experiência muito interessante”*. Com a greve dos jornalistas em 1979 o jornal fechou e Dione foi para a Folha de S. Paulo, onde ficou até 1987.

Saiu em parte porque não se adaptou aos novos valores impostos pelo projeto Folhas, em parte porque tinha um filho pequeno e queria dar mais atenção a ele. Em relação ao projeto Folhas, afirma que *“a competitividade foi instalada porque as novas diretrizes exigiram uma equipe menor na redação e portanto mais seletiva. Aí as pessoas começaram a competir de outra forma”* mais acirradamente do que em sua época, quando afirmou ainda existir um grande espírito de equipe entre os colegas.

Ficou algum tempo como frila e depois foi para a revista Capricho, onde chegou a ganhar um prêmio por uma edição especial. Em 1990 saiu da revista para abrir uma empresa de assessoria, mas fechou em 1992, *“eu gostava mais do convívio nas redações”*.

Nessa época foi para o Shopping News, a convite de um amigo, como editora de comportamento. Saiu em maio de 1994 para a assessoria, onde nos conhecemos.

Dione acha que *“no jornalismo não é bom ficar muito tempo mesmo (num só lugar). O interessante, se não é a recompensa financeira, e não é, e nem o sucesso que você possa obter, que nem sempre vem, tem que ser mesmo o aprendizado”*. E defende que *“a mola que leva os jornalistas prá frente, pelo menos para mim, é isso, não ficar preso nem ficar neurotizado pela idéia de ganhar grana ou de fazer sucesso. Isso vem e vai”*.

Para ela, essa expectativa está intimamente relacionada ao que entende ser o papel do jornalista, que *“é meio mudar as coisas, meio contribuir para que o mundo seja melhor”*. Por isso idealiza realizar atividades dentro da profissão que permitam *“usar o conhecimento e traduzir isso em projetos mais dirigidos para a comunidade”*. Acha que a *“função social do jornalista está muito esvaziada hoje em dia”* pelas características da imprensa e que o *“jornalista é sempre aquele que luta e denuncia acontecimentos em outras categorias, mas prá ele próprio a coisa é diferente, se submete a um regime de trabalho muito intenso, não é recompensado pelas horas extras... isso ficou meio que normal, é a regra do jogo de um mercado estrangulado”*.

Alencar

Alencar é um dos filhos de uma família numerosa, com nove irmãos. Desses, quatro são jornalistas, mas apenas um *“exerce mesmo a profissão”*, trabalhando em um grande jornal. Com 48 anos, é jornalista profissional há 26 anos.

Avalia que fez uma *“opção bem natural”*, pois jornal sempre foi algo bastante lido na sua casa e seu irmão mais velho já era jornalista quando ele se resolveu pela profissão. Até ter sido seminarista na congregação dos Paulinos (ordem da igreja que se dedica s publicações), Alencar lembra como fato que o encaminhou para o jornalismo.

Em 1969 começou a trabalhar na Tribuna de Santos e em 1973 foi para O Estado de S. Paulo. Com a greve de 1979 foi demitido, participou do extinto Jornal da República, de Mino Carta, e em 1980 foi para a rede Globo, onde foi chefe de pauta e

editor de programas jornalísticos. Em 1988 passou a trabalhar com sua mulher, dona de uma assessoria de imprensa, onde continua até hoje.

Alencar participou do sindicato da categoria ativamente em 1986 e 1987, quando foi vice presidente, mas afirma não ter *“muita vocação”* para a atividade. Também foi professor de jornalismo, em 1993, experiência de que gostou bastante. Talvez em função dessa proximidade com futuros jornalistas, tenha uma visão otimista sobre os novos profissionais.

Em nossa conversa, defendeu um jornalismo ético e, principalmente, o diploma para regulamentar o exercício profissional. Para ele a faculdade tem que centrar sua força não nos aspectos práticos *“que o jornalista vai aprender mesmo é no jornal”*, mas tem uma missão específica: *“eu vejo como uma faculdade ética”*, que propicie um *“ritual de formação, de preparação”*. Esses rituais ajudariam a forjar profissionais com interesses e princípios comuns, pautados pela ética profissional.

Além disso, Alencar acredita que o jornalismo, por sua importância social, não pode ser uma opção meramente trabalhista, relacionada ao salário, tem que ser uma opção de vida, de maneira que o profissional não consiga ver *“outra forma de praticar o jornalismo a não ser daquela forma em que o compromisso dele é com o leitor, o compromisso dele é com a verdade”*.

Monte Alegre

Monte Alegre tem 60 anos e iniciou-se no jornalismo *“por acaso”*, como acredita, para substituir um amigo que era revisor num jornal em sua cidade, São José do Rio Preto. Gostou *“da vida de jornal, bem mais movimentada que a minha de professor comissionado”* e acabou ficando.

Trabalhou em quatro dos cinco jornais da cidade e, no final da década de 50 mudou-se para São Paulo, onde mantinha um emprego público, ao mesmo tempo em que entrou no Estadão: *“naquela época, se era para ser jornalista em São Paulo, tinha que ser no Estadão”*. Garantiu seu sonho em agosto de 1959, quando fez um teste que lhe garantiu um estágio, e posteriormente a contratação.

Passou por várias seções, sendo que no início acumulava dois empregos. *“Era funcionário público durante o dia e jornalista noite”*. Mas o mercado já buscava se especializar e Cláudio Abramo, homem forte do jornal na época, tentava garantir *“a pena profissional”*, como conta, exigindo dos seus subordinados a dedicação exclusiva ao jornalismo. Como ser jornalista era mais rentável, conta, largou seu comissionamento no governo e o projeto de se tornar advogado (que o tinha levado para São Paulo).

Em 1965, Monte Alegre passou a sub-editor de esportes (as editorias estavam sendo recém criadas). Ocupou vários cargos dentro do Estadão, até chegar *“ao poder”*. Entre 1972 e 1977, junto com outros dois colegas, assumiu um dos cargos mais altos na hierarquia: era secretário executivo da redação. Em 77 foi *“deposto”*, pelo que interpreta ter sido *“uma briga administrativa que se transformou em política”*. Com sua deposição foi levado ao ostracismo, sendo obrigado a assumir um cargo na parte da produção, no horário matinal - longe do comando e das notícias. *“Continuei no jornal por mais 14 anos e pelo menos por duas vezes estive a ponto de assumir funções de chefia, mas alguma coisa ou alguém sempre impediu que isso acontecesse”*. Em setembro de 1991, finalmente desligou-se da sua *“segunda casa ou primeira mulher”*.

Não ficou muito tempo desempregado. A convite de amigos, foi trabalhar na TV, na pauta. Trabalhou na Globo e na Bandeirantes, mas desentendeu-se com as chefias e acabou saindo. Ficou algum tempo como frila e atualmente trabalha na assessoria de imprensa da Secretaria da Cultura.

Bibliografia

Bibliografia

- ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo: jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- ABRAMO, Cláudio Weber. "Folha de S. Paulo: império dos sentidos" In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo: Cebrap, nº 31, outubro/91.
- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. *Tomando partido, formando opinião: cientistas sociais, imprensa e política*. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *La reproduction, éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Ed. de Minuit, 1970
- _____ *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____ *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____ *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____ *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____ L'Emprise Du Journalisme. In: *Actes de La Reserch in Sciences Sociales*. Paris: Ed. de Minuit, mai/1994 nº 101/102.
- BUFFON, Roseli. *Encontrando o Homem Sensível - reconstruções da imagem masculina em um grupo de camadas médias intelectualizadas*. Florianópolis: 1992, xerog.
- CALDEIRA, Teresa P.R. "A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo: junho de 1988, nº 21.
- CAMARGO, Aspásia. "Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas", In: *Dados - Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Campus, vol 27, nº 1, 1984.
- CAPELATO, Maria Helena. "Imprensa, fábrica de notícias", In: *Cadernos de Jornalismo e Educação*. São Paulo: Com-Arte, vol 11, n 25, junho de 1990.
- CARDOSO, Adalberto M. *Jornalistas: ética e democracia no exercício da profissão (um survey entre jornalistas brasileiros)*. Caxambu: XVIII Reunião Anual da Anpocs, novembro de 1994.
- CARDOSO, Ruth. "Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método", In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

- _____ e SAMPAIO, Helena. Estudantes Universitários e o Trabalho. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Anpocs, outubro/94, nº 26 ano 9 pags. 30-50.
- COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.
- _____ (org.) *Weber*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1979.
- COPANS, Jean (org.). *Antropologia, ciência das sociedades primitivas?* São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- CRAPANZANO, Vicent. "Diálogo", In: RAMOS, Alcida R. (org). *Anuário Antropológico 88*. Brasília:UnB,1991.
- DaMATTA, Roberto. "O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues", In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____ *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____ *O que faz do brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco,1991.
- DIMENSTEIN, Gilberto e KOTSCHO, Ricardo. *A Aventura da reportagem*. São Paulo: Summus, 1990.
- DURAND, José Carlos. "Mercado de Arte e Campo Artístico em São Paulo (1947/1980)".In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Anpocs, junho de 1990, número 13, ano 5, pgs 101-111.
- DURHAM, Eunice. "A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas", In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- EVANS-PRITCHARD E. "Antropologia Social", In: ZALUAR, Alba G. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- FIGUEIRA, Sérvulo A.(org) *A cultura da psicanálise*. São Paulo:Brasiliense, 1985.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *Pessoas, sujeito, meros indivíduos: Desencontros e passagens no Brasil contemporâneo*. Texto apresentado na disciplina "A subjetividade em contexto sociais específicos I: modos de subjetividade no Brasil". São Paulo: PEPG/PCL PUC-SP, segundo semestre/94.

FILHO, Ciro Marcondes. *Jornalismo Fin-de-sécle*. São Paulo: Página Aberta, 1993.

FILHO, Otávio Frias (dir.) *Manual Geral de Redação*. São Paulo: Ed. da FSP, 1987.

_____ *Novo Manual de Redação*. São Paulo: Ed. da FSP, 1992.

FONSECA, Cláudia. *Cavalo amarrado também pasta: considerações sobre a honra, a reciprocidade e a percepção do tempo na relação conjugal de um grupo popular na região sul*. Florianópolis: Trabalho apresentado na reunião da ABA em 1990, xerog.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____ *El antropologo como autor*. Barcelona: Paidós, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GOLDENSTEIN, Gisela T. *Do jornalismo político indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.

_____ *O desenvolvimento da lógica empresarial e seu impacto sobre a confecção do produto jornalístico*. Águas de São Pedro: XII Encontro Anual da Anpocs, 1988.

_____ *Folhas ao Vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GROSSI, Miriam P. *O conceito de gênero: um novo coração de mãe nas pesquisas sobre mulher?* Caxambu: XIII Encontro Anual da Anpocs, outubro de 1989, mimeo.

_____ *Devaneios íntimos, teorias explícitas: Gênero e subjetividade na antropologia*. Belo Horizonte: XVIII Reunião da ABA, 1992, xerogr.

HEIBORN, Maria Luíza: "Fazendo Gênero? A antropologia da mulher no Brasil". In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

IANNI, Otávio. "A crise de paradigmas na sociologia", In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Anpocs, nº 13, junho de 1990.

LAGO, Cláudia. *Jovens promissoras: uma etnografia do campo jornalístico*. Florianópolis: projeto de dissertação apresentado ao PPGAS da UFSC, 1991, xerog.

LAGO, Mara. *Modos de Vida e Identidade: um estudo sobre sujeitos no processo de transformação social na Ilha de Santa Catarina*. Campinas: Tese de doutorado apresentada Faculdade de Educação, 1991, xerog.

_____ *Freud, fazendo gênero?* Florianópolis: IV Jornada de Cartéis em Psicanálise, Traço Freudiano, novembro/94

- LEACH, E.R. *Repensando a antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LEVIS-STRAUSS, Claude. "A crise moderna da antropologia", In: *Revista de Antropologia*, vol. 10, junho e dezembro, 1962.
- _____. "Aula inaugural", In: ZALUAR, Alba G. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- _____. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- LIMA, Alceu de Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Com-Arte/Edusp, 1990.
- MAGNANI, José Guilherme C. "Discurso e representação, ou De como os baloma de Kiriwana podem reencarnar-se nas atuais pesquisas", In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- MALCOLM, Janet. *O jornalista e o assassino: uma questão de ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MEDINA, Cremilda de A. *Profissão jornalista, responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. *Notícia, um produto venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo; Summus, 1988.
- MELO, Sílvia Leser de. *Psicologia e Profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1975.
- MINTZ, Sidney W. "Encontrando Taso, me descobrindo", In: *Dados - Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Campus, vol 27, nº 1, 1984.
- MONTERO, Paula. "Reflexões sobre uma antropologia das sociedades complexas", In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 1991.
- _____. *Modernidade e cultura: para uma antropologia das sociedades complexas*. São Paulo: texto apresentado FFLCH da USP para obtenção da livre-docência, 1992, xerogr.
- MORAIS, Fernando. *Chatô o rei do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. "Mal estar na família: descontinuidades e conflito entre sistemas simbólicos". In: FIGUEIRA, Sérvulo A.(org) *A cultura da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.